

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO

NAIANA DE FREITAS BERTOLI

**JUVENTUDE E RELIGIOSIDADE EVANGÉLICA NA CIDADE DE
CAMPOS DOS GOYTACAZES: SINGULARIDADES EM TORNO
DE JOVENS MORADORES DE FAVELAS**

CAMPOS DOS GOYTACAZES

2013

NAIANA DE FREITAS BERTOLI

**JUVENTUDE E RELIGIOSIDADE EVANGÉLICA NA CIDADE DE
CAMPOS DOS GOYTACAZES: SINGULARIDADES EM TORNO
DE JOVENS MORADORES DE FAVELAS**

Trabalho de conclusão de curso para
obtenção do título de mestre em
Sociologia Política apresentado à
Universidade Estadual do Norte
Fluminense Darcy Ribeiro – UENF.

Orientador (a): Wania Amélia Belchior Mesquita

CAMPOS DOS GOYTACAZES

2013

NAIANA DE FREITAS BERTOLI

**JUVENTUDE E RELIGIOSIDADE EVANGÉLICA NA CIDADE DE
CAMPOS DOS GOYTACAZES: AS VIVÊNCIAS DOS JOVENS
MORADORES DE FAVELAS**

Trabalho de conclusão de curso para
obtenção do título de mestre em
Sociologia Política apresentado à
Universidade Estadual do Norte
Fluminense Darcy Ribeiro – UENF.

Orientadora: Wania Amélia Belchior Mesquita

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. D^a. Wania Amélia Belchior Mesquita – Universidade Estadual do Norte
Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) – orientadora/presidente

Prof^a. D^a. Luciane Soares da Silva – Universidade Estadual do Norte
Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)

Prof^a. Dr^a. Fernanda Pacheco da Silva Huguenin – Universidade Cândido
Mendes (UCAM)

Prof^a. Dr^a. Vania Morales Sierra – Universidade Estadual do Rio de Janeiro
(UERJ)

RESUMO

O trabalho procura contemplar os resultados de uma pesquisa sobre o modo de vida urbano de jovens evangélicos moradores de favelas da cidade de Campos Goytacazes- RJ. A pesquisa tem como base empírica entrevistas semiestruturadas com jovens de 15 a 25 anos, bem como relatos cotidianos elaborados pelos jovens, com uso de netbook, além de conversas informais com a equipe da pesquisa em torno dos relatos e grupos focais. A partir do levantamento de dados, foi possível situar algumas dimensões constitutivas do modo de vida desses jovens. Como moradores de favelas da cidade, esses jovens sofrem discriminação por morar em áreas associadas à miséria, violência e criminalidade. Quando necessitam frequentar espaços públicos – tais como o espaço cultural popular de lazer, hospitais e cemitério –, evitam identificar o seu lugar de moradia como medida de precaução a possíveis represálias de agentes ligados à criminalidade violenta do tráfico de drogas que controlam algumas favelas; demarcando, assim, os espaços da cidade a partir da proximidade com essas localidades. Observadas certas reservas morais em vivências na cidade, outras redes proximais, como as da escola, são igualmente valorizadas por possibilitarem a frequência às casas de shows, bares ou ambientes relacionados às paqueras e namoros com jovens não evangélicos.

ABSTRACT

The work seeks to address the results of a survey on the urban lifestyle of young evangelicals slum dwellers in the city of Campos Goytacazes-RJ. The research is based on empirical semi-structured interviews with young people aged 15 to 25 years as well as daily reports prepared by young people, using a netbook, and informal conversations with the research team around the reports and focus groups. From the survey data it was possible to locate some dimensions that constitute the way of life of these young people. As slum dwellers of the city such youth suffer discrimination because they live in areas associated with poverty, violence and crime. When you need to attend public cultural space as popular leisure, hospitals and cemetery avoid identifying his dwelling place as a precaution against possible reprisals agents linked to violent crime of drug trafficking, because they control some slums and thus demarcate spaces city from the proximity to these locations. Subject to certain moral reservations on experiences in the city, other networks proximal to the school are equally valued, they enabled the frequency of the houses shows, bars or environments related to dating and flirting with young evangelicals do not.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Anita e Naildo, meus pais.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos deveriam ser a tarefa mais fácil desta dissertação, entretanto não é tão simples expor com palavras toda a gratidão que sinto, não há palavras capazes de transmitir este sentimento. Entretanto em alguns parágrafos tentarei transmitir meu reconhecimento a todos que estiveram presente nessa caminhada.

À minha família, tão presente, mesmo morando em outra cidade. A vocês, Naildo, Anita, Alessandro e Tamara, pela paciência, pelo amor incondicional, pela confiança. Obrigada por compreenderem a minha ausência em momentos que deveriam ser de partilha familiar. Amo vocês!

À professora Wania Mesquita, pela amizade, sabedoria e confiança. Sem o seu apoio e a sua orientação, que impulsionaram todo este trabalho, eu não teria conseguido. Obrigada por tantos anos de aprendizagem.

Um agradecimento em especial a Carine e a Kíssila pela amizade e companheirismo. Foram mais de dois anos dividindo as angústias do mestrado. Obrigada por me mostrarem o verdadeiro sentido da palavra amizade.

Agradeço à banca de defesa do projeto de dissertação e à banca de defesa da dissertação, por aceitarem o convite.

Às professoras Luciane Soares e Vânia Morales, pelo importante aprendizado nesses dois anos.

À turma de sociologia política de 2011, pela amizade construída ao longo destes anos.

Às amiga Juliana Ywasaki e Alline Faial, colegas de república, mesmo com tantos problemas, e foram muitos, obrigada pela amizade e paciência.

Aos meus amigos de Iconha-ES, Bruna, Cleidia, Franciane, Guilherme e Letícia, sei o quanto torceram por mim e quanto eu estive distante.

Aos meus amigos, Douglas, Renan, Manuela, Natalia, Vanessa, Michele, Suellen, Gabriela, Rafaela, Anny, Rodrigo, Rachel, por compreenderem a importância deste trabalho e a minha ausência prolongada em vários momentos.

Ao Professor e funcionários do CCH/LESCE.

À UENF/FAPERJ/PRONEX pelo apoio disponibilizado.

À todos que de alguma maneira se fizeram presentes nessa caminhada árdua e prazerosa, apoiado e acreditado na realização deste trabalho.

Aos jovens desta pesquisa que sem eles este trabalho não teria acontecido.

Por último, mas não menos importante à Deus!

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	9
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – RELIGIOSIDADE E JUVENTUDE EVANGÉLICA NO CONTEXTO URBANO: APROXIMAÇÕES DE UMA ABORDAGEM TEÓRICA.....	23
CAPÍTULO 2 – A PRESENÇA RELIGIOSA EVANGÉLICA NAS FAVELAS DA CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES.....	34
CAPÍTULO 3 – A PESQUISA COM JOVENS EVANGÉLICOS MORADORES DE FAVELA: PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	46
3.1 - OS MÉTODOS ETNOGRÁFICOS.....	52
CAPÍTULO 4 - OS JOVENS EVANGÉLICOS E OS VÍNCULOS RELIGIOSOS.....	58
4.1 - OS JOVENS E A IGREJA: PERCURSOS E APROXIMAÇÕES.....	60
4.2 - OS CULTOS E AS ORIENTAÇÕES AOS JOVENS.....	80
4.3 - JOVENS EVANGÉLICOS E ALGUMAS EXPRESSÕES DE SUAS SOCIABILIDADES NA CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	104
ANEXOS.....	114

INTRODUÇÃO

Dei início ao estudo de jovens moradores de favela não por simples curiosidade. Confesso que, antes mesmo de ingressar na graduação de Ciências Sociais, esse tema era estranho a mim, principalmente no tocante à favela, pois era distante de minha realidade – já que eu residia em uma cidade de interior muito pequena e bem rural. No decorrer da graduação, deparei-me com diversos temas intrigantes que foram desenvolvendo uma visão diferenciada da qual eu tinha anteriormente. A cidade de Campos dos Goytacazes foi um verdadeiro laboratório. Como tudo era novo, eu me interrogava a todo tempo sobre diversos problemas aqui encontrados, e a favela foi um deles. A Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) se localiza próximo a algumas favelas de Campos dos Goytacazes, as quais, diferentemente das do Rio de Janeiro, até então conhecidas através da televisão e revistas, não são bairros localizados em morros, são planos como toda a cidade.

Minha primeira casa em Campos dos Goytacazes era próxima à entrada de uma dessas favelas, e logo descobri que era também a entrada da boca de fumo. Era meu primeiro semestre da graduação e permaneci nessa casa por dois meses. Ainda que de forma inconsciente, comecei a querer entender essa situação nova que me era apresentada. Contudo, ao me mudar para outra residência, encontrei outra interrogação: o muro do condomínio em que vivo até hoje era o que dividia as suas casas, da favela. E esse muro aumentou no decorrer dos anos.

No decorrer da graduação resolvi que queria fazer Iniciação Científica e, de todas as interrogações sobre diversos problemas que eu poderia ter, *favela* ainda era algo que me intrigava. Confesso que com certo receio, pela peculiaridade do tema. Dentre os professores e suas linhas de pesquisa acabei chegando à minha atual orientadora. A pesquisa foi se desenvolvendo e me levando a questionar diversos outros assuntos que acabaram sendo recortes essenciais para eu realmente destinar um foco. A pesquisa em si já destacava a questão religiosa e focalizava os jovens moradores de favela; no decorrer dela, conseguimos estudar diversas hipóteses que tínhamos e também novas.

As bibliografias lidas e as matérias cursadas concomitantemente com a pesquisa, clareavam minhas ideias. Meu objeto de estudo começava a se tornar uma realidade para mim, e consegui ver a importância desses conhecimentos em cada relatório de Iniciação Científica, bem como nos próprios relatórios que minha orientadora devia apresentar à instituição financiadora do projeto. Minha crise foi ter que focar em um tema menor para a elaboração da monografia, principalmente pelo pouco tempo que havia, ficando o gosto de “quero mais” para um possível mestrado.

As percepções e vivências dos jovens moradores de favela, determinados muitas vezes pela religião, eram instigantes. As experiências cotidianas vividas nas favelas, como os jovens se comportam e como dialogam sobre diversos temas, como violência; drogas; cidade; Deus etc. e como pensam serem vistos pela sociedade. Há na cidade de Campos dos Goytacazes favelas consideradas rivais, o que pode vir a interferir na forma como se transitam pela cidade. Esse ponto me chamou muita atenção, fazendo emergir estas questões: como se dá e em quais circunstâncias acontece o deslocamento desses jovens moradores de favela pela cidade de Campos dos Goytacazes; especialmente como isso acontece considerando os seus possíveis vínculos religiosos.

Ao ingressar no mestrado, foi possível levar adiante o meu interesse em desenvolver uma pesquisa associada aos estudos anteriores. Algumas questões nortearam inicialmente o estudo. O pertencimento religioso pode interferir na forma com que jovens se apropriam do espaço urbano? Considerei como hipótese que os jovens evangélicos estabelecem sociabilidades por meio do pertencimento religioso, que ampliam os circuitos (MAGNANI, 2010) e usos dos espaços da cidade.

Neste sentido o objetivo fundamental da dissertação é compreender as formas de sociabilidades desses jovens evangélicos moradores de favelas através do entendimento das suas práticas e percepções religiosas, assim como as relações que estabelecem com os espaços e instituições da cidade de Campos dos Goytacazes. A pesquisa tem como base empírica entrevistas

semiestruturadas com jovens de 15 a 25 anos e os relatos cotidianos elaborados pelos jovens, com uso de *netbook*.

A ideia do uso dos *netbooks* pelos jovens é originária da proposta de uma pesquisa mais ampla¹ que a minha orientadora integra e coordena um subprojeto na cidade de Campos dos Goytacazes². Como integrante dessa pesquisa, tive a oportunidade de participar de discussões teórico-metodológicas mais amplas, assim como compartilhar o levantamento de dados e análises parciais para o desenvolvimento da minha dissertação. Anteriormente, uma equipe de pesquisa coordenada pela minha orientadora havia se voltado para as favelas Matadouro, Tira-Gosto e Baleeira. No caso do Pronex, ampliaríamos para a favela São Mateus. Nesta pesquisa anterior, conversei e entrevistei alguns jovens, o que nos levou à definição dos jovens de duas destas localidades. Ainda que tivéssemos contatos com jovens da Baleeira, optamos por um jovem indicado por outra pesquisadora da equipe. A definição da quarta favela foi orientada pela indagação sobre o modo de vida dos moradores de outras áreas da cidade; no caso, o distrito de Guarus. O contato com o jovem desta favela também decorreu de contatos da referida pesquisadora do grupo. Duas das quatro favelas, Matadouro e Tira-Gosto, localizam-se às margens do Rio Paraíba do Sul. A primeira tem o nome do antigo Matadouro da cidade, e ambas encontram-se em proximidade aos condomínios de classe média, serviços e à Universidade. Já a favela Baleeira,

¹ Pesquisa Pronex *Juventude , desigualdades e o futuro do Rio de Janeiro*, coordenado por Adalberto Cardoso (IESP-UERJ). O projeto pretende oferecer um diagnóstico abrangente da situação dos jovens no Estado do Rio de Janeiro, utilizando pesquisas quantitativas e qualitativas nas regiões Norte, Sul e Metropolitana do Estado, envolvendo pesquisadores de 5 instituições de ensino e pesquisa e 15 pesquisadores. Visa analisar as condições estruturais de reprodução dos jovens, seus projetos de vida, sua sociabilidade e padrões culturais, a violência e a entrada na vida adulta.

² A pesquisa "Jovens evangélicos moradores de favelas: vínculo religioso, redes de sociabilidade e estilo de vida na cidade de Campos dos Goytacazes – RJ". Pronex Juventude. FAPERJ. Este estudo ainda em desenvolvimento busca compreender e interpretar as experiências urbanas de jovens evangélicos moradores de favelas e ex-moradores dessas localidades residentes em unidades habitacionais do Programa Habitacional Municipal Morar Feliz.

está localizada no bairro do Caju, próxima a um dos cemitérios da cidade e à antiga estrada de ferro Leopoldina, já desativada (BERTOLI, 2010).

A problemática de pesquisa desta dissertação de mestrado é um desdobramento do estudo que desenvolvi na monografia do curso de graduação de Ciências Sociais em 2010, mais especificamente sobre religiosidade, percepções e vivências dos jovens moradores de favelas em Campos dos Goytacazes. A pesquisa realizada em três favelas desta cidade foi vinculada aos projetos coordenados pela professora Wania Amélia Belchior Mesquita (UENF) ³. Um dos aspectos verificados foi o modo de vida, baseado no entendimento das experiências cotidianas dos jovens moradores de favelas a partir dos valores religiosos evangélicos e sua construção de “visão de mundo” (GEERTZ, 1978). Dessa forma, a pesquisa indicou que, na condição de moradores de favelas, os jovens sentem-se estigmatizados por morarem em territórios associados ao domínio do tráfico e à impossibilidade de acesso e uso a outros espaços e instituições da cidade.

Pertencer e apresentar-se (GOFFMAN, 1975) como “evangélico” pode ser (é) uma das formas de atenuação do estigma (GOFFMAN, 1974) do jovem morador de favela, constantemente criminalizado pelo seu local de moradia (ZALUAR E ALVITO, 2006). Identificar-se como pertencente a um grupo

³ MESQUITA, Wania Amélia Belchior (Coord.). “Percepções e estratégias de ação dos pentecostais moradores de favelas de Campos dos Goytacazes” Edital Universal CNPq /2008 (a). Este projeto tem por objetivo compreender o pentecostalismo e suas articulações nas favelas. Trata-se de entender como este segmento religioso estabelece mecanismos capazes de alterar as formas de sociabilidade dos moradores em proximidade territorial com a criminalidade violenta. Indaga-se ainda, como estes pentecostais identificam e elaboram alternativas/recursos capazes de amenizar os riscos e inseguranças num contexto de violência. Nessa perspectiva, também se explora as possibilidades de inserção dos pentecostais numa rede social que amplia o acesso aos serviços urbanos e às outras instâncias da cidade.

MESQUITA, Wania Amélia Belchior (Coord.). Cidadania sob cerco: percepções e estratégias de ação dos moradores de favelas. Edital Primeiros Projetos FAPERJ/CNPq .- 2007 (b). Este projeto tem por objetivo a Análise do impacto dos problemas da criminalidade violenta junto aos moradores de favelas da cidade de Campos dos Goytacazes-RJ. Buscar-se através de métodos qualitativos observação/acompanhamento das rotinas dos moradores, entrevistas e grupos focais -- compreender como essa população lida com a violência em seu cotidiano e quais as alternativas/recursos de que dispõe para reduzir a insegurança e o risco nas favelas. Visa-se incidir na amplificação/legitimação de suas vozes no espaço público, de modo a fortalecer-los como atores com capacidade de intervir de forma qualificada na construção de uma política de segurança pública que as inclua.

religioso, transcorre em uma adoção de *ethos* possuidor de atributos morais. (MARIZ, 1998; MESQUITA, 2009).

Na cidade de Campos dos Goytacazes, há uma configuração de circulação dos moradores de favelas na cidade a partir do controle destes territórios por bandos de traficantes de drogas que impõem uma ordem violenta e demarcam alguns espaços sociais da cidade como uma área pertencente a cada uma das facções presentes nestes locais (SOUZA, 2010).

Entender o fenômeno da presença das igrejas e grupos evangélicos nas favelas compreende uma análise que deve considerar a diversidade de igrejas e os tipos sociais da população que compõem estas denominações. O termo evangélico adotado no contexto deste projeto refere-se, em termos analíticos, às doutrinas cristãs protestantes; e igualmente o considero como categoria nativa. Estudos indicam uma presença cada vez mais marcante dos evangélicos na sociedade brasileira. Nos últimos dez anos o Brasil vem apresentando um crescimento no número de evangélicos. Segundo os dados do Censo 2010 do IBGE, 16% dos brasileiros são desta religião. As estatísticas também indicam que a igreja Católica vem perdendo uma parte expressiva de seus fiéis e que, possivelmente, a transferência desses se deu para as correntes evangélicas, principalmente as pentecostais.

No caso do contexto da pesquisa interessa compreender como o jovem morador de favela da cidade de Campos dos Goytacazes, em algum momento da vida, vivencia uma experiência religiosa evangélica que pode levar à sua “conversão”; e como esta filiação compõe sua identidade social, mesmo que em algum momento mude a sua relação com o grupo religioso. Neste sentido, o foco do estudo direciona-se a jovens membros de igrejas consideradas pentecostais e neopentecostais. Diferentemente das igrejas históricas: são aquelas pertencentes às doutrinas vindas das ideias de Calvino e Lutero, como por exemplo, as batistas, metodistas e presbiterianas⁴ que, de modo geral, têm os cultos mais silenciosos e rigorosos; as igrejas pentecostais são mais maleáveis quanto aos cultos. Eles consideram a crença no Espírito Santo como

⁴ Dado extraído do estudo Retrato das Religiões no Brasil, Fundação Getúlio Vargas, que explicou divisão religiosa por classes sociais. Ver: www.fgv.br

fé maior, o batismo no Espírito Santo é seu foco central, “(...) o batismo no Espírito Santo não é um rito como o batismo com águas, e sim uma presença toda especial do Espírito Santo, que tem como sinal exterior proferir algumas palavras estranhas” (ROLIM, 1987, p.7). Enquanto as igrejas históricas são frequentemente encontradas entre as camadas médias, as pentecostais estão mais presentes nas camadas empobrecidas como as favelas; o que não quer dizer, entretanto, que não haja igrejas tradicionais em lugares mais pobres. É dentro das camadas mais empobrecidas que as igrejas pentecostais vão encontrar pessoas para os cargos de pastores e auxiliares, já que na igreja tradicional é preciso ter formação escolar (ROLIM, 1987). Mariano (2008) ressalta que há uma maior concentração de igrejas pentecostais em áreas mais pobres da cidade como, por exemplo, as favelas. O crescimento das igrejas evangélicas, principalmente pentecostais, tem levado a mudanças lentas e irreversíveis para diferentes setores da sociedade.

As mudanças que vêm acontecendo no cenário religioso no Brasil destacam a existência de um pluralismo religioso intrafamiliar. Cada vez mais os jovens⁵ se diferenciam das religiões dos pais, rompendo com a religião familiar e convertendo-se a outro segmento (NOVAES, 2008; MARIZ, 2005). As religiões oferecem mais um espaço de sociabilidade para os jovens, além da família, escolas, vizinhanças etc. Através da religião, os jovens têm acesso a diversas formas de lazer como passeios, viagens, dança, música, além da oportunidade de circulação (MAGNANI, 2010) pela cidade, por isso a religião é uma forma de ampliar as redes de sociabilidade no cotidiano dos jovens (RODRIGUES, 2007).

Outros estudiosos também indicam que as religiões tradicionais estão sofrendo transformações revivalistas, caracterizando um processo racional da sociedade moderna (HERVIEU-LÉGER 2008). Neste novo cenário de mudanças, o indivíduo é livre para experimentar suas práticas religiosas. As identidades⁶ religiosas vão surgindo de acordo com as necessidades

⁵Juventude será abordada como uma categoria social não homogênea.

⁶ Para a Hervie-Léger (2008) a mobilidade é a característica mais marcante da identidade do religioso moderno, essa identidade é representada, principalmente por causa do aparecimento dos atores religiosos da modernidade: o “peregrino” e o “convertido”. “O ‘peregrino’ é o símbolo

individuais, caracterizando-se assim num enfraquecimento das instituições religiosas. Para Steil (2001), o enfraquecimento dessa instituição é uma característica da sociedade secularizada. Essas sociedades experimentam o enfraquecimento social e cultural destas instituições juntamente com as novas formas de crença, sob outras normas,

nas sociedades modernas, a crença e a participação religiosa são 'assuntos de opção pessoal': são assuntos particulares que dependem da consciência individual e que nenhuma instituição religiosa ou política podem impor a quem quer que seja. (Hervieu-Léger, 2008: 34)

Nesta dinâmica, a desconstrução dos sistemas tradicionais de crenças e a singular mobilidade religiosa contemporânea dão espaço para o surgimento de novos grupos religiosos, o que significa que vivemos numa era de religiosidade em expansão, (BERTOLI, 2010), vivenciando um pluralismo religioso (BEGER, 2001). O mundo religioso se torna dinâmico e em constante transformação, o crente é móvel e autônomo (MARIZ E MACHADO, 1998). Segundo Hervieu-Léger (2008) as novas formas religiosas têm uma liberdade em relação à identidade religiosa capaz de produzir o próprio tipo de crença que é chamada de "bricolagem". O indivíduo passa a crer, mas sem pertencer a uma instituição ou a uma Igreja. A partir dessa paisagem religiosa contemporânea, o movimento religioso pentecostal⁷ ganha destaque na medida em que afeta diretamente os padrões sociais e culturais das sociedades modernas.

da religião em movimento, da diversidade de trajetórias individuais e das mobilidades das pertencas, opondo-se ao praticante, que é fixo, enquanto o 'peregrino' é móvel. O 'convertido' surge como o sujeito que escolhe a religião que deve seguir, a conversão assume antes de tudo uma dimensão de uma escola individual, na qual se manifesta por excelência, a autonomia do sujeito crente, que é capaz de impor sua identidade religiosa e pessoal, logo uma atitude autêntica" (SILVEIRA, 2010).

⁷ Proveniente dos EUA, foi chamado Missão de Fé Apostólica na rua Azusa Street, Los Angeles. E ocorreu praticamente dentro da Igreja Metodista ao afastarem dos ensinamentos dessa Igreja. Destaca-se que, além dos entusiasmos e da exaltação, esse movimento tem os mesmos desejos que a origem do protestantismo nos EUA, como o desejo de liberdade e da não dependência de institucionalização. Esse movimento passa a ser chamado "pentecostal" porque o ponto central da religião é o batismo no Espírito recebido como num dia de Pentecoste. Esse ato é descrito em Atos dos Apóstolos (2, 1-12; 10, 44-48; 19, 17) (BERTOLI, 2010:16).

No Brasil o pentecostalismo⁸ se inseriu de forma marcante. O Censo de 2012 mostra que, dos 42,3 milhões de evangélicos brasileiros, um total de 25,4 milhões são pentecostais; se comparado ao Censo de 2010, onde o total dos evangélicos no Brasil era 26, 2 milhões e, destes, 18 milhões eram pentecostais. Esse panorama se reflete por muitas cidades brasileiras, como Campos dos Goytacazes. Este aumento é evidenciado por Mariano (2008) ao perceber que o pentecostalismo passa a ter um amplo reconhecimento público, ganhando espaço em emissoras de TV, em programas de rádio e também no cenário político, juntamente com ações assistencialistas dessas igrejas, que proporcionam apoio espiritual e material aos seus fiéis (MESQUITA E SIERRA, 2008).

Segundo Paul Freston (1994) e Mariano (2008) o crescimento do pentecostalismo não se dá exclusivamente por causa do agravamento da pobreza. Para estes autores esse fator é relevante, mas os aspectos culturais, sociais e religiosos são também importantes, assim como o político e o econômico. De acordo com Freston:

(...) A religião é ambivalente, oferece diferentes coisas a diferentes indivíduos. (o pentecostalismo é flexível e é improvável haver uma única razão para o seu crescimento. Assim é necessário levar-se em conta não apenas os fatores econômicos e políticos, mas sociais, culturais, étnicos e religiosos; não apenas o nível macro (quais são as configurações favoráveis à conversão), mas também o nível micro (porque as pessoas com estas características se convertem) (FRESTON, 1994:16).

O pentecostalismo é um dos movimentos religiosos mais destacados no mundo. As igrejas pentecostais podem ser compreendidas através de uma

⁸ Das características marcantes das igrejas pentecostais pode-se identificar o “batismo no Espírito Santo” e a glossolalia; nome empregado para o fenômeno de Falar em línguas estranhas, sendo um ato de falar com Deus, mas numa linguagem Divina. Os cultos ao ar livre, novos estilos de músicas, as maneiras que se manifestam durante os cultos, dançando, batendo palmas, repetindo várias vezes palavras como “aleluia” e “glória” em voz alta; a importância dada à revelação direta do Espírito Santo, que consistiria em graças concedidas às pessoas para entenderem as verdades e os mistérios da fé contidos nas Escrituras; a prática de batizar somente adultos; um rigor moral que proíbe o que pode parecer fútil e mundano, como beber, fumar, assistir à televisão e, sobretudo para as mulheres, a vaidade; grande facilidade em interpretar como avisos ou revelações divinas alguns acontecimentos da vida; visão das doenças como punições divinas pelo pecado (BERTOLI, 2010:16-17).

tipologia que as compreende a partir de ondas de acordo com o seu surgimento⁹. Esse fenômeno, em apenas poucas décadas, conseguiu uma enorme quantidade de adeptos na sociedade brasileira (FRESTON, 1994). O que também diferencia o pentecostalismo de outras religiões é a sua estrutura flexível, sua característica de se reinventar e assumir formas únicas. Freston (1994) afirma que o crente pode organizar uma igreja em qualquer lugar, por não depender de um clero formal; sendo este um dos mecanismos de maior eficácia a sua rápida expansão. Rolim (1985) também ressalta que,

(...) Cada crente que se desloca carrega consigo sua igreja para plantá-la no lugar onde vai morar. Não espera a construção de um templo, nem da chegada de algum pastor. Estabelece o culto nas suas próprias casas, nas periferias das cidades ou vilas, ou mesmo na área rural. A nucleação, ou seja, a germinação de pequenos grupos, composto de reduzidas pessoas (3,5 ou 9) foi o processo de que, desde o início, lançou mão a Assembleia para a sua rápida expansão. Foi o germe que fez os templos se multiplicarem (...) muitas casas de crenças foram a matriz da nucleação. (ROLIM, pág. 46, 1985)

Segundo Machado (1996), a religião pentecostal incentiva o ascetismo individual, favorecendo aqueles que vivem em situações de privações materiais. Os fiéis são instigados a parar de beber, de fumar, à castidade (prática do sexo depois do casamento). Essas manifestações religiosas acabam agindo como se fossem uma forma de recuperação da moralidade humana. O crente passa a ter um novo estilo de vida (MARIZ E MACHADO, 1998). A fé é legitimada pela adoção de certas práticas religiosas, que são vivenciadas nas igrejas.

As religiões evangélicas são formadoras de redes de solidariedade e sociabilidade, em especial nas favelas. Nelas, as igrejas pentecostais abrigam uma densa rede de relações que atraem pessoas em estado de maior

⁹ No caso brasileiro, a primeira onda é representada pelas duas igrejas antigas: a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil. A segunda ocorre nos anos 1940 e 1950, quando o pentecostalismo se encontra mais urbano. Em 1970, a terceira onda, o neopentecostalismo, é marcada pela Igreja Universal do Reino de Deus. (...) Das características marcantes das igrejas pentecostais pode-se identificar o “batismo no Espírito Santo” e a glossolalia nome empregado para o fenômeno de Falar em línguas estranhas, sendo um ato de falar com Deus, mas numa linguagem Divina. Esse movimento passa a ser chamado “pentecostal” porque o ponto central da religião é o batismo no Espírito recebido como num dia de Pentecoste. Esse ato é descrito em Atos dos Apóstolos (2, 1-12; 10, 44-48; 19, 17) (BERTOLI, 2010).

vulnerabilidade. Os indivíduos em interação constroem as redes religiosas pentecostais que geram maior integração social, principalmente naquelas denominações que sobrepõem outros vínculos como de parentesco e de trabalho e isto é um forte fator de atração de adeptos (ALMEIDA, 2004).

Na cidade de Campos dos Goytacazes é possível verificar, em relação aos dados estatísticos do IBGE 2000 e 2010, que os evangélicos representam 20,79% da população em 2000 e 31,06% em 2010. Os evangélicos de origem pentecostal representavam 9,36% da população evangélica em 2000 e 14,72% em 2010. E ainda a Assembleia de Deus (AD) representava 3,91% em 2000 e 7,19% em 2010. Logo, pode-se observar que também na cidade de Campos é expressivo o aumento da população evangélica de forma geral, sobretudo os pentecostais da AD, que praticamente dobraram em uma década. Dessa forma, é possível afirmar que a AD é a igreja mais expressiva dentro do grupo evangélico de Campos, seguida pela Igreja Batista, com 32.500 pessoas, e pela Igreja Universal do Reino de Deus, com 14.739 pessoas. Observa-se que em Campos dos Goytacazes o pentecostalismo continua em expansão, acompanhando uma tendência nacional.

O crescimento das igrejas evangélicas, principalmente pentecostais, tem levado a mudanças lentas e irreversíveis para diferentes setores da sociedade. Por sua vez também continua alcançando majoritariamente os segmentos mais desfavorecidos da população. Este crescimento tem se dado em um contexto de liberdade, tolerância, pluralismo e concorrência religiosa. O pentecostalismo se faz presente em diversos estratos sociais, entretanto é nos segmentos mais empobrecidos da sociedade que o crescimento se dá de forma mais expressiva (MARIANO, 2004).

A literatura da sociologia da religião no Brasil tem chamado atenção e analisado a expressão numérica e social do crescimento dos evangélicos na última década do século XX e na primeira década do século XXI. Um cenário religioso brasileiro que certamente coloca desafios e aprofundamentos de investigação dos evangélicos urbanos na contemporaneidade. Neste contexto, pesquisas qualitativas realizadas em favelas da cidade de Campos dos Goytacazes (MESQUITA, 2008) constatam um acentuado número de

denominações evangélicas nestes territórios, que se estabelecem nestes territórios que possuem características heterogêneas (VALLADARES, 2005; ZALLUAR e ALVITO, 1998; PANDOLFI e GRYNSZPAN, 2003).

A rápida expansão de igrejas evangélicas nas favelas de Campos dos Goytacazes constituiu um fenômeno social, como outras tantas denominações religiosas surgidas em áreas periféricas da cidade. Entretanto, tal fato pode ser significado se considerarmos o contexto e o modo de vida dos seus moradores e a relação que estabelecem com estas igrejas, especialmente ao fato de que esses grupos atenderiam às necessidades particulares destes segmentos da população (MESQUITA, 2009), correspondendo a certas relações que deveriam ser interpretadas como estratégias sociais utilizadas a fim de lidar com os problemas cotidianos relacionados à precariedade dos serviços públicos, a violência cotidiana do tráfico, as ações policiais, a restrição de acesso à cidade, o estigma e o não reconhecimento como integrante da cidade pelos de fora das favelas (VALLADARES, 2000).

Em um primeiro momento da pesquisa, ao selecionar esses jovens, foi concedido a cada um deles um *netbook* financiado pelo PRONEX. Cada jovem recebeu um *netbook* e um *pen drive* para que tivessem como escrever os diários e enviar por *e-mail* para a pesquisadora. Foi acordado com eles que deveriam escrever duas vezes por semana de acordo com o seguinte roteiro: o que ele fez de mais importante/interessante no dia; e sobre outros dias da semana, destacando alguns temas como: família; vizinhos; amigos; casamento/namoro/pegação; lazer; trabalho; escola.

Durantes seis meses mantive contatos com eles apenas por *e-mail* e telefone, dando início às entrevistas semiestruturadas em momento posterior. As entrevistas eram realizadas em lugares definidos com os jovens e posteriormente transcritas, codificadas e analisadas. Também busquei anotar as minhas impressões durante as entrevistas como, por exemplo, dos gestos e posturas corporais desses jovens durante as entrevistas, para que dados minuciosos e relevantes pudessem ser apreendidos com maiores detalhes.

Inicialmente nas idas às favelas e aos cultos, em vez da “observação

participante”, escolhi outros instrumentos como “a caminhada, a observação, a grade classificatória” (MAGNANI, 2008a). Para registrar as conversas estabelecidas com os jovens e minhas observações durante os percursos realizados com eles pela favela, mantive o uso do diário de campo (GEERTZ,1978). Neste contexto, o diário de campo buscou, na linha dos relatos de viagem, “o particular contexto em que os dados foram obtidos” (MAGNANI, 2008b).

O primeiro capítulo, intitulado “Religiosidade e juventude evangélica no contexto urbano: aproximações de uma abordagem teórica” tem por objetivo delimitar alguns aspectos sobre a adesão religiosa dos jovens. Para isso, faço algumas considerações sobre campo religioso brasileiro.

Em seguida, no segundo capítulo, intitulado “A presença religiosa evangélica nas favelas da cidade de Campos dos Goytacazes”, apresento autores da antropologia e sociologia da religião no Brasil que estudam o crescimento das igrejas evangélicas, principalmente o crescimento das igrejas pentecostais nas últimas décadas. Para um entendimento sobre a vivências destes jovens evangélicos moradores de favelas, apresento um breve levantamento histórico da cidade de Campos dos Goytacazes, destacando o surgimento das favelas. Por fim destaco autores que seus estudos mostram a presença pentecostal no interior das favelas desta cidade.

O terceiro capítulo, intitulado “A pesquisa com jovens evangélicos moradores de favela: percursos metodológicos”, tem como objetivo contextualizar as etapas da pesquisa, os métodos etnográficos usados, os locais da observação e a descrição do campo. A construção empírica desse trabalho foi fundamentalmente realizada através das análises dos diários elaborado pelos jovens, das entrevistas semiestruturada realizadas com esses jovens, da realização de um grupo focal, das favelas e das igrejas visitas juntamente com os jovens. A metodologia de investigação é fundada em uma abordagem qualitativa que busca entender as práticas e vivências desses jovens evangélicos moradores de favelas.

No quarto capítulo intitulado “Os jovens evangélicos e os vínculos religiosos”, através dos dados coletados busquei examinar as formas de aproximação dos jovens as igrejas e posteriormente a “conversão”, bem como os elementos que atrativos aos jovens em um primeiro momento e o determinam sua permanência ou afastamento das igrejas e dos grupos religioso. Também foi analisado os espaços de sociabilidades, das vivências religiosas considerando suas experiências, percepções. Por último considero a presença de fronteiras que limitam circulação pelo espaço público.

CAPÍTULO 1 – RELIGIOSIDADE E JUVENTUDE EVANGÉLICA NO CONTEXTO URBANO: APROXIMAÇÕES DE UMA ABORDAGEM TEÓRICA

A expansão pentecostal no Brasil tem constituído objeto de análises e problematizações sobre o campo religioso brasileiro. Como Sanchis (2001) afirma, este campo está em constante mutação, a religião está perdendo sentidos tradicionais e antigas funções e passando a adquirir novos. Estas transformações têm sido marcadas pela “ampliação da oferta de bens e serviços, associada à competição religiosa definida dentro de uma lógica pluralista e de liberdade de escolha” (SANTOS, 2009).

Essa tendência da expansão pentecostal no Brasil está relacionada com a difusão de diversas igrejas dentro do pentecostalismo, predominante as chamadas igrejas históricas (MACHADO, 2005). Atualmente, ao falar em “religião dos brasileiros”, o catolicismo tem sido considerado apenas uma das religiões dos brasileiros (SANCHIS, 2001). Com o fim da hegemonia católica, surgiram novos fenômenos religiosos.

(...) a concessão de liberdade religiosa e a separação Igreja-Estado, romperam definitivamente com o monopólio católico, abrindo caminho para que outros grupos religiosos pudessem ingressar e se formar no país, disputar e conquistar novos espaços na sociedade, adquirir legitimidade social e consolidar sua presença institucional (MARIANO, 2003:112).

Essas novas vertentes religiosas no campo religioso brasileiro estão vivendo atualmente um tipo novo de porosidade, sob a forma de indecisões, de cruzamentos, de identidades múltiplas (SANCHIS, 2001). Para PIERUCCI (1997) a religião está se ressurgindo. O Brasil assumiu um novo perfil no campo religioso, a expansão dos evangélicos, principalmente a vertente pentecostal, é demonstrada nos últimos censos (2000- 2010). O jovem dessa geração passa a fazer suas escolhas em um campo religioso mais plural e competitivo (NOVAES, 2004). A autora demonstra, portanto, como a opção da religiosidade se dá na vida dos jovens a partir das mudanças que vêm acontecendo entre as gerações, que passam a ter maior liberdade ao

experimentar a religiosidade, construindo outras classificações religiosas e experimentando novas combinações sincréticas. Nas últimas décadas verificou-se que, no Brasil, os jovens estão cada vez mais aderindo aos movimentos religiosos (NOVAES, 2001), contrariando as teorias da secularização, e vivendo numa era de religiosidade em expansão (HERVIEU-LÉGER, 2008).

Esse novo cenário, surge novas formas de socialização dentro do campo religioso e para além da religião e para a configuração de uma nova ética de vida que combina o individualismo, a busca por estar-junto, a racionalidade, a busca por ascensão social e por experiências emocionais individuais e coletivas (ROMERO, 2005:28).

Compreender a participação religiosa de jovens evangélicos implica ainda no entendimento da religião “como um dos aspectos que compõem o mosaico da grande diversidade da juventude brasileira” (NOVAES, 2008:263). Falar de juventude¹⁰, Novaes (2006) acrescenta ainda que são jovens com idades iguais podem viver juventudes desiguais (NOVAES 2006:105).

A juventude é marcada pela intensa transformação da visão de mundo; dentre tantos elementos que lhes são estabelecidos como imutáveis, a religião torna-se foco, principalmente sobre as incertezas e inseguranças do mundo atual.

¹⁰ O termo juventude implica em uma pluralidade referindo-se à(s) juventude(s), um grupo social que pode ser categorizado a partir de diferentes variáveis (demográficas, econômicas, culturais, etc.). O jovem não pode ser caracterizado como uma categoria única e fixa (BOURDIEU, 1983). Estudiosos ressaltam que a juventude não forma um grupo coeso e singular, “... compreender a juventude como uma complexidade variável, que se distingue por suas muitas maneiras de existir nos diferentes tempos e espaços sociais” (CARRANO, 2000, p.12). Logo, os jovens não podem ser vistos como uma classe social ou grupo homogêneo, as características dos jovens estão sempre em construção, é uma categoria sem atributos pré-definidos, elas mudam de sociedade para sociedade e na mesma sociedade (ABRAMO, 1997, CARRARO, 2000).

“(...) a juventude é uma categoria socialmente construída. Ganha contornos próprios em contexto históricos, sociais distintos, e é marcada pela diversidade nas condições sociais (...), culturais (...), de gênero e até mesmo geográficas, dentre outros aspectos. Além de ser marcada pela diversidade a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as mutações sociais que vem ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeito que a experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se insere” (DAYRELL 2007:4).

O conceito de juventude pode ser entendido de acordo com o contexto histórico, político e social no qual o indivíduo está inserido. A relação entre juventude e sociedade pode ser percebida em termos de reciprocidade, isto é, a palavra juventude indica um conjunto de relações sociais vividas pelos elementos considerados jovens de uma determinada sociedade, pois depende em grande parte das influências orientadoras e diretoras vindas de fora, saber se essa potencialidade será suprimida ou se será mobilizada e integrada num movimento (MANNHEIM, 1968).

No caso dos jovens moradores de bairros pobres, “favelas”, destacam-se as desigualdades que são expressas em sua particularidade na vida urbana (NOVAES, 2007). Teixeira (2008) afirma que os jovens pobres, muitas vezes, estão distantes dos padrões de consumo e de vida associados à juventude e difundidos pela mídia. Segundo Piccolo, (2010:110) em nossa sociedade, a categoria “jovem” tornou-se um “problema social”. A juventude passou a ser concebida como momento de crise, irresponsabilidade, rebeldia. O jovem é representado como potencialmente perigoso e, como aponta Abramo (1997:25), “nas matérias veiculadas nos meios de comunicação, costuma ser associado a outros “problemas sociais”, como violência, a exploração sexual, o uso de drogas (...)” A categoria juventude é associada a uma imagem de possível problema social (ABRAMO, 1997; MENDES, 2001; PICCOLO, 2010).

Muitos jovens brasileiros na atualidade vivem em um contexto marcado por diversos problemas como pobreza, dificuldade de inserção no mercado de trabalho e diversos outros conflitos decorrentes da vida moderna. No caso dos jovens moradores de favelas, muitos enfrentam diariamente problemas como: a ausência de políticas públicas, falta de espaço para o lazer e a violência policial (TEIXEIRA, 2008) e dos bandos de traficantes armados. Diversos pesquisadores estudam o caráter estigmatizado dos jovens favelados (ZALUAR, 1985; ZALUAR E ALVITO, 2006). O estigma (GOFFMAN, 1974) que o jovem morador de favela carrega está constantemente na associação ao seu local de moradia, “por causa dessas concepções, o fato de um indivíduo morar numa favela acaba por transformá-lo num estigmatizado, sendo-lhe atribuída uma condição desviante, de anormalidade e periculosidade” (ZALUAR

E ALVITO, 2006:307). São considerados incapazes de um convívio social (ZALUAR, 1985). Estes territórios são quase sempre marcados pela violência, caracterizada por armas de fogo, que são sustentadas pelo narcotráfico ou pelas brutalidades das incursões policiais.

A resposta à pergunta 'onde você mora?' pode ser decisiva na trajetória de vida de um jovem. A 'discriminação por endereço' restringe o acesso à educação, ao trabalho e ao lazer dos jovens que vivem nas favelas e comunidades caracterizadas pela precária presença (ou ausência) do poder público (Novaes, 2007:3).

No contexto da pesquisa com jovens moradores evangélicos de favelas de Campos dos Goytacazes busco alcançar um sentido de juventude a partir de seus pontos de vistas. Nesse sentido a bibliografia e a abordagem sobre o conceito/categoria juventude apresentado constitui muito mais um recurso à compreensão da problemática teórica do que a sua adequação empírica. Nesse processo houve a valorização dos sentidos de ser jovem e evangélico mediante aos enfrentamentos de diversos problemas sociais.

(...) quando se pretende analisar as relações entre religião e juventude, não podemos deixar de lado as inseguranças advindas dos desenraizamentos do mundo contemporâneo e as específicas dificuldades de inserção social que vivem os jovens brasileiros hoje (NOVAES, 2005:282).

Segundo Novaes (2006), os jovens cada vez mais vêm valorizando a sua fé, independentemente de uma conversão institucional, mesmo que essa ocorra. A experiência pessoal tem sido mais valorizada do que a instituição religiosa. A igreja como instituição não é mais vista como a única capaz de dar sentido religioso. Para a autora

nessa geração nada pode ser visto como muito estável, pois o que mais a caracteriza é a disponibilidade para a experimentação, o que ocorre também no campo religioso. São os jovens os que mais transitam entre vários pertencimentos em busca de vínculos sociais e espirituais (NOVAES, 2006:271).

Dayrell e Carrano (2000) em seus estudos destacam a participação significativa de jovens de baixa renda que fazem parte de diversas atividades religiosas, dentre elas as destinadas ao lazer. As inserções desses jovens vão além do nível meramente econômico, a religiosidade apresenta-se com um

papel importante na área social. Como bem lembra Novaes (2004), a busca da fé acaba sendo um dos motivos para a agregação social, consistindo em um dos elementos da identidade juvenil. “As instituições religiosas continuam produzindo espaços para jovens, onde são construídos lugares de agregação social, identidades e formação de grupos que podem ser contabilizados na composição do cenário da sociedade civil” (NOVAES 2008:289). Estabelecendo-se em oposição a situações de violência associadas ao tráfico de drogas nas favelas, por exemplo.

A religião acaba sendo mais um espaço de sociabilidade para os jovens, além da família, escola e da vizinhança, por exemplo. Além de locais de oração, as igrejas, os cultos, enfim, os lugares onde acontecem o contato com o sagrado, são também locais de conhecer pessoas e de fazer amigos, o que conduz cada vez mais jovens a procurar uma experiência religiosa. As oportunidades de lazer também são apresentadas, tais como passeios, viagens, dança, música, além da oportunidade de circulação (MAGNANI, 2010) pela cidade, por isso a religião é uma forma de ampliar as redes de sociabilidade seu universo de conhecimento no cotidiano dos jovens (RODRIGUES, 2007). Além disso, a inserção dos jovens em um grupo religioso permite o ingresso em redes de solidariedade, possibilitando apoio emocional e material. As instituições religiosas têm dado muita atenção às à forma de atração dos jovens. As formas atrativas são muito encontradas nas igrejas evangélicas pentecostais, através de uma linguagem contemporânea, de uma flexibilidade religiosa, de eventos como os shows de música *gospel* com estilos musicais dedicados à atração dos jovens como o *funk*, *rock* e *hip hop* (FARIAS, 2013). Atualmente há uma produção cultural *gospel* voltada para a juventude e até mesma produzida pelos jovens. A juventude tem modificado constantemente as maneiras de relacionar-se com a religião, sem necessariamente estar dentro de uma instituição religiosa; mas tem vivenciado uma experiência do sagrado de forma expressiva em suas vidas.

Na atualidade brasileira, algumas igrejas evangélicas têm feito uso de marketing e midiático para sua expansão. Entretanto além desse proselitismo das igrejas como a Renascer em Cristo, tem focado sua atenção aos jovens. A

Igreja renascer em Cristo foi a precursora em realizar eventos de grande visibilidade na mídia, como a Marcha para Jesus (SIEPIERSKI, 2003; FARIAS, 2013).

Entende-se que a escolha religiosa passa a ser mais uma forma de sociabilidade na vida dos jovens, além de dar sentido à vida destes. Segundo NOVAES (2005), quando o assunto é religião e juventude, ela observa a insegurança e as dificuldades que estes jovens têm em relação à inserção social, sobretudo os jovens favelados. A falta de empregos e de perspectivas futuras pode conduzir os jovens a uma vida considerada errada e marcada pelo pecado; nesse sentido, a religião se transforma em um lugar capaz de resgatar estes jovens do pecado. A igreja é, então, vista como um lugar de esperança em relação ao projeto de vida (BERTOLI, 2010).

Entretanto, a ideia de realização instantânea, diante de uma possibilidade de inclusão por meio do sagrado, torna as igrejas pentecostais e o movimento carismático espaços potenciais de presença dos jovens, principalmente aqueles que possuem poucos recursos sociais, culturais e econômicos para superar a crise de futuro que se apresenta na sociedade atual (SOFIATI, 2010: 11).

Assim como será apresentado no capítulo 4, os locais de culto e das realizações das reuniões dos grupos de jovens, além de permitir o contato com o sagrado, são também lugares oportunos para fazer amigos e conhecer pessoas, consistindo em novos espaços de sociabilidade. A partir dos grupos de jovens eles podem desenvolver atividades religiosas e musicais, como as marchas para Jesus¹¹; desse modo, os espaços das atividades religiosas constituem espaço de interação. As vivências religiosas passam a motivar os jovens a frequentar a igreja e os grupos de jovens, fazendo-os pertencer às redes de solidariedade, onde ajudam uns aos outros quando estão vivendo situações de dificuldades e inseguranças (BERTOLI, 2010).

¹¹ A Marcha para Jesus é um evento internacional e interdenominacional, por diversas religiões evangélicas, que ocorre anualmente em milhares de cidades do mundo e costuma atrair multidões nas ruas das cidades. É uma grande passeata pelas ruas nas cidades com a participação de várias denominações religiosas, geralmente evangélicas pentecostais. Desde 1993 é realizada no Brasil, foi trazido para o Brasil pela Fundação Renascer, da Igreja Renascer em Cristo.

A participação nos grupos de jovens exige que estes assumam o compromisso dentro das igrejas, passando a ter uma maior relação de socialização com os outros jovens também pertencentes aos grupos. Através do pertencimento ao grupo, os jovens são conscientizados de diversas formas com a finalidade de amenizar as dificuldades das suas vidas, porque muitos jovens chegam às igrejas desanimados, incrédulos e, principalmente, sem perspectivas no futuro. Muitas vezes, essa falta de perspectiva faz com que o jovem procure o “caminho do pecado”. Sobretudo no que concerne a jovens moradores de favelas, a pobreza acaba se tornando a maior barreira a expectativas de uma vida melhor.

A vida religiosa assume um papel fundamental de “conscientização desta situação” e, ao mesmo tempo, investe, mesmo que precariamente, na sua “melhoria de vida” (BERTOLI, 2010). A igreja passa a ser um verdadeiro depósito de esperança, (TEIXEIRA, 2008). Os jovens encontram nela e no grupo de jovens um espaço acolhedor e solidário, e as relações entre eles se ampliam para fora da igreja e do bairro, levando-os a conhecer novos espaços de sociabilidade.

Em Campos dos Goytacazes bandos de criminosos ligados ao tráfico de drogas impõem um controle sobre a população das favelas e alguns outros espaços da cidade (MESQUITA, 2008; SOUZA, 2010). Essa situação interfere sobretudo na livre circulação dos moradores de favela pelos espaços de sociabilidade, pois há favelas consideradas rivais, por serem de facções inimigas. Segundo SOUZA (2010) devido aos grupos rivais, os moradores de favela não podem circular por todo o espaço urbano, por medo de serem pegos pelo inimigo, havendo uma espécie de fronteira a não ser ultrapassada. Assim estabelece-se uma fronteira simbólica delimitando partes da cidade em que os jovens¹² moradores de favelas podem circular (SOUZA, 2007).

Estas fronteiras podem ser entendidas como barreiras – que caracterizam o interior e o exterior (AUGÉ, 2010). As fronteiras podem ser

¹² Esta rivalidade entre as favelas, que cria fronteiras, não perpassa apenas a rotina dos jovens. Entretanto, este grupo é o que mais sofre na possibilidade de transitar pelas favelas inimigas (FARIAS, 2008).

culturais, geográficas, de linguagens, enfim; independentemente do tipo, sua função é demarcar o que está dentro, excluindo o que está fora. “As fronteiras não se desfazem jamais, elas se redesenham”, elas jamais deixam de existir, apenas adquirem novos contornos, um novo desenho (AUGÉ, 2010:25).

A partir das situações de interação também referidas a uma extensão familiar da cidade considerada como a parte essencial da vida da população, uma vez que permite ao cidadão “a ancoragem social mínima de cada um, o seu mínimo social vital, em certa medida, tal como é vivido nos detalhes do cotidiano” (AGIER, 2001:115). É fundamental entender como os indivíduos familiarizam os seus espaços de vida, como essa "cidade familiar" pode ser entendida entre a continuidade da casa, o bairro e outros espaços da cidade (AGIER, 2011). Essa continuidade somente é estabelecida através de um entendimento das práticas cotidianas desses cidadãos.

É pertinente entender que as diversas formas urbanas, apresentam diferentes maneiras de potencialidades relacionais, facilitando ou não o uso dos espaços público pelos habitantes. Alguns lugares da cidade podem ser entendidos como espaços de contato. Deste modo, o espaço comum próximo pode ser transformado em um espaço próprio (AGIER, 2011).

Em pesquisas anteriores (BERTOLI, 2010) foi identificado que a adesão religiosa de jovens ao pentecostalismo interfere no modo de vidas destes, estabelecendo limites e também uma maior liberdade nos deslocamentos pela cidade. A adesão à igreja é importante na sociabilidade juvenil em suas experiências cotidianas vividas nas favelas e em outros espaços da cidade, de forma diferenciada dos jovens não evangélicos. É comum, a partir do círculo de amizade dentro do grupo de jovens, a interação fora da igreja com esses mesmo jovens, mesmo que a finalidade não seja religiosa, como sair para lancha, ir ao cinema, à praia (BERTOLI, 2010); o que permite a construção de capitais sociais e culturais (BOURDIEU, 1987). Muitas vezes, os líderes dos grupos evangélicos são jovens e têm experiências próximas a outros féis, frequentando espaços de interação fora da igreja e fazendo parte dos grupos de amigos (CANTARELLI E SCOTT, 2004).

Frente a diversas alternativas religiosas na cidade, Almeida (2009), destaca a facilidade com a qual as pessoas transitam entre as diferentes religiões. A cidade é considerada um ambiente onde as práticas religiosas se desenvolveram de forma especial, por ser um lugar onde as diferenças são expressivas – principalmente nas metrópoles, mas não somente nelas. A cidade passa a ser um cenário diferente de outras formas de assentamento urbano, principalmente nas diversas formas de relacionamento e sociabilidade entre os cidadãos (MAGNANI, 2009:20-21). Inicialmente o pertencimento a determinada religião pode ser inserido pela família não sendo imutável ao longo da vida, o que permite a transição entre diversas denominações religiosas, nem sempre havendo conversão, isto é, o religioso convive em uma paisagem urbana cheia de possibilidades de escolhas religiosas e por isso em algum momento da vida ele pode transitar por diversas denominações religiosas sem ser necessária a filiação. Essa mobilidade permite não mais a conversão determinante e sim o ‘trânsito religioso’, e a filiação deixa de ser exclusiva e passa a ser marcada por uma relação de duplos pertencimentos (MAGNANI, 2009).

Sabe-se que diversos estudos vêm tratando efetivamente sobre a crescente diversificação das práticas religiosas no país, principalmente sobre os números altos de instituições que têm surgido. Entre as muitas alternativas religiosas, há uma mobilidade latente de pessoas. Esse retrato é encontrado na minha pesquisa de campo e em diversas outras pesquisas realizadas na cidade de Campos de Goytacazes (BERTOLI, 2010; SILVEIRA, 2010, MESQUITA, 2008-2009).

Almeida (2009:30-31) destaca que a cidade é uma variável independente, entretanto ela pode interferir sobre as práticas religiosas. Por isso, considero igualmente nessa dissertação a cidade e religião como variáveis interdependentes, para entender como as práticas religiosas interferem no contexto urbano, principalmente em um contexto de favelas. Seguindo essa abordagem, Birman (2011) chama atenção para o fato de que os discursos evangélicos têm uma característica marcante sobre o enfrentamento de problemas, de dificuldades vividas principalmente por

camadas mais pobres, além da intervenção do religioso na esfera pública, principalmente por parte das camadas mais populares (2011:30). O enfrentamento e a solução desses problemas exigem do religioso uma mudança radical e decisiva em sua vida: “os evangélicos convidam os ainda não convertidos a olhar os acontecimentos mundanos através de premissas que até então ignoravam” (BIRMAN, 2011:20). São nas periferias onde essas igrejas mais crescem, e “as forças do mal” ganha relevância. A imagem do “mal” é frequentemente usada, para explicar todos os males sofridos, e também os atos considerados errados cometidos pelo indivíduo antes da vida religiosa (MARIZ, 1997; BIRMAN, 2011). A crença e o combate deste “mal”, já que com o mal não se negocia, e a necessidade do rompimento com o que é mundano, transforma a vida do indivíduo que passa a ter importância, a se sentir protegido; o crente se sente resguardado mesmo que por ventura se desvie, a “magia” dá lugar ao “milagre” (BIRMAN, 2011:31).

Estudos mostram que os evangélicos buscam uma rede de proteção social (ALMEIDA, 2009; MESQUITA, 2009). Nesse processo os vínculos religiosos parecem ser um dos laços que se mantêm, permitindo a formação de novas redes de sociabilidade e constituindo alguma forma de amparo nos termos do apoio material e ações assistencialistas. Dessa forma a religião encontra um lugar particular, e age como uma organizadora de vida (MESQUITA, 2009). As redes evangélicas têm uma característica marcante na valorização da pessoa e das relações pessoais, aumentando a autoestima do morador, além da ajuda mútua de laços de confiança e fidelidade e estimula ao trabalho (ALMEIDA, 2004-2009). Sobre esse entendimento, Almeida (2009) afirma que o fiel busca nas diversas denominações religiosas subsídio, “prático (racionalização dos ganhos e gastos), moral (estímulo para o trabalho e disciplina do consumo) e espiritual (proteção contra forças malignas)” (ALMEIDA, 2009:39).

É possível entender alguns comportamentos, opiniões, escolhas, orientações dos indivíduos, através das redes sociais que os indivíduos estão envolvidos e como essas interferem em suas práticas. De acordo com Granovetter (1973) os laços sociais existentes nas relações interpessoais,

podem ser fortes, fracos ou nulos. Tempo, intensidade emocional, confiança mútua e reciprocidade são características que definem a força dos laços sociais. Quanto maior a presença dessas características maior será a força do laço. Os laços fortes entre os indivíduos do mesmo círculo social limitam a extensão da rede. Esses indivíduos têm acesso às mesmas informações e recursos; por exemplo, na rede formada por familiares, os laços fracos seriam os mais importantes, estes permitem que o indivíduo tenha ligações com outros grupos sociais, isto é o contato do contato, com pessoas que não fazem parte de nosso cotidiano, não são da família e que se vêem muito raramente.

A análise de práticas sociais através das redes sociais possibilita a reconstrução das formas de interação entre os indivíduos, a partir das ligações interpessoais estabelecidas cotidianamente. Assim também conhecer como os indivíduos se inserem (através das suas redes egocentradas) nessas práticas de sociabilidade.

Desta forma os locais de culto e outras atividades ligadas às igrejas evangélicas, onde há o contato com o sagrado, podem configurar espaços de oportunidade para fazer “amigos”, conhecer pessoas, ou seja, são considerados espaços de sociabilidades. Por meio da socialização o indivíduo se integra ao grupo em que nasceu, assimilando o conjunto de hábitos, regras e costumes característicos de seu grupo.

CAPÍTULO 2 – A PRESENÇA RELIGIOSA EVANGÉLICA NAS FAVELAS DA CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES

Diversos pesquisadores da religião no Brasil vêm estudando a presença e expansão das religiões pentecostais e neopentecostais, a partir de sua presença no contexto urbano, principalmente nas favelas (ALMEIDA, 2009; MESQUITA, 2008-2009; MAFRA E ALMEIDA, 2009). Nesse sentido a cidade pode ser considerada como estratégica para pensar como as práticas religiosas a constrói e são construídas, um território multidimensional de vivências humanas, que desenha paisagens relacionadas com os desejos, os sonhos e possibilidades materiais, esse espaço pode ser modificado em busca destes objetivos.

A cidade de Campos dos Goytacazes, antiga vila de São Salvador foi fundada em 1677, somente em 1835 foi elevada à categoria cidade. A cidade ficou marcada por uma economia e práticas agrárias, principalmente pela cana de açúcar. Em 1827 instalou-se o primeiro engenho a vapor, já em 1837 veio à ferrovia tornando o município em centro ferroviário da região, e em 1877 apareceu o primeiro engenho, Engenho Central de Quissamã, e posteriormente em 1879 inaugura em Campos dos Goytacazes a primeira usina de açúcar do Brasil, Usina do Limão (LAMEGO FILHO, 1974).

Após se tornar cidade, Campos dos Goytacazes inicia um processo de modernização como projeto político. Buscava-se uma cidade limpa, urbanizada, sem epidemias, além de definir a divisão espacial da cidade, deslocamento gradativo da população pobre da área central da cidade para áreas distantes do centro, o plano urbanístico Bellegard, que foi criado em 1837 (ALVES, 2007). A Modernização levou a restrição de circulação no espaço: quitandeiros; lavadeiras, meninos de recado e outros.

Data os fins do século XVII quando a produção do açúcar se destacou como atividade econômica dominante, Campos dos Goytacazes chegou a ser considerada a segunda cidade produtora de açúcar. Em 1920 seu mercado produtor começa a viver uma crise devido à concorrência com outros estados,

como Bahia e Pernambuco, o que resultou em uma crise (ALVES, 2007).

Segundo Guimarães e Póvoa (2005) a quantidade de moradores da área rural durante os anos de 1950 a 2000, foi gradualmente diminuindo em decorrência a do fechamento das usinas e do aumento do desemprego e concomitantemente aumentando esta proporção na área urbana. A cidade passa a ter um crescimento expressivo devido o êxodo rural ocasionado pela decadência da produção agrícola, fechamento das usinas, na busca de trabalho. Inicialmente devido à oferta de emprego mais fácil eles se ocuparam as margens do centro e posteriormente os trabalhadores foram realocados por causa da modernização, para as regiões periféricas da cidade, segundo Guimarães e Póvoa (2005), notadamente se fixando às margens da estrada, do rio e da linha férrea. As ocupações irregulares dessas áreas mais desvalorizadas da cidade são tão significativas que nesse período chega a ser quase a metade das que tem hoje (GUIMARÃES E PÓVOA, 2005).

A cidade de Campos dos Goytacazes é dividida pelo rio Paraíba do Sul, do lado direito da margem é considerada mais desenvolvida, onde encontram-se bairros de classe média como a “Pelinca¹³”, e os principais *shopping centers*, além do centro da cidade. Ainda do lado direito encontra-se três das quatro favelas estudadas, Baleeira, Matadouro e Tira-Gosto entre outras. O lado esquerdo conhecido como Guarus, é onde a favela São Matheus esta localizada. Guarus é vista como menos desenvolvida e marcada pela presença das classes mais populares. É onde se localizam o presídio, o lixão da cidade, e a maior parte das casas construídas através das políticas públicas de habitação (MESQUITA, 2009). Além dessa divisão oficial da cidade, Campos dos Goytacazes apresenta algumas peculiaridades que criam outras divisões dentro da cidade, como barreiras simbólicas. Enquanto as distâncias físicas da cidade podem não ser significativas, as distâncias sociais são bem expressivas se entendermos a dinâmica da cidade em relação há alguns lugares e instituições.

¹³ Pelinca é um bairro da cidade considerado de classe média e alta, onde se encontra um forte centro de comprar não popular, bares e restaurantes mais sofisticados. Esse bairro apresenta um alto valor imobiliário.

O entendimento dos problemas sociais das favelas de Campos dos Goytacazes reflete a história desta cidade. O cotidiano dos habitantes das favelas de Campos dos Goytacazes evidencia a convivência entre pobreza e riqueza e os problemas sociais e de urbanização desta cidade. Considerada algumas singularidades, pode-se indagar sobre algumas semelhanças entre de cidades de médio porte, como Campos dos Goytacazes e outras cidades brasileiras no que tange formação e desenvolvimento, com intensa segregação sócio espacial, que acabou sendo imposta às camadas mais pobres das cidades, deficiente em infraestrutura e em serviço públicos (PEDLOWSKI E OLIVEIRA, 2012). A cidade de Campos dos Goytacazes é fragmentada em diversos territórios e estes estão em constantes classificações como lugares perigosos ou seguros, fortemente associado ao tipo de classe social (MENDES, 2011).

Campos dos Goytacazes é a principal cidade da região Norte Fluminense e é o maior do estado do Rio de Janeiro em extensão. Sua população segundo o censo do IBGE, em 2010, duplicou em quase 50 anos, hoje Campos dos Goytacazes tem aproximadamente 500.000 habitantes, e possuía de acordo com a Fundação João Pinheiro (FJP), em 2000 um déficit habitacional de 1.822 domicílios, com famílias de renda de até dois salários mínimos. Segundo o Censo do ano de 2000 Campos tinha identificadas 32 favelas na cidade de Campos dos Goytacazes (PESSANHA, 2001), com um total de 16.876 moradores, no Censo de 2010 o número de favelas diminuiu para 27, com 15.777. Mesquita (2013) indica que esta diminuição pode ser associada à implantação de programas de saúde pública e políticas habitacionais em alguns bairros pela atual governo municipal (2009-2012 e 2013-2016) ¹⁴.

Segundo o censo de 2010, atualmente Campos dos Goytacazes a apresenta 90,2% de moradores em áreas urbanas contra 9,8% de moradores de áreas rurais. Considerada por anos um pólo de desenvolvimento da região

¹⁴ Tais programas são: o Programa “Bairro Legal”, que visa “mudar a cara do bairro” com obras de infraestrutura, como rede de coleta de esgoto, redes de drenagem, implicando também em obras de urbanismo e tratamento paisagístico. E também o Programa “Morar Feliz”, que é um programa que provê habitações para a população mais pobre que vivem de alguma forma em áreas de risco.

norte fluminense, além de ser a principal bacia de petróleo do Brasil. Desde a década de 60, Campos dos Goytacazes vem sofrendo um processo de estagnação econômica (GUIMARÃES E PÓVOA, 2005), e atualmente a economia de Campos dos Goytacazes é favorecida pelos royalties do petróleo, o que determinou uma maior diversidade de investimentos, principalmente na área de serviços (MESQUITA E RIBEIRO, 2012), entretanto, a arrecadação desses royalties não vem contribuindo para a geração de emprego e renda, modificando o quadro de desigualdades sociais e espaciais (GUIMARÃES E PÓVOA, 2005; CRUZ, 2005).

Como muitas cidades brasileiras, Campos dos Goytacazes viveu um processo de urbanização muito acelerado e desigual, o que gerou problemas habitacionais. Essa expansão urbana desenfreada e sem planejamento leva a uma sociedade fragmentada e segregada espacialmente (ARRUDA, 2009; ALMEIDA, 2009), surgindo assim favelas¹⁵, moradias irregulares, bem como outros problemas sociais.

Sobre a formação populacional da cidade e da população campista, Mesquita e Ribeiro (2012) destacam que de acordo com o Censo 1855-1856 havia uma presença marcante de escravos na cidade, das 16.657 pessoas composta da cidade, 8.677 eram escravos (MESQUITA E RIBEIRO, 2012: 113). Com o fim da escravidão juntamente com a crise do açúcar a cidade vivencia uma expansão de homens pobres livres e ex-escravos para as zonas periféricas (MESQUITA E RIBEIRO, 2012:114).

No período de 1940-50 é considerado o surgimento das primeiras favelas¹⁶ na cidade. O surgimento e expansão das favelas de Campos dos Goytacazes é associada a decadência das usinas açucareiras e juntamente ao processo de modernização de outras usinas que exigiam uma mão de obra mais especializada além das decadências das fazendas a partir dos anos 1960

¹⁵ Favela apresenta-se como uma localidade com características heterogêneas, existindo uma grande diversidade dentro delas (VALLADARES, 2005; ZALLUAR E ALVITO, 1998; PANDOLFI E GRYSZPAN, 2003).

¹⁶ No Censo 2000 realizado pelo IBGE, a favela foi incluída na categoria como “aglomerado subnormal” definida como “um conjunto de do mínimo 51 unidades habitacionais, ocupando ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) dispostas, em geral, de forma desordenada e densa, bem como carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais.(MESQUITA, 2008)”

e 1970 (CRUZ, 1986). Além destes fatores nos anos 60 houve uma enchente que contribuiu para a proliferação das favelas, os moradores rurais foram desabrigados e as favelas eram a única alternativa de moradia (PÓVOA, 2002).

Várias são as favelas que surgiram em decorrência da mudança das condições de trabalho e do fechamento de usinas. (GUIMARÃES E PÓVOA, 2005: 10).

Outros estudos indicam para a situação de pobreza e precariedade dos serviços públicos básicos em favelas de Campos dos Goytacazes, assim como a presença de igrejas a suprir as algumas necessidades dos seus fiéis e a rede de apoio delas decorrentes como recurso de enfrentamento das dificuldades cotidianas (BERTOLI, 2010; SILVEIRA, 2010; MESQUITA, 2008,2009; PIRACIABA, 2012; RIBEIRO, 2012) configurando uma dualidade aparente entre, favela “versus” cidade (VALLADARES, 2005).

Conforme mencionado anteriormente as igrejas evangélicas tem se expandido nas favelas de Campos dos Goytacazes, estabelecendo promessas de mudança de vida e alcançando uma população que sofre a privação dos direitos básicos de cidadania como saúde, educação e moradia. Como parte desse segmento, identifica-se alguns os jovens que buscam nas denominações pentecostais um sentido para as suas vidas. (MESQUITA, 2008; BERTOLI, 2010; SILVEIRA, 2010).

Devido à indisponibilidade dos microdados do Censo 2010 para as favelas de Campos dos Goytacazes até o momento não é possível analisar o perfil religioso dos moradores dessas favelas. Contudo, é interessante observar o quadro religioso da cidade de acordo com os dados do censo 2000 apresenta uma população 59% católica, 21% evangélica, já no censo de 2010 identifica-se 51% de católicos e 32% de evangélicos. Uma dinâmica que aproxima Campos dos Goytacazes do cenário religioso nacional, especialmente no que tange a continuidade crescente dos pentecostais mostra como as religiões evangélicas têm aumentado.

Entretanto Mariz (2012) destaca que o último censo do IBGE apresentou uma nova categoria evangélica, “sem determinação de denominação”, com uma porcentagem expressiva, 21%, essa categoria

apresenta um percentual maior do que o dos evangélicos de missão. A autora destaca que essa categoria impede conhecer a denominação religiosa de um percentual expressivo de evangélicos. Comparado os dados de 2012 com os dados de 2000, a análise é prejudicada, especialmente no caso de uma comparação do crescimento particular de cada denominação. Dessa forma, para essa pesquisadora os dados de 2012 demonstram o crescimento pentecostal, contudo não permite conhecer o verdadeiro percentual, havendo dúvidas no entendimento de como que ocorre esse crescimento.

No caso da presença evangélica em favelas de Campos dos Goytacazes, pesquisas qualitativas apontam para as dinâmicas das denominações pentecostais em algumas nessas localidades estabelecendo-se como um lugar a qual se pode recorrer por diversos tipos de necessidades (MESQUITA, 2008). Essas igrejas evangélicas usam de recursos simbólicos, valores, categorias e rituais religiosos, para tentar evitar a prática de violência contra os moradores de favelas, e mostrar as injustiças frente a dominações criminosas presentes nessas localidades (MAFRA, 1998; BIRMAN E LEITE, 2002; BIRMAN, 2003; ZALUAR, 2004).

A religião é um importante auxílio na busca de saída da condição de uma cidadania restrita marcada pela permanência de fatores como a estigmatização social; a vivência em uma ordem violenta e da ausência de ações efetivas do poder público (MESQUITA, 2008).

Destaca-se igualmente nas favelas de Campos dos Goytacazes à construção de redes de amparo e assistência (RIBEIRO, 2012) entre os evangélicos. Esses fiéis encontram suportes sociais dentro da igreja, partilhando informações, troca e recibo de recursos (MESQUITA, 2008).

As favelas compreendidas na pesquisa dessa dissertação apresentam algumas características sócio espaciais e demográficas que nos aproximam do entendimento de suas singularidades no contexto urbano de campos dos Goytacazes. A favela Baleeira se destaca na cidade como uma das favelas que apresentam um amplo desenvolvimento da atividade do tráfico de drogas (MESQUITA, 2009; SOUZA, 2010). Esta favela está localizada entre os bairros Caju e Parque Leopoldina possuem 468 (quatrocentos e sessenta e oito)

moradores segundo o censo 2010 e 123 (cento e vinte e três) domicílios ocupados. Vias importantes dão acesso à favela para diversos outros lugares da cidade, como a Avenida Alberto Torres.

De acordo com as minhas observações de campo, no dia 3 de novembro de 2012 ao entrar na favela Baleeira, as casas logo avistadas não são muito precárias, diferentemente daquelas que são encontradas mais adiante ao longo da caminhada, isto é, mais no interior da favela. No presente espaço visitado, há constantes pichações nos muros e paredes ao redor desta. Conforme as casas vão se afastando do asfalto, percebe-se que elas vão se tornando mais precárias, são casas com um espaço físico muito pequeno, com uma forma mais retangular do que quadrada, onde podem morar muitas pessoas, e apenas um banheiro, ao conversar com alguns moradores durante minha caminhada uma senhora disse que esses banheiros muitas das vezes se localizam ao lado de fora da casa, e são muito precário assim com as casas.

A linha de trem acaba dividindo as ruas, de um lado a favela Baleeira, do outro o muro do Cemitério do caju, onde havia algumas das pichações. Há esgoto saindo de algumas casas, e muitas poças de água no chão. Entretanto as ruas estão pavimentadas, e há algumas obras sendo realizada pela prefeitura. Segundo os moradores quando chove ainda fica alagado, mas, não como antes quando muitos moradores eram desabrigados nas épocas das chuvas. Há muito lixo também pelas ruas e becos, principalmente às margens do trem. Perguntei alguma s senhoras que estavam lavando roupa sobre essa prática, elas me falaram que as pessoas costumam lavar roupas para fora e pendurar nas cordas que estão quase que em cima da linha do trem. Havia alguns bares, pequenos, e um deles se encontra no interior de uma das casas, e juntamente uma pequena lojinha. Na saída da favela em direção a Avenida Alberto Torres encontrei um campo de futebol e nele também havia pichações referindo ao comando da facção desta favela.

Algumas pichações se repetiam como o CB1 (comando da Baleeira) e também as letras, ADA (Amigos dos amigos). E outras como a frase “Manda quem pode e obedece quem tem juízo”. Nas proximidades há uma igreja Batista uma igreja Assembleia de Deus do ministério Madureira dentro da

favela e mais a frente na Rua Roxa Leão outra igreja da Assembleia de Deus do ministério Madureira. Não existem escolas dentro da favela Baleeira, somente próxima, como a Vinte e Nove de Maio e a José do Patrocínio. Havia um posto policial as margens da linha do trem, que foi desativado, atualmente, segundo os moradores e o meu entrevistado morador da Baleeira, funciona como ponto de drogas.

A favela Matadouro¹⁷ segundo o censo de 2010 é a quinta maior favela do município e está localizada à margem direita do rio Paraíba do Sul¹⁸, esta favela faz parte de um contínuo de favelas que tem início ainda na área central da cidade avançando paralelamente a Avenida Alberto Lamego, onde se localiza a Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, alguns condomínios e bairros de classe média (MESQUITA, 2009). Possui 792 (setecentos e noventa e dois) habitantes segundo o censo de 2010.

Em uma caminhada juntamente com jovem morador desta favela, identifiquei o uso que os moradores fazem dos muros da UENF e dos condomínios. A margem do muro da UENF tem construídos garagens improvisadas para carros e chiqueiros para criação de porcos. Os muros que separam a favela dos condomínios possuem um lugar simbólico para os dois lados, enquanto funciona como “proteção” para os moradores destes condomínios, para os moradores da favela, é um espaço social onde as pessoas estendem roupas, colocam sofás e cadeiras de praia para passar horas conversando.

Ao caminhar pela favela Matadouro no dia 15 de setembro de 2012 juntamente com membros de uma pesquisa passei pelo Conjunto Habitacional do Matadouro conhecido pelos moradores como Portelinha¹⁹ construído pela

¹⁷ O Matadouro possui este nome porque foi formada a partir da construção do Matadouro Municipal no início do século XX. No passado os moradores que residiam em torno do Matadouro formavam a comunidade e eram trabalhadores do dele.

¹⁸ Este fator é muito característico das favelas de Campos, sua localização próxima ao rio ou a linha do trem. Estando próxima ao rio, os moradores a utiliza como fonte de obtenção de água e deposita nele todos os seus dejetos domésticos, tais como esgoto, lixo, animais abatidos. Na ausência de uma rede eficiente de água e esgoto, característico de comunidades pobres, o rio se torna fonte compensatória desses serviços.

¹⁹ Segundo os moradores o nome Portelinha foi popularmente dado ao conjunto habitacional Matadouro, porque na ocasião do seu surgimento e uso em 2008 por parte dos moradores,

prefeitura para abrigar famílias que viviam em barracos construídos nas paredes do antigo matadouro municipal, localizado entre a favela Matadouro e a UENF. Segundo os entrevistados, algumas famílias perderam tudo em enchentes, elas viviam em condição de extrema miséria e sob o risco das ruínas desabarem sobre ele, sendo então removidos pela prefeitura para o conjunto habitacional construído ao lado, juntamente com famílias que ficaram desabrigadas, devido às enchentes dos últimos anos. Entretanto nem todos os moradores viviam nesse local das ruínas do antigo matadouro, alguns vieram da favela Tira-Gosto e demais localidades.

Esse conjunto habitacional foi entregue em 2008 aos moradores, é o primeiro conjunto vertical da cidade, com 228 (duzentos e vinte e oito) apartamentos. Entretanto não houve uma remoção total da favela Matadouro para esse conjunto, e há segundo o entrevistado morador desse conjunto uma diferenciação perante os moradores entre favela e conjunto habitacional perante essa situação que gera alguns conflitos entre ambos os moradores assim como relata Mamani e Mota, (2012). Segundo alguns estudos já realizados sobre o Conjunto habitacional Matadouro e também destacada através das entrevistas, o conjunto habitacional facilitou a atividade do comércio de drogas, considerada com pouca expressividade anteriormente ao Conjunto, dentro da favela Matadouro (MAMANI E MOTA, 2012).

A favela São Matheus diferentemente das outras apresentadas acima, não se localiza nas proximidades do Rio Paraíba do Sul e da linha de trem. Ela esta localizada no bairro São Matheus próximo a Rua José Martins Sobrinho e a Avenida Bartolomeu Lizandro, muito próxima da BR-101. Esta favela possui 558 (quinhentos e cinquenta e oito) habitantes e também é observada movimentação intensa do tráfico de drogas, e segundo os jovens entrevistados e as pichações nos muros da favela, essa favela pertence à mesma facção²⁰ que a favela Tira-Gosto e a favela Matadouro. No dia 15 de junho de 2013 fui à

havia uma novela da rede Globo em 2007 que retratava uma favela chamada Portelinha. Ela está localizada no final da Rua Projetada Aguiar e fica ao lado da UENF.

²⁰Este site trás dados sobre as favelas de Campos dos Goytacazes e qual facção cada uma é pertencente. <http://manchetedahora.blogspot.com.br/2012/08/as-favelas-do-estado-do-rio-e-as.html>. Acessado em: 23/05/2013

favela de São Matheus, notei que ela possui quase todas as ruas pavimentadas, entretanto as casas são precárias e há muito esgoto e lixo nas ruas. A impressão que tive é que comparada com as outras favelas da pesquisa São Matheus é muito maior territorialmente, mesmo aparentemente com menor número de moradias e população em comparação com a favela Matadouro, por exemplo. Há alguns tipos de comércios por lá, comércios pequenos, tipo vendas de doces, pipoca, chiclete (produtos de baixo valor). Há uma Igreja Batista bem pequena, filial da Igreja Batista do Parque Guarus. Segundo o jovem entrevistado, morador da localidade, há bocas de fumo nas quais, o comércio acontece constantemente, entretanto tem sido mais disfarçado, mas antigamente as transações eram feitas na frente dos moradores sem nenhuma ressalva.

Por ser localizada perto de uma lagoa, há uma grande vegetação, o que segundo um entrevistado parece facilitar as fugas dos traficantes quando tem confronto com a polícia. Há também uma pequena quadra de esportes feita pelo atual governo do município. Não há escolas dentro da favela, a mais próxima é a Escola Estadual Phillippe Uébe que fica na Avenida Carlos Alberto Chebabe no Parque São Matheus. Muito próximo à favela há um posto de saúde. Segundo o jovem entrevistado, o atendimento é precário e sempre faltam médicos e remédios, sendo necessário a maioria das vezes ir até o Hospital geral de Guarus (HGG), na Rua Senador Jose Carlos Pinto, no Parque Barão Rio Branco.

Como a favela Baleeira, a favela Tira-Gosto também é considerada uma das favelas que mais se destacam no desenvolvimento da atividade do tráfico de drogas, perigosas (MESQUITA, 2009; SILVEIRA, 2010), sendo alvo de grande parte das ocorrências de drogas que acontecem na cidade, assim como a favela Baleeira que será apresentada posteriormente (SOUZA, 2007). Ademais nessa favela há bando de traficantes que fazem uso da força física (MACHADO DA SILVA, 2008). Esta favela não é a única favela de Campos dos Goytacazes a conviver com a presença de bandos de traficantes, devido a situação singular que a cidade apresenta frente à rivalidade existente entre bandos de traficantes, associados a duas facções diferentes. Essa favela está

localizada no bairro Horto e possui 181 moradores segundo o censo de 2010.

Durante o trabalho de campo, no dia 14 de julho de 2012 ao caminhar na favela Tira-Gosto observei um pouco sobre a sua paisagem, como a falta de arruamentos, ocasionando poças de águas, dificuldade de locomoção. As casas são simples e pequenas, segundo os moradores, nessas casas moram muitas pessoas, é frequente habitarem nessas casas os filhos casados com netos que ainda vivem com os pais e irmãos solteiros. Também pude perceber que lá existem muitos becos, o que segundo uma moradora, esses becos acabam sendo lugares de confronto entre policiais e os meninos do tráfico. Há duas igrejas localizadas dentro da favela, uma católica que está fechada há alguns anos segundo a jovem e uma pentecostal, Igreja Caminho das Águas a qual ela é membro. Existem também alguns tipos de comércios, botequins ou mercearia, onde vendem alguns mantimentos, e bebida alcóolica. Durante o meu caminhar pude perceber além das muitas poças de água os lixos jogados nas portas das casas e muitas crianças brincando no meio dessas poças, e lixos. Enquanto eu andava por dentro da favela Tira-Gosto não constatei ninguém armado, apenas na entrada do beco principal, identifiquei dois rapazes, que ao me verem tentaram escondê-las. Quando fui embora o jovem que me acompanhava²¹ foi comigo até a Avenida Alberto Lamego, e passamos pelos mesmos rapazes que naquele exato momento estavam em cima de um muro, mas as armas não estavam mais amostras, eles estavam ouvindo música *funk* e fumando.

Em relação a presença de traficantes nessas localidades, Souza (2010) indica que a rivalidade entre essas favelas iniciou com o assassinato de um homem da Baleeira por traficantes da favela Tira-Gosto. Segundo a autora, esse homem era o “chefe” e que o matou era considerado seu “braço direito”. A partir desse incidente as brigas entre as favelas se estendem até os dias de hoje, estabelecendo as fronteiras que dividem a cidade, “diversos moradores das favelas, principalmente aqueles envolvidos com o tráfico de drogas, são impedidos de circular no território ‘inimigo’ SOUZA, 2007:68).

²¹ O jovem entrevistado, morador desta favela.

Além de interferir diretamente nas relações das pessoas que convivem nessas duas favelas acima, essa rivalidade também transcorre para as outras favelas, e para a cidade que está dividida em dois territórios, lado A e lado B, lado A seria a Tira-Gosto e lado B a Baleeira (MESQUITA, 2009). A cidade convive com a presença de duas facções criminosas ligadas ao tráfico de drogas: Baleeira, ADA (Amigo dos amigos), Tira-gosto, TCP (Terceiro comando puro) (MESQUITA, 2009).

Segundo os jovens entrevistados da favela do Matadouro, principalmente pela proximidade, esta localidade é considerada pertencente a facção da que controla a favela Tira-Gosto, e também está associada ao controle de algumas áreas de bairros próximos como Parque Califórnia e Horto. Mesmo estando localizada em Guarus a favela São Matheus também é vista como ligada ao controle do tráfico da favela Tira-Gosto²². As questões relativas aos problemas sociais decorrentes desses cenários apontam para discussões e diversos temas relacionados a cidadania, controle social e violência e as suas implicações no modo de vida dos jovens moradores de favelas de Campos dos Goytacazes (MESQUITA, 2009).

²² Segundo informações dos moradores e pichações pela cidade, a favela São Matheus é ligada a facções da favela Tira-Gosto, usando as siglas, TCP.

CAPÍTULO 3 – A PESQUISA COM JOVENS EVANGÉLICOS MORADORES DE FAVELA: PERCURSOS METODOLÓGICOS

Diante da temática juventude e religião, busquei entender as experiências sociais desses jovens na igreja, perante as tantas outras possibilidades. No cenário religioso brasileiro encontra-se um crescimento acentuado dos evangélicos nas últimas décadas (NOVAES, 2006), as formas de atuação e participação desses jovens evangélicos com a religiosidade tem chamado atenção da sociedade. Na perspectiva de melhor entender esta problemática foram selecionados métodos de investigação e análise que permitem destacar as múltiplas dimensões envolvidas na temática. Durante o ano de 2011 dei início ao levantamento bibliográfico da pesquisa. Minha investigação mais precisa sobre a temática dessa dissertação se deu ainda em 2011, mas foi em 2012 que a maioria das entrevistas ocorreu. Durante o ano de 2011 dei início ao levantamento bibliográfico da pesquisa. Para a leitura selecionei temas sobre: Juventude, favela, sociabilidade e religião. Em 2013, foram realizados o grupo focal e as visitas aos cultos religiosos.

Conforme apresentado na introdução dessa dissertação a pesquisa de campo foi iniciada após os contatos com os quatro jovens evangélicos moradores de favelas de Campos dos Goytacazes e a entrega para eles de *netbooks* que seriam usados para elaboração dos diários como recursos de múltiplas dimensões envolvidas nas temáticas abordadas, e fundamental ao desdobramento dessas nas situações de entrevistas.

Intensifiquei os contatos por meio dos encontros e *e-mails* em que eles entregavam os diários. Além dos contatos pela internet, conversávamos por telefone e estabelecíamos encontros eventuais que se intensificaram no decorrer da pesquisa. Esses encontros contribuíram fundamentalmente para uma empatia entre nós, essencial para a abordagem metodológica da pesquisa. Nesse processo iniciei as primeiras entrevistas realizadas nos locais

previamente escolhidos por eles, UENF e *Shopping Boulevard*²³. Paralelamente a isso, a ideia era acompanhá-los em algumas situações no local de moradia e de mobilidade na cidade.

Contudo, houve uma evitação por parte deles em ter a minha companhia nessas situações, especialmente em relação às ocasiões fora dos lugares de moradia. Na primeira entrevista com cada jovem, perguntei se eu poderia ir a casa deles para conhecer o local de moradia, e também suas famílias. A partir da casa deles faríamos uma caminhada pela favela e, em outro momento eu gostaria de acompanhá-los em algum lugar da cidade. Inicialmente todos os jovens falaram que sim, então marquei com cada um deles de ir às suas casas, entretanto Alejandro e Mellysse, todas às vezes desmarcavam, dando uma justificativa de que os responsáveis não iriam estar em casa, ou que eles iriam sair. Ao tentar marcar uma caminhada pela cidade, escola ou outro lugar, todos os jovens afirmaram não poder porque tinham compromissos diversos. Com exceção da Mellysse, consegui fazer uma saída com cada um deles pelas favelas.

A partir daí me restringi aos encontros em lugares fixos que eles escolhiam, e assim intensifiquei a realização das entrevistas, muitas vezes próxima de uma conversa, algumas dessas gravadas. Inicialmente o gravador era um estranho, mas aos poucos o uso do equipamento foi se naturalizando, deixando de ser um incômodo para os jovens. Quando perguntei se poderia gravar as entrevistas todos eles concordaram; entretanto, nas primeiras entrevistas, eles se sentiram intimidados com o uso do gravador: “achei que ia gravar no celular”(Fred), “não dá para você escrever não né, tô com vergonha” (Mellysse), “isso você não escreve tá”(Alejandro), “depois que você acabar sua pesquisa, você apaga?”(Thayla). Expliquei que tudo que fosse dito ali somente eu teria acesso e manteria sigilo sobre as identidades deles, esclarecendo como eu iria proceder na elaboração do meu trabalho, principalmente quando faria uso de uma das suas falas. Notei que eles ficaram com mais receio com o uso das falas que eu estava gravando do que com o conteúdo do diário.

²³ O shopping Boulevard é considerado o maior e mais importante shopping center da cidade de Campos dos Goytacazes estrategicamente localizado em frente a BR-101, a minutos do centro da cidade, foi inaugurado em 29 de abril de 2011.

Durante uma entrevista com Fred ele começou a relatar sobre um colega que estava trabalhando no tráfico de drogas, e acabou falando o nome do colega. Imediatamente ele ficou muito preocupado: “falei o nome né, e agora?”. Só foi possível continuar as entrevistas depois que eu combinei com ele que iria transcrever a gravação naquele dia mesmo e não iria colocar o nome do colega, e se ele quisesse marcaria com ele no dia seguinte para mostrar a transcrição e apagar a gravação na sua frente. De início ele disse que não precisava apagar na frente dele, entretanto como ele estava todos os dias na UENF, por conta do projeto que participava, voltei no dia seguinte e liguei para ele, mostrei o arquivo de áudio no computador e apaguei, ele disse que não precisava novamente, mas que realmente ficou mais tranquilo com meu ato. Normalmente ele não se incomodava com a gravação, mas evitava falar sobre determinados assuntos, dizendo que “quando acabar de gravar eu te explico melhor pra você entender”.

Os outros jovens, na segunda entrevista, já não se incomodavam e até brincavam com o uso do gravador: “tô importante” (Fred), “vai gravar hoje né?”(Alejandro), “coloca o microfone! (Alejandro)”. No decorrer das entrevistas, notei que os jovens passaram a se sentir menos receosos quanto à pesquisa e à pesquisadora, e se mostraram mais confortáveis em relação a algumas perguntas mais íntimas, revelando dados que nos primeiros encontros foram evitados, através do silêncio; ou simplesmente nas falas diretas que não “sabiam” responder, e em determinados assuntos eles se mostravam mais acanhados, encerrando o tema falando que não queria tocar em determinados assuntos.

As coletas dos dados foram realizadas em quatro momentos da pesquisa: o primeiro momento foi dividido em duas fases, entre 2011 e 2012, quando eu recebia os diários *on line* e realizava algumas entrevistas, às vezes sem o uso do gravador; já em meados de 2012 realizei mais entrevistas. Como dito acima, já que fui estabelecendo uma relação de confiança com eles, essas entrevistas eram mais profundas, principalmente com os jovens que, no início da pesquisa, tinham mais receios de falar durante as entrevistas. Nesta fase da pesquisa, os dados foram importantes para o desenvolvimento dessa

dissertação. Em um segundo momento foi realizado um grupo focal do dia 18 de abril de 2013, na UENF, às 18h30, com a presença de três jovens dos quatro selecionados. No terceiro momento da pesquisa, busquei retomar alguns pontos importantes que surgiram durante o grupo focal, através de entrevistas individuais. Foram realizadas mais três entrevistas, com cada um dos integrantes separadamente, com o intuito de saber suas visões sobre alguns pontos do grupo focal. No quarto momento e último, fui visitei todas as igrejas juntamente com os jovens, exceto Fred.

Os jovens foram selecionados na seguinte ordem. Os dois primeiros Thayla e Fred²⁴ são jovens que já participaram anteriormente em algumas pesquisas; os outros dois jovens, Alejandro e Mellysse, foram indicados por outra pesquisadora da equipe. Para o conhecimento deles, farei uma apresentação inicial desses jovens evangélicos moradores de favelas, destacando algumas informações referentes às suas vidas.

Ao entrevistá-los, pela primeira vez perguntei: “Você se considera jovem?” Todos responderam que sim, até mesmo a jovem que é casada e têm duas filhas, os jovens nessa pesquisa não são vistos como uma categoria fechada. A juventude é vista como uma fase da vida onde o casamento é um marco dando início à vida adulta e fim à vida jovem.

Sou jovem porque ainda estudo e não tenho responsabilidade (Mellysse, entrevista).

Sou jovem ou é, sou jovem mesmo eu trabalhando, tenho minhas responsabilidades né, mas sou jovem sim, gosto de coisas de jovens, mais tem pessoas mais velhas que também são jovens (Fred, entrevista).

Sou jovem porque gosto muito de sair, sou jovem, porque sim, sei lá, porque ainda estudo, ah, sei lá (Alejandro entrevista).

Embora os diários não sejam a única técnica que fornece os dados necessários para a investigação desta pesquisa, são documentos importantes que permitem conhecer o modo particular da vida de cada jovem. No caso

²⁴ Os jovens serão apresentados da seguinte forma: Thayla, Fred, Alejandro, Mellysse para garantir o sigilo dos nomes.

desta pesquisa, minha atenção se volta para os sentidos produzidos não apenas por esses diários, e sim juntamente com as entrevistas. No entanto, os jovens nunca mantiveram uma regularidade no envio dos diários, escrevendo-os de forma intermitente.

Durantes os meses dos envios dos diários e das entrevistas, minha condição de pesquisadora “jovem” me aproximava dos jovens pesquisados. Ter uma estética semelhante e idade próxima a eles permitiu uma aproximação inicial, mesmo que para cada jovem a relação de confiança foi se construindo diferentemente. Sentia que eles me consideravam “jovens” assim como eles, principalmente quando afirmavam em seus relatos sobre alguns temas considerados por eles comum aos jovens, ao afirmarem que eu os entendia, e até mesmo arriscavam que eu já pudesse ter vivenciado alguns desses temas.

Como dito anteriormente contato foi se tornando mais intenso o que favorecia o diálogo, ao me tornar mais familiar²⁵, até mesmo uma “amiga”. Dentre as lacunas dos diários e das entrevistas está a temática sobre a vida religiosa destes jovens. Entre agosto e setembro, fui com três jovens nos cultos em suas igrejas. Para além de uma descrição dos cultos, meu objetivo com a ida aos cultos era de pensar o encontro de práticas e experiências religiosas destes jovens, junto com os relatos nos diários e as entrevistas.

Através da relação de proximidade que teci com eles ao longo da pesquisa, fiz outro contato com todos os jovens para que eu pudesse acompanhá-los aos dias de cultos ou eventos em suas igrejas. No primeiro contato com cada um deles encontrei uma peculiaridade, ao perguntar sobre os dias dos cultos que frequentam, além dos cultos dominicais, esperava uma resposta fixa, desta forma poderia me programar, entretanto a resposta deles eram que iriam ver a “programação da semana” e me informar quais cultos poderiam ou gostariam de ir, eles me disseram que nem sempre frequentam os cultos nos mesmos dias. Assim como Novaes (2013) afirma, que cada vez mais a religião se revela como um fator de escolha do que necessariamente transmitido pela família, à frequência deste também é um fator de escolha.

²⁵ DAMATTA, 1987; VELHO, 1978

Essa proximidade que conquistei com os jovens foi essencial nas minhas idas aos cultos acompanhada deles. Aquele risco inicial que o pesquisador pode sofrer ao entrar em campo com o papel de pesquisador, e não de fiel, provocando um incômodo aos fiéis (pesquisado), foi substituído pelos cumprimentos e alguns abraços além do convite para voltar, ao ser apresentada como amiga deles que estuda na UENF, que estava indo conhecer a igreja e assistir o culto, porque fazia uma pesquisa com jovens evangélicos. Fui apresentada desta forma em três igrejas das quais visitei. no entanto na Igreja Caminho das Águas eu fui reapresentada como a “menina da UENF” que estava mais uma vez visitando eles e a igreja e lembrando que eu fazia pesquisa sobre religião. Na igreja Presbiteriana Renovada, me apresentei como pesquisadora da UENF, explicando rapidamente minha pesquisa.

Durante os cultos não fiz o uso do gravador digital, e sim diário de campo, onde além das minhas observações, também o usei para anotar algumas falas importantes dos jovens e dos pastores. Ao final do culto fiz algumas perguntas aos jovens conclusivas sobre o culto e a pregação, desta forma foi possível perceber as características evidentes da atração que os grupos religiosos pentecostais exercem sobre estes jovens. As variadas formas de atração, por exemplo, a presença de músicas e festas *gospel*, as relações estabelecidas com as igrejas mais “liberais”, permite uma maior abertura aos jovens. Estas características acabam sendo responsáveis pela permanência dos jovens na igreja e não o motivo a qual a buscaram. A maioria desses jovens buscou a igreja, como será mostrado posteriormente, em algum momento da vida, por algum motivo pessoal, como gravidezs, morte de um parente próximo, medo de “cair no mundo”, se envolver com drogas e no envolvimento com o tráfico.

3.1 OS MÉTODOS ETNOGRÁFICOS

Como dito na introdução o uso dos *netbooks* pelos jovens é originária da proposta de uma pesquisa mais ampla. Este método de pesquisa apresentou alguns limites, tanto para os jovens quanto para o pesquisador, já que buscou trabalhar a partir de narrativas. Os jovens expressam as suas visões da realidade. Eles escolhem o que querem revelar e ocultar. Neste sentido ao analisar os relatos inicialmente encontro fragmentos de uma realidade. Desta forma os diários, as entrevistas, o grupo focal e as saídas de campo se apresentam como as técnicas de pesquisas qualitativas, a pesquisa adquire um caráter construtivo e interpretativo. Durante o início do processo de investigação os diários eram acompanhados de interrogações, desta forma recorri a outros métodos complementares como as entrevistas e o grupo focal, que também davam vozes aos jovens. Neste sentido as observações e as saídas de campo foram essenciais para a compreensão do que se era dito. A importância dos diários para a pesquisa foi central, além da motivação inicial em participar da pesquisa ao receberem os *netbooks*, essa técnica permitia que os dados fossem apresentados a partir das escritas dos próprios jovens, e enviados para a pesquisadora, desta maneira mantendo uma relação constante com a pesquisadora que durante os meses foi se intensificando. A relação de confiança tecida entre os jovens e a pesquisadora foi fundamental para as realizações das entrevistas e das visitas aos cultos.

Cada jovem utilizou o diário de forma diferente e, a partir das suas narrativas, foi possível compreender um pouco da vida de cada um. Os diários mostraram um universo juvenil heterogêneo. O que os jovens me escreviam e posteriormente me contavam em entrevistas, são histórias pautadas na vida de cada um, nas suas experiências de vida, nas imagens que de determinada maneira lhes fazem sentido. Tudo que eles escrevem são construções daquilo que eles vivem, sentem e ouvem principalmente sobre o que lhes dizem respeito, a partir de suas práticas sociais, originárias das instituições religiosas a que pertencem e dos grupos de amizades, das relações familiares e de vizinhança; dos grupos de pertencimento, interiorizando suas relações sociais.

A prática de escrever em diários vai além de dividir o íntimo, e adquire um sentido de “invasão” que eu, como leitora desses diários, poderia ser considerada por eles (SALVA, 2008). Esses diários foram apresentados a eles como uma técnica nova, já que eles não iriam escrever manuscritamente, e a forma de envio seria virtual. Eles não receberam um diário de papel, semelhante a um caderno pautado, ao contrário, cada um deles ganhou o *netbook*, e seria através do contato virtual via *e-mail* que eu teria acesso ao conteúdo. Desta forma, os diários ultrapassavam a vida íntima deles, e adquiria então em minhas mãos um caráter evidente, já que mesmo resguardando o sigilo de todos, eu tornaria o confidencial em público.

Através das leituras dos diários, eu passava a conhecer a vida cotidiana deles, mas seus escritos iam além da sua própria bibliografia, não se fixando somente em sua vida pessoal e sim dividindo um pouco sobre a bibliografia de outras pessoas. Nem tudo a que tive acesso é necessário ser exposto aqui, de forma que essa pesquisa não se trata de histórias de vida dos jovens, e sim apenas de um recorte sobre as práticas diárias deles, mas tudo que me foi confidenciado de certa forma foi pertinente para que esse recorte acontecesse da forma mais clara possível. Encarei os diários semelhantes a testemunhos das suas vivências, mesmo tentando restringir os assuntos principais que deveriam abordar em suas escritas semanais, alguns pontos além foram revelados. Contudo, senti que os escritos dos diários muitas vezes deixavam alguns assuntos relevantes para a pesquisa muito fracos, talvez por receio de serem escritos, ou por realmente fazerem uso desse diário de maneira pessoal, como uma ferramenta de desabafo sobre suas angústias e aflições, por isso as entrevistas semiestruturadas foram coesas nessa etapa. Além do que, os jovens não escreviam com as mesmas frequências, sendo necessário realizar as entrevistas, já que o número de material enviado por alguns deles era por mim considerado insuficiente, e ao mesmo tempo instigante, por deixarem “pista” sobre os temas que eu buscava analisar.

Durante os dois anos e meio de pesquisa, tentei manter com os jovens ao máximo uma relação profissional, mesmo quando eles me confidenciavam fatos extremamente pessoais e que era impossível que eu não me sentisse um

pouco envolvida. Busquei em vários momentos marcar o meu lugar na relação com eles enquanto pesquisadora, ainda que longe de um distanciamento marcado pela “neutralidade”. No decorrer do tempo e das situações e encontros alguns jovens começaram a me ver como uma amiga, o que em alguns momentos me fazia confusa com essa relação. Manter a dita “objetividade” em relação ao meu método de pesquisa não é uma tarefa fácil, este trabalho implica na não neutralidade da pesquisadora, já que minha subjetividade está aludida.

Alguns jovens apresentaram dificuldades em lidar com essa técnica de pesquisa. O trabalho da escrita para a maioria dos jovens foi muito difícil; eles consideravam a fala mais fácil que a escrita, afirmavam que esqueciam o que queriam escrever, que a velocidade da fala era muito melhor, fazendo-os sentirem-se mais à vontade falando do que escrevendo. De início, a preocupação deles era em relação ao tipo de escrita esperada por mim. Expliquei que eles deveriam escrever como se fossem apenas para eles, e que não se preocupassem com a questão ortográfica, já que eles me falaram que tinham vergonha de escrever as palavras erradas. Antes de entrar no tema escola, todos eles são alfabetizados, entretanto, quanto ao conhecimento do código linguístico, eles afirmam não saber fazer o uso correto dele. Mas o que interessa de fato aqui são os relatos deles e não o uso da grafia, se escrever para um deles era uma tarefa árdua, as entrevistas era uma alternativa, e foi exatamente dessa forma que equilibrei os dados.

As palavras, escritas ou ditas, produzem sentidos, criam a realidade, expressam poder, descrevem a vida (SALVA, 2008) A experiência da escrita solicitada por mim exigiu aos jovens, ao narrarem sobre suas vidas, um exercício de pensar sobre si, e expor para si. O diário passa a ser um espaço privado; entretanto, mesmo que ninguém venha a ler, estará explícito em algum lugar, o espaço antes privado que exigiu do escritor um ambiente próprio, pode ser entendido como um espaço de intimidade compartilhada (SALVA, 2008).

De início imaginei que a entrega dos *netbooks* fossem ser atrativas ao ponto que todos os jovens iriam escrever sem problemas. Como nem todos os jovens tinham internet em casa, outra dificuldade, eles me enviavam através da

internet da escola, ou me entregavam através do uso do *pen drive* que foi entregue a cada um deles, com essa finalidade inicial. Os jovens, em sua maioria, sabiam manusear o computador; os que tinham algumas dificuldades, me pediram ajuda para que eles pudessem enviar os diários para mim, como por exemplo, anexar arquivos ao *e-mail* e enviar. Contudo, eles não apresentaram grandes empecilhos ao uso do equipamento, nem o acesso à internet foi um problema. O que fez com que os envios dos diários fossem diminuindo ao longo dos meses, foi a escrita em si e também, segundo eles, o esquecimento do compromisso de me enviar dois diários semanalmente.

As ausências de palavras nos diários significam um sentido (SALVA, 2008:155). Além do silêncio durante as entrevistas e conversas, o “silêncio” inicialmente esteve presente nas linhas dos diários. Neste caso, o silêncio deixava algo significativo nas entrelinhas, que somente em um contato mais íntimo poderia ser possível decifrá-lo. Ele também pode ser entendido, ao escreverem em seus diários, como a insegurança de como relatar uma experiência com uso de palavras escritas. Por diversas vezes, ao ler os diários, encontro frases inacabadas, como se o jovem não conseguisse encontrar a palavra para expressar-se. Digamos que o silêncio pode ser sinal de receio ao falar sobre algo, como também de não saber como contar e descrever determinado assunto. Cabe a mim pesquisadora tentar interpretá-lo. Conforme destaca Salva (2008), “o silêncio é então entendido como significante, linguagem, iminência de sentidos” (2008:156). No mesmo sentido, (...) “quando se trata do silêncio, nós não temos *marcas* formais, mas, *pistas, traços*” (ORLANDI, 1993:48.)

Não entendo o “silêncio” dos jovens como sinônimo de: “estado de que se abstém a falar” como traz o dicionário Aurélio; para mim, ele representa uma linguagem por meio da qual o jovem transmite um sentido. Como diz Orlandi (1997, p.11), “um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram sentido”, o silêncio é uma linguagem. Enfim o silêncio esteve nas frases incompletas, durante as entrevistas nos olhares, nos pequenos gestos. Às vezes o silêncio era evitado por outra palavra falada ou escrita.

Conforme mencionado anteriormente, um dos jovens apresentou uma maior dificuldade de escrever do que os demais, e era difícil buscar significados nas entrelinhas já que não havia muitas delas. O silêncio, neste caso, era relacionado à falta de palavras para nomear as experiências (SALVA, 2008:156). Deste modo as entrevistas foram necessárias e relevantes para poder focar exatamente nos temas relativos a essa dissertação, interrompendo os envios dos diários. As entrevistas ocorreram posteriormente aos envios dos diários. Foram realizadas vinte três entrevistas, sete entrevistas com Thayla, sete entrevistas com Fred, cinco entrevistas com Alejandro e quatro entrevistas com Mellysse. Elas foram realizadas na UENF, no shopping *Boulevard*, com alguns jovens em suas casas e outras em minha casa.

As entrevistas semiestruturadas, permite que o pesquisador possa obter informações do pesquisado sobre sua vida. Mediante uma relação entre ambos, desta forma o entrevistado pode narrar suas experiências através de palavras e gesto (ALONSO, 1999) devido uma relação de confiança. Durante os meses da escrita e do envio dos diários, minha relação se intensificou proporcionando-nos uma relação confortável, as entrevistas eram marcadas por um ambiente onde os jovens se sentiam a vontade para falar e se expressar, sendo que apenas nas primeiras entrevistas com alguns dos jovens foi notado um certo desconforto principalmente pelo uso do gravado. a partir dessas primeiras entrevistas, os jovens estabeleciam comigo uma comunicação direta e espontânea. Este tipo de metodologia qualitativa foi fundamental porque facilitava aos jovens a expressão de um pensamento, principalmente para alguns jovens que afirmavam as dificuldades de escrever sobre suas vidas. As entrevistas permitiam que os jovens falassem sobre suas experiências e vivências de modo “aberto”. Possibilitando entender as relações que os jovens constroem a partir de suas práticas religiosas, através das minhas perguntas e indagações, e das observações gestuais durante as falas deles. Entretanto durante as conversas, evitava interromper o entrevistado, como se fosse um questionário de perguntas fechadas.

A técnica de entrevista semiestruturada foi utilizada nesta pesquisa principalmente pela necessidade de aprofundar algumas questões, entende-las

e até mesmo se encontrava pontos divergentes. Ambas as técnicas de pesquisa forma fundamentais, as narrativas escritas detinham algumas especificações que a fala não expressava e vice versa.

CAPÍTULO 4 - OS JOVENS EVANGÉLICOS E OS VÍNCULOS RELIGIOSOS

Neste capítulo pretendo abordar as visões de mundo (GEERTZ, 1978) de jovens evangélicos a partir de suas experiências e vínculos religiosos. A aproximação deles à igreja, o momento da “conversão²⁶” e o significado de tornar-se “jovens da igreja”. Buscando compreender a aproximação dos jovens nas igrejas e suas vivências a partir dos vínculos e a construção dos seus repertórios juvenis, focalizo as situações de chegada à igreja, com destaque a chamada “conversão”, a permanência e/ou afastamento. Também analiso como cada jovem se coloca em relação às atividades religiosas considerando as categorias, “evangélicos genéricos” (NOVAES, 2012), comprometidos, descompromissado e afastado. Uma outra dimensão analisada são as experiências dos jovens em outros espaços de sociabilidade a partir dos vínculos religiosos institucionais e outras formas de vivência religiosa. Autores como Novaes (2006) tem chamado a atenção para o fato de que os jovens cada vez mais vêm valorizando a sua fé, independentemente de uma “conversão” institucional, mesmo que essa ocorra, pode-se entender que a experiência pessoal tem sido mais valorizada do que a instituição religiosa. A igreja como instituição não é mais vista como a única capaz de dar sentido religioso. Para a autora

(...) nessa geração nada pode ser visto como muito estável, pois o que mais a caracteriza é a disponibilidade para a experimentação, o que ocorre também no campo religioso. São os jovens os que mais transitam entre vários pertencimentos em busca de vínculos sociais e espirituais (NOVAES, 2006:271).

Ao voltar as suas análises para os jovens pobres moradores de favelas NOVAES (2008) coloca que a escolha religiosa passa a ser mais uma forma de sociabilidade na vida dos jovens, além de dar sentido as suas vidas. Quando o

²⁶ O termo “conversão” é apresentado ao longo do texto como uma categoria nativa usada pelos jovens em relação ao momento em que eles rompem com a “vida antiga”, isto é, “mundana”, e assumem compromissos com a igreja.

assunto é religião e juventude, ela observa a insegurança e as dificuldades que estes jovens têm em relação à inserção social. Como afirmado acima, para Novaes (2004), a religião é então mais uma escolha destes jovens frente a tantas outras que a sociedade oferece, e todos os jovens fizeram suas escolhas por fatores pessoais. Os motivos que os levaram à “conversão” religiosa seja em busca de ajuda, refúgio, salvação, ou simplesmente uma escolha, tem um significado individual e relacionado as diferentes experiências de vida. As situações vivenciadas cotidianas são marcantes para a decisão da “conversão” e a realização do batismo religioso.

Ao analisar os dados da pesquisa realizada com os quatro jovens, observa-se que eles “procuram” as igrejas como um lugar de refúgio, ainda que isso não implique em uma permanência em momentos posteriores, ocasionado “afastamentos” conforme foi relatado por Fred e Alejandro, como será visto mais adiante. Os jovens se afastaram por motivos diferentes, por exemplo, influenciados pelos amigos não evangélicos e ocasionados pela falta de tempo por causa do trabalho e do estudo, entretanto afirmaram não terem rompido de vez com a religião, e sim com as igrejas. Nesse sentido, pode ocorrer o retorno, ou apenas diminuir a frequência aos cultos e a outros eventos religiosos.

4.1 OS JOVENS E A IGREJA: PERCURSOS E APROXIMAÇÕES

A aproximação dos jovens às igrejas pesquisadas se dá entre a infância e a adolescência por meio de familiares, e a permanência destes se sustenta principalmente a partir da ligação com outros jovens evangélicos cujos vínculos ultrapassam o espaço da igreja. Na medida em que se afastam desses “amigos” em decorrência da relação com amigos não evangélicos e namoros, igualmente tendem a afrouxar os vínculos com a igreja.

Os quatro jovens moradores de favelas tiveram o primeiro contato e frequência à igreja evangélica na infância e em situações de acompanhamento dos pais, principalmente a mãe, e parentes, entretanto é na adolescência que três dos jovens afirmaram o processo de “conversão”. Embora a família dos jovens, pais e avós, em sua maioria fossem evangélicos, os jovens não sentiam interesse em participar, de estar na igreja, segundo eles antes da “conversão”, mesmo que ocasionalmente a frequentasse, afirmavam não imaginar que a religião poderia “transformar suas vidas”. Com exceção de Fred cujo a aproximação da igreja se deu mediante um amigo os demais jovens começaram a frequentar os cultos por meio da família. Sugerindo a predominância da influência familiar sobre as gerações mais jovens.

Minha avó sempre foi evangélica e levava a gente quando criança (Thayla, entrevista).

Vou com minha avó desde criança, porque minha mãe não mora comigo (Alejandro, entrevista).

Como enfatiza Machado

Isso ocorre porque, no modelo hegemônico de família latina, cabe justamente às mulheres, que demonstram maior afinidade com a esfera religiosa, a responsabilidade de educar a criança e estimular a espiritualidade nos familiares (MACHADO, 2006:98).

Esse aspecto foi mencionado por Thayla, sua família sempre foi evangélica, quando moravam na cidade do Rio de Janeiro, frequentava diversas igrejas evangélicas com a sua avó, ao se mudarem para Campos dos

Goytacazes sua avó passa a frequentar a igreja Deus é Amor, e ela e a irmã mais nova as acompanham. Quando sua mãe chega à cidade de Campos dos Goytacazes, se casa e vai morar na favela Tira Gosto, levando Thayla e sua irmã ainda crianças. Sua mãe e seu padrasto se converteram à igreja Caminho das Águas, e se tornaram missionários. Seus demais familiares que moram em outros lugares da cidade de Campos dos Goytacazes também se converteram. Thayla relata que na adolescência se afasta da igreja e “só queria saber do mundo”.

Cheguei a me revoltar, eu comecei a sair muito com os meus amigos, namorei meninos que faziam parte do tráfico, eu bebia, até fumei maconha e tal. Ia para as baladas, não estuda mais, como me mãe diz, eu tava impossível, o que posso dizer é que eu só queria saber do mundo, de sair e me divertir, mas era tudo ilusão, porque os amigos eram falso, e o mundo só mostrava coisas erradas, só fui entender isso depois que voltei e me converti à igreja.(Thayla, entrevista).

Alguns jovens relataram os diferentes pertencimentos religiosos na família, por exemplo, o catolicismo. As aproximações das igrejas ocorreram por meio de outros membros familiares independentes dos pais, e até mesmo por vizinhos, num processo de “reelaboração da relação mantida com a religião originalmente atribuída pela família” (Gomes, 2006:192). De acordo com um dos jovens:

Fui eu que levei eles (família) para a igreja. Quando criança minha mãe era católica, mas não ia, aí eu ia com as vizinhas que eu chamava de tia. Depois meus amigos me convidaram pra ir pra Presbiteriana, porque eu tocava cavaquinho e seria legal montar uma banda lá, aí eu fui e levei eles (Fred, entrevista).

O pertencimento religioso familiar dos jovens é marcado por negociações e conflitos entre as experiências religiosas adotadas, formas de adesão e de opção religiosas diferenciadas (GOMES, 2006:194). A mãe de Thayla é missionária da igreja e dirigente juntamente com o padrasto. Entretanto ela afirma que seu esposo é católico, não “praticante”, ser evangélica, frequentar/dirigir um grupo de jovens eram motivos de conflitos, principalmente por parte da família dele. Atualmente eles frequentam à igreja Caminho das Águas, e

visitam outras igrejas evangélicas no atual bairro Novo Jóquei, como a Assembleia de Deus, porém seu esposo não é convertido.

Poucos jovens relataram a circulação entre as igrejas evangélicas, o que não significa dizer que não estabelecem algum contato com outros espaços denominacionais em situações de “visitas”, mas há um segmento de participantes das igrejas menos rígidos em termos de filiação institucional que segundo Almeida (2006:115) “se serve’ desta religiosidade” e constituindo práticas religiosas que rompem as fronteiras institucionais.

Minha mãe vai na Assembleia aqui mesmo, mas eu vou com meu tio na Batista. Meu pai eu acho que nem vai mais na igreja, mas ele ia na católica (Mellysse, entrevista).

Neste contexto, dentro do núcleo familiar, “há diferentes tipos de frequência e trânsito em diversas confissões religiosas, sem que ocorra filiação formal a uma delas” Gomes (2006:195).

Segundo os jovens, ao se reaproximarem das igrejas, as primeiras frequências aos cultos, aos encontros com os grupos de jovens, isto é, suas primeiras experiências religiosas na igreja, foram marcadas pelo conforto espiritual, alívio, segurança e proteção, contra alguns acontecimentos cotidianos em suas vidas, como reprovação escolar, morte de ente da família, amigos envolvidos com o tráfico, os levaram a “conversão”. Estas primeiras vivências religiosas foram relatadas mais especificamente nas entrevistas, ao fazerem referências da aproximação com “Deus” durante os cultos, principalmente nas situações de pregações dos pastores, missionários (as), e em alguns testemunhos de outros jovens. Os novos sentimentos despertados os motivaram a assumirem compromissos religiosos e a “conversão”.

Sei lá quando eu to na casa de Deus, é algo que não sei nem falar, é é, tipo uma felicidade, palavras de verdade me fazia sentir alegria, eu vou pra casa alegre, em paz, nossa muito bom (Mellysse, entrevista)

Tinha momentos que parecia que eu ia explodir, meu coração se enchia de amor, e sentia o calor de Jesus, cada encontros desses me fazia ter mais certeza que eu tinha que aceitar a Jesus (Thayla, entrevista),

Durantes os cultos os grupos religiosos, os jovens relataram os momentos importantes, que os faziam sentir vontade de continuar a frequentar a igreja, Fred relata sobre o primeiro dia que ele visitou a igreja Presbiteriana Renovada,

eu gostei, achei legal o culto, as pessoas, um clima de amizade, eu me senti bem. Conheci algumas pessoas que meu amigo me apresentou, e que tocaram no culto (Fred, entrevista).

Segundo eles a presença de jovens nas igrejas traz um clima de informalidade, desta forma tornando o ambiente mais propício a retornarem outras vezes, e quando são convidados a assumirem uma função dentro da igreja, como tocarem em bandas, eles se sentem valorizados e motivados, além de querer “aceita Jesus”, também participam mais ativamente dos cultos e dos eventos religiosos. Estabelecendo contato com Deus, por meio de uma purificação física e mental (CUNHA, 1993). Foi a música, e principalmente fazer parte da equipe da música que atraiu Fred a continuar a frequentar a igreja, e posteriormente se converter,

havia um pequeno grupo de jovens responsáveis pela música e eu toco cavaquinho e isto me animou, foi um chamado (Fred, entrevista)

Além das experiências de fé, os acontecimentos no dia a dia também os motivavam a buscar “ajuda espiritual”, a “conhecer a Deus”, porque para eles era preciso ter a certeza do compromisso. Alguns desses acontecimentos são relatados pelos jovens como a gravidez de Thayla e a morte da avó de Mellysse.

Assumir-se evangélico de uma hora para outra não é fácil (Fred, entrevistas)

Romper com o mundo foi difícil e teve que ter um tempo, as tentações eram muitas (Thayla, entrevista)

A “conversão” como um processo implica em várias formas e intensificações. Como observou Mafra (2012), o processo de “conversão” pode abarcar também um,

trabalho lento de reconstituição de referentes do passado e do presente da pessoa que muitas vezes tem de lidar com categorias latentes de significado (MAFRA, 2012:120).

Nenhum dos jovens relatou exatamente “o dia” em que se converteram, mencionando vários momentos importantes no processo de envolvimento com a igreja sendo as amizades constituídas nesse contexto fundamentais a uma maior regularidade em temas de frequência.

Teve um dia que o pastor disse sobre o tamanho do amor de Deus os planos de salvação que tem para gente, mesmo se a gente for pecadores, mais ou menos isso que eu lembro, eu sei que nesse dia eu senti que realmente Deus queria falar comigo, eu tive encontro pessoal com Deus, eu até me emocionei, ai depois disso eu tinha mais vontade de aceitar Jesus (Fred, entrevista).

Encontrei aqui amigos de verdade e nos cultos, encontro conforto para os problemas da vida, eu acredito que Deus me ajuda a entender os problemas e a superar (Alejandro, diário).

Thayla afirma que foi se reaproximando da igreja aos poucos, quando ela estava triste por algum motivo, com medo, ou angustiada ela acompanhava a mãe aos cultos, no entanto quando “estava bem”, retornava a sair e se afastar da igreja.

Tipo até rolava um sermão, mas ela falava que eu tinha que querer ir por minha vontade (Thayla, entrevista).

Mesmo sua mãe sendo missionária da igreja Caminho das Águas, apresentando uma vivência religiosa cotidiana, Thayla frequentava pouco à igreja, sua mãe nunca a obrigava e sim a “convidava”. Ao conhecer seu esposo, se afastou novamente da igreja Caminho das Águas por influência dele. Segundo ela além de ser “mundano”, ele, principalmente por causa da família católica, não simpatizava com a igreja evangélica, gerando conflitos entre os dois. Como dito acima seu processo de “conversão” consolida a partir da sua gravidez,

minha filha me trouxe à Deus, no início foi muito difícil, mas hoje eu vejo que ela foi o presente de Deus e me levou a aceitar Deus e conhecer como ele é pai e amigo, meu esposo também começou a ser mais responsável, e também ia na igreja comigo,

mas ele não é convertido, só frequenta as vezes (Thayla, entrevista).

O primeiro contato religioso de Alejandro também se deu dentro do núcleo familiar. Ele relata que a relação com a igreja evangélica ocorreu na infância quando acompanhava a sua avó nas atividades da igreja. No entanto não participava de nenhum grupo religioso infantil/adolescente, só frequentava porque era levado pela avó, mas não gostava e com o passar do tempo se afastou. Na adolescência ele se reaproxima sem a influência da avó, ao frequentar a igreja ele relata que passou a se “sentir muito bem”.

Ainda na infância era levada para à igreja pela avó, e depois passou a frequentar por escolha individual. Mellysse participava de grupos e encontros na igreja para crianças. Ainda na infância ela pedia a avó para levá-la à igreja, através dos grupos ela fez muitos amigos, e podia se divertir. Ela relata que quando criança a avó não a deixava brincar na rua, por receios que algo acontecesse, pela peculiaridade do seu local de morava a favela São Matheus. Ir a igreja era um lugar onde ela podia brincar sem medo, e estar com suas amigas.

A vida religiosa de Fred é marcada por um curto trânsito religioso entre denominações evangélicas e a Igreja Católica até chegar à Igreja Presbiteriana Renovada, onde aconteceu a sua “conversão”, entretanto ele se diz convertido a Deus,

sou evangélico me converti, mas não digo que sou convertido a igreja presbiteriana, e sim a Deus, a religião evangélica e não a igreja (Fred, entrevista).

Ele relata que na infância chegou a frequentar outras igrejas com os pais e vizinhos, mas que através de amigos era sempre convidado a conhecer a Igreja Presbiteriana Renovada que passou a frequentar um tempo depois seus pais passaram ir a mesma igreja. Isso se aproxima das análises Gomes (2006:195), que destaca como as “novas opções religiosas individuais influenciam a “conversão” de seus respectivos núcleos familiares”. Entretanto, no caso de Fred no início não havia uma convivência “sem conflitos de opções religiosas contrastantes em um mesmo núcleo” (GOMES, 2006:195). A

frequência por diversas denominações evangélicas chegou a ser motivo de conflito entre os pais, quando estes frequentam igrejas diferentes, mas em um dado momento todos chegaram a frequentar a mesma denominação.

Entretanto os contatos que tiveram com as igrejas na infância não os levaram a “conversão”, contudo na adolescência, ao ser tornarem mais independentes sobre suas escolhas, como não querer ir a algum lugar, quase todos os jovens se afastaram da igreja. Em algum momento de suas vidas eles se reaproximaram das igrejas que frequentavam na infância ou de outras igrejas, por escolhas e decisões individuais, e se “converteram”.

Assim, durante a juventude podem acontecer processos como a desvinculação da tradição religiosa em que o jovem foi socializado, rompendo com a religião dos pais, a conversão a um outro sistema religioso, ou mesmo a re-adesão à religião de origem, não mais por herança familiar, mas por decisão própria, passando pelo crivo do indivíduo. Isso mostra mudanças no processo de transmissão da religião de uma geração a outra (NOVAES, 2013).

A busca da religiosidade para os jovens é entendida como uma segurança ao enfrentamento do sofrimento, das incertezas e medos. Desta forma eles se reaproximam das igrejas nessas situações. As dificuldades materiais não são as únicas a serem enfrentadas, há também as crises pessoais, a falta de sentido na vida, problemas de saúde. Para eles, somente “confiando em Deus” poderão superar e entender qualquer dificuldade, seja qual for. A religião é capaz de confortá-los, com a certeza que “Deus os ajudará”.

Mesmo que demore, porque é no tempo de Deus e não na hora que eu quero (Thayla, entrevista).

Meu coração ficava tranquilo, todo mundo da igreja me apoiava e me ajudava a entender os propósitos de Deus (Mellysse, entrevista).

Deus é quem sabe de todas as coisas, eu acredito que tudo tem um motivo, se minha avó morreu é porq deus quis (Mellysse, diário).

Deus e pai e guia meus caminho (Thayla, diário).

Deus me da segurança e sei que ele cuida de mim sempre em todos os momentos (Alejandro, diário).

Ele encheu meu coração de alegria quando comecei a ir na igreja (Fred, diário).

Para Fred, a igreja foi importante, pois ele a procurou em um momento difícil que era estar prestes a terminar o ensino médio e não ter emprego. A insegurança em relação ao futuro profissional é uma das maiores angústias dele, ao terminar o ensino médio, ele continuou o curso técnico, porém estava com dificuldades de conseguir um estágio necessário para a conclusão desse curso. Durante seus relatos ele expôs algumas frustrações em relação às dificuldades de conseguir um emprego,

E nessa ideia de querer uma coisa melhor.. fui procurar com meu tio que trabalha na Isalvo Lima, no ano passado ele conseguiu um emprego de moto boy para meu primo mas para mim nem rola ainda pq ainda não tenho a carteira.. e outro dia minha mãe foi num hotel de um cara que foi patrão dela há um tempo atrás então eu fui e ele fez várias perguntas do tipo se eu fumo, bebo, se tinha qual tempo disponível, perguntas desse tipo, e ele também perguntou se eu tinha carteira de motorista, eu não tenho, e ele disse que a única vaga que tinha pra me encaixar era de manobrista mas como eu não tinha carteira ele pediu pra eu esperar um pouco mais mas como eu não tenho ainda ele mandou eu esperar (Fred, diário).

Além disso, ele também relata as dificuldades e os medos dados as situações de aproximação em relação aos amigos que usavam e ou vendiam drogas, que não levavam a vida muito “certa”. Tinha receios de envolvimento com estas práticas e os seus desdobramentos em aprisionamento e mortes violentas.

As vezes eu me sentia tentado, sabe? Não é que eu?! Sabe! E também não to falando de sair com os amigos, porque eu faço isso na moral, mas às vezes tem uns pensamentos na cabeça, eu já tinha ido em igrejas quando criança, meus pais as vezes iam, já fui na Católica, na Universal e na Assembleia aqui perto de casa. Eu estava precisando de um rumo de um estímulo a continuar na vida certa, não que eu quisesse ser errado, mas tinha medo, o que minha mãe mais falava sabe, alguns colegas me chamavam para ir na igreja com eles e eu sempre falava eu ia, porque eu sabia que um dia eu tinha que ir mesmo, porque eu andava meio com medo do futuro, até que um dia eu fui.

Minha mãe tem muito medo, porque já viu gente morrendo e indo pra cadeia (Fred, entrevista).

Nesse contexto, Fred passa a constituir também outros amigos quando passa a frequentar a igreja e participar do grupo de louvores, sendo importante para a sua “conversão”.

Eu gostava de estar no grupo, porque a gente se divertia e principalmente porque cantávamos e tocávamos, eu logo comecei a ajudar na música dos cultos. Todo mundo achava que eu já tinha me convertido o pastor queria até me batizar (Fred, entrevista).

Alejandro relata que quando começou a ter mais maturidade, a reaproximação a igreja o ajudou a entender e aceitar a sua vida, já que durante uma fase de sua vida ele estava “revoltado” com sua condição financeira, a ausência do pai e as incertezas do futuro. Sempre morou com a avó desde muito novo, e nunca questionou sobre a ausência do seu pai, e o fato de não morar com a mãe a irmã e o padrasto. Mas na adolescência ele começou a querer buscar explicações sobre sua vida, descobriu que seu pai já teve envolvimento com o tráfico de drogas na Favela Baleeira e que ao se separar de sua mãe, a sua avó assumiu a responsabilidade de criá-lo, para mantê-lo afastado do pai, entretanto nunca soube mais nada sobre o pai, porque a avó não conta, e ele mesmo deixou de se importar. Como forma de entender sobre sua vida, o local de moradia, as dificuldades que via a avó passar e sua origem, Alejandro começou a frequentar assiduamente os cultos e grupos religiosos da Igreja Assembleia de Deus Rocha Leão, a fim de tentar encontrar ajuda espiritual e conforto. As vivências dentro da igreja foram trazendo mudanças no modo de “enxergar” sua vida, o que derivou na “conversão” e posteriormente o batismo nas águas.

Thayla relata nos diários e nas entrevistas, as dificuldades que foi contar a mãe sobre a gravidez e conviver com as “fofocas”²⁷ dos vizinhos sobre ela. Ao passar o primeiro susto da descoberta da gravidez, ela descreve sobre os

²⁷ Norbert Elias (2000) em seu livro “Os estabelecidos e Outsiders” discute a relação da fofoca na comunidade que pesquisou. Para ele a “fofoca” não é um fenômeno independente. Depende das normas e regras coletivas, as “fofocas elogiosas” tendem para a idealização, “as fofocas depreciativas” tendem para degradação estereotipada, ligadas a crença do carisma do próprio grupo e na desonra do grupo alheio.

medos e as angústias que começou a sentir em relação a “ser mãe” e a criar uma criança, principalmente na favela Tira-Gosto. Ela expõe os perigos que é permitir que as crianças brincassem nas ruas e becos da favela, além disso, ela enfatiza que quando engravidou da primeira filha, as incertezas sobre o futuro da criança a angustiava, principalmente se fosse um menino, pela associação ao tráfico. É neste momento de sua vida que ela assumiu o compromisso com a igreja e rompeu com as práticas “mundanas”.

Esta semana foi muito bom por que teve um grande culto na minha igreja e eu gostei muito foi uma benção nada melhor eu estava muito feliz por que DEUS nos abençoou com muita unção ai viver para DEUS e muito bom como eu posso viver sem ele não tem como agradece-lo por todos os bens lícitos sobre minha vida eu amo a cada dia de culto da minha vida ai os dias mas feliz de minha vida e quando tem cultos em igreja de DEUS para eu ir um culto de sexta foi bom mas o de sábado melhor ainda só benção e o de domingo aiaiaiaia...ótimo D+ que sempre esta com DEUS eu amo muito tudo que eu faço (Thayla, Diário).

Thayla apresenta uma experiência singular entre os demais jovens participantes da pesquisa, que é a maternidade. Ser mãe transformou suas relações cotidianas. Suas angústias, seus medos, sua religiosidade, são marcadas pela relação materna, e seus diários apresentam especificidades diferentes das angústias, medos e religiosidade das outras jovens que não têm filhos. Criar suas filhas na favela é a sua maior preocupação. Quando descobriu que estava grávida pela segunda vez, ela teve novamente medo que fosse um menino, porque criar um menino na favela segundo ela é muito complicado, porque

os meninos que entram no tráfico, tenho medo, mesmo com a igreja aqui, tenho medo, como diz o pastor a caminhos do homem que parecem direito, mas, no final deles são caminhos de morte (Thayla, entrevista).

O processo de “conversão” de Mellysse se deu de forma diferente dos outros jovens. Ao contrário dos outros, ela nunca se afastou da igreja. Mesmo que sua avó a levasse quando criança, a jovem relata que sempre gostou de participar da igreja e das atividades religiosas, o que a levou ao batismo ainda na infância. Entretanto ela descreve que não compreendia o significado do

batismo. Por esse motivo ela ressalta que só sentiu o verdadeiro amor de Deus, através do sofrimento, quando sua avó veio a falecer.

Depois que minha mãe morreu, eu entendi como precisava de Deus, e como eu não era uma boa cristã (Mellysse, diário).

A “dor” a fez perceber que a igreja não era apenas um lugar que frequentava e encontrava as amigas, e sim como ela afirma o “melhor lugar do mundo”,

Hoje eu vivo a igreja, sinto a presença de Deus, minha religião é tudo para mim, curtição e oração (Mellysse, entrevista).

O entendimento da importância da vida religiosa para Mellysse aconteceu na adolescência, principalmente quando passou pelo momento de perda e tristeza, com a morte da avó materna que era considerada por ela como sua mãe. A partir desta perda, suas vivências religiosas se intensificaram, a igreja tornou-se o “melhor lugar”, onde ela se sentia menos angustiada. A “necessidade” de estar na igreja, junto dos amigos, a leva à “conversão”. Seus primeiros diários ela relatava sobre a “presença de Deus” para conforta-la, afirmando que não sabia o que fazer da vida, não tinha vontade de viver, pois tinha perdido a pessoa que ela mais amava.

Não aguento mais viver sem minha mãe minha vida estar indo por água a baixo. Minha mãe faz muita falta pra mim. Se eu pudesse eu voltaria atrás pelo menos para dar o ultimo beijo nela !!!! (Mellysse, diário).

Minha família graças a Deus serve a DEUS eu dou glória a DEUS por isso, mas têm duas pessoas que não tem ele, uma pessoa conhece a palavra dele, mas a outra não tem conhecimento da sua palavra. Minha vida eu não sei o que fazer dela sem a pessoa que eu mais amei nessa vida que foi a minha mãe, mas um dia eu vou estar ao lado dela lá no céu, ou seja, na eternidade. Eu até hoje não consigo acreditar que ela se foi, mas eu também penso pelo outro lado porque DEUS sabe de todas as coisas. Eu tenho FÉ que um dia estarei ao lado de JESUS que morreu na cruz para nos salvar e ao lado da pessoa que eu mais amei nessa vida (Mellysse, diário).

Ao relatar sobre a igreja como o único lugar que se sentia “feliz”, ela afirma que tinha momentos que não queria voltar a casa, porque lembrava a avó. Para Mellysse esse momento de dor, a aproximou de “Deus”, sua participação nos grupos se tornou mais intensa, e estar na igreja uma “necessidade”, segundo ela.

A “conversão” destes jovens, não implica necessariamente uma ruptura entre “sagrado e mundano”, mesmo que está aconteça, e sim um sentimento de renovação e crença em Deus como salvação, trazendo uma mudança de vida. A “conversão” se dá para esses jovens a partir do momento que há uma ruptura com o estilo de vida considerado “mundano”, associado a frequência de determinados lugares, como bailes *funk*, ou simplesmente ouvir e dançar músicas “mundanas”.

Pode acontecer de maneira mais forte interferindo rapidamente nas relações sociais, na aparência física como a estética, a vestimenta, quanto de forma mais superficial, se adaptando e assimilando uma nova vida aos poucos, sem necessariamente ocorrer uma mudança radical nas relações sociais e na estética.

Ao longo da pesquisa, as vidas desses jovens foram se transformando e muitos fatos relatados nas entrevistas como: reprovação no colégio, inserção no mercado de trabalho, gravidez, mudança de bairro, foram se organizando a partir do compromisso que estabeleciam com a conduta religiosa, desta forma também se estendendo para outras práticas de suas vidas.

Mas não mato mais aula porque ano passado eu fiz muito isso e reprovei ai tomei vergonha na cara. Ai estou me dedicando mais (Alejandro, entrevista).

Quando descobri que estava grávida de novo, fiquei em choque, mas depois vi que era Deus que quis (Thayla, entrevista).

Consegui um emprego com carteira assinada aqui na UENF, ai sai do projeto de reciclagem (Fred, entrevista)

Agora não estou mais morando na Tira- Gosto, estou no Novo Jôquei (Thayla, entrevista).

Em seus relatos sobre suas vivências os jovens mencionaram os “compromissos”, o que implica no cumprimento e conciliação de atividades relacionadas com o cuidado de filhos, a escola, o trabalho e a igreja. Essas experiências pautam o sentido atribuído por eles sobre “ser jovem”, como é visto nos seus relatos:

Sou uma jovem que sou casada e mãe, mas ainda quero estudar (Thayla, entrevista).

Sou um jovem que trabalho, estudo, saio e penso no futuro (Alejandro, entrevista).

Sou uma jovem que cuido de um grupo da igreja, estudo e não posso sair que não deixam (Mellysse, entrevista).

Através da participação de grupo religioso, os jovens aos poucos vão se envolvendo nas tarefas na igreja. Os jovens passam a se encontrar algumas horas que antecedem os cultos ou em dias fixos acertados entre ele. Quando o jovem intensifica sua participação ao grupo religioso, nos cultos e eventos religiosos, percebe-se uma entrega destes a outra “realidade”. Através do pertencimento religioso, os jovens são levados a certos entendimentos sobre as dificuldades que vivenciam. Quando Thayla escreve sobre o problema que sua família vem passando com seu tio que está preso, ela relata que a fé transformou sua forma de perceber as dificuldades do “mundo”, que antes de se converter estaria “revoltada”, mas sua “nova vida”, trouxe um entendimento de superação e enfrentamento dos problemas,

mas para Deus tudo tem um propósito, é preciso confiar (Thayla, entrevista).

Mellysse relata como valoriza as atividades e os compromissos com igreja, mantendo uma frequência de até duas vezes na semana, principalmente porque depende da família para ir à igreja já que esta não se localiza em seu bairro, e sim em um bairro próximo, no Parque São Silvestre, a família considera perigoso ela ir sozinha a esta igreja, além da distancia geográfica, segundo ela tem os risco de circular sozinha por esses bairros. Desde o inicio da pesquisa até a elaboração deste trabalho Mellysse tem o compromisso com o grupo das Missionárias do Reis, uma organização missionária voltada às meninas de 9 a 16 anos, vinculada a União Feminina Missionária Batista Renovada do Brasil, além das orações e das missões religiosas que ela assume com o grupo, ele também é voltado para a dança, música, pois segundo ela,

a música trás alegria para a igreja, e além de a gente orar, a gente se diverti também, adorando e exaltando a Deus (Mellysse, entrevista).

Como missionária tem a responsabilidade de testemunhar em nome de Jesus. Busca ter uma educação cristã, e participa de eventos de dança e música promovidos pela Igreja Batista Renovada em de Campos dos Goytacazes e em outras cidades como Rio Bonito. Participar do grupo das Mensageiras do Rei possibilita que novas amizades, dentro do grupo (Mellysse, entrevista).

Desde sua “conversão” Thayla atua como responsável pelo grupo de jovens na igreja Caminho das Águas juntamente com sua mãe e seu padrasto, que são missionários. Entretanto atualmente ela não mora mais na favela Tira-Gosto, o que a afastou de certa forma durante alguns meses da coordenação desses grupos, principalmente por causa da gravidez/nascimento de sua segunda filha. Recentemente ela tem retomado as atividades com mais veemência junto ao grupo, organizando o retorno dos encontros de jovens mensalmente e dos cultos dos jovens.

Quando iniciei a pesquisa Alejandro participava ativamente do grupo de jovens sendo um dos responsáveis pelas atividades desenvolvidas. Mesmo escrevendo poucas linhas em seus diários ele fazia referências a igreja e como ela era parte de sua vida. Ele relata que dentro da igreja, criou um ciclo de amizades, principalmente dentro do grupo de jovens que integrava como um dos coordenadores, os laços de amizades foram se tornando mais importantes, e suas relações se estendia para além da igreja, frequentavam praias, shoppings além dos eventos e viagens que a igreja organizava.

Entretanto, este jovem deixou de ocupar um cargo como responsável na medida em que estabeleceu outras redes de amizade fora desse grupo religioso. Mas mesmo assim, a religiosidade evangélica continua presente e define a condição de ser convertido. No entanto, ele expressa a sua vida religiosa durante as entrevistas, a importância de ser evangélico e acreditar em Deus, mesmo que em alguns momentos ele se distancie da igreja. Como ele é batizado nas águas, este para ele é visto como um compromisso e, além disso, como uma proteção.

Sei que hoje eu não cumpro com o que deveria porque sou do batismo no espírito santo, mas é bom esta batizado porque me sinto protegido (Alejandro, entrevista).

O batismo para os jovens é uma escolha a qual eles reafirmam o compromisso que fizeram com Deus, ao se “converterem” intensificando as “novas condutas morais” e os “compromissos” com a igreja, segundo eles o fiel renasce. Para eles receberem o batismo além de uma marca de aceitação da fé, reforça a ideia de proteção divina. Desta forma, uma vez convertido e frequentando a igreja o jovem pode se preparar para batismo, um ritual de passagem para uma “nova vida” (CUNHA, 1993). Os jovens afirmam que depois da “conversão”, são influenciados pela igreja a serem batizados. No entanto, eles não encontram impedimentos por parte da igreja para frequentarem as atividades que frequentam. Um dos quatro jovens não é batizado, ele afirma ter se convertido e que chegou a expressar a vontade de se batizar, mas, não o fez por sentir que era “um passo importante” que exige “novas responsabilidades”, desta forma os compromissos seriam maiores, e não somente por parte da igreja e sim segundo ele por sua parte. Para ele,

o batismo representa um compromisso que eu estou assumindo com Deus, eu sou convertido, sou evangélico, porém ainda não estou pronto para esta responsabilidade comigo e com Deus, se batizar por obrigação não é estar batizado (Fred, entrevista).

Se a vivência religiosa evangélica pode ocorrer por diferentes tipos de frequência, trânsito e vínculos, não implicando necessariamente numa filiação formal, no caso do batismo, esse pode ser entendido como uma confirmação da fé.

Sei que não cumpro com o que deveria porque sou do batismo no espírito santo, mas é bom esta batizado porque me sinto protegido (Alejandro, entrevista).

Somente o amor de Deus me dá forças quando me sinto triste, por isso me batizei quando me converti (Thayla, entrevista).

Ainda não me batizei porque ando afastado e acho que o batismo você tem que ter mais compromisso, então foi por isso (Fred, entrevista).

Depois que Fred escolheu não se batizar, começou a refletir porque estava indo aos cultos, se era apenas para se divertir e para tocar instrumentos

no grupo da música. Foi a música que aproximou Fred à igreja, mas foi a certeza do chamado de Deus e de que a sua vida estava se transformando que determinou a sua “conversão.

Em suas práticas cotidianas os jovens se veem imersos em dar conta de outras dimensões da vida, como a escola e o trabalho e essas são atravessadas por relações de compartilhamento de valores morais e religiosos. Dessa forma configuram relações sociais, sentidos de pertencimentos e condições juvenis. Nesse sentido, conforme nos

o pertencimento exclusivo e a assiduidade aos cultos já não podem ser vistos como o principal denominador comum do "ser crente", do "ser protestante", do "ser pentecostal", "ser evangélico" (NOVAES, 2012).

Esses pressupostos me possibilita problematizar esses sentidos de ser “jovem evangélico”. Para tanto, parto de uma descrição baseada conceitualmente no tipo ideal (WEBER, 2004). Nesse sentido é possível traçar os seguintes perfis: o evangélico “comprometido”, aquele que está firme na fé, participa efetivamente na igreja e rompe com a sociabilidade anterior. Um outro tipo é o “desviado” “aquele que cai no mundo”, mas pode retornar porque já foi convertido. Já o tipo “afastado”, é aquele evangélico que rompe com o vínculo institucional, mas se assume evangélico, pois mantém a crença e foi batizado. No caso do evangélico “descompromissado”, esse sigilosamente frequenta ao mesmo tempo a igreja e outros lugares considerados impróprios aos evangélicos. E por último há o “evangélico genérico”, considerados por Novaes (2012) como aquele evangélico que usufruem de rituais de serviços religiosos, mas se sentem livres para ir e vir.

Considerando essas categoriais pode-se aproximar as condições religiosas dos jovens pesquisados as seguintes referências: Mellysse e Thayla “o comprometido”, Fred “o evangélico genérico” e Alejandro “o descompromissado”.

Dois dos jovens vivenciam a sua fé com pouco ou nenhuma frequência à igreja, segundo eles o evangélico pode levar uma vida cristã no dia a dia, tendo momentos de oração em casa, sem necessariamente frequentar os cultos

constantemente. As práticas, o estilo de vida, a crença em Deus para Fred, o torna evangélico. Em seu relato, não ir aos cultos não que dizer que não seja mais evangélico. Nos últimos meses da pesquisa Fred foi frequentando menos a igreja, no fim da pesquisa ele não estava mais frequentando nem aos domingos.

Falando em igreja, eu tenho que voltar a ir com frequência, pelo menos aos domingos já q durante a semana não posso por causa do curso, num sei se sou eu ou se é serio mas eu vejo muita coisa errada em algumas pessoas, que talvez seja isso o motivo de eu estar relaxado com as coisas de deus, mas eu tenho que voltar a ser o que eu era antes. Ultimamente eu ando fazendo algumas coisas que nem sei porque faço, não me sinto a vontade para colocar as coisas que eu estou fazendo de errado porque isso não faz parte de minha verdadeira personalidade. Não que seja coisas sérias mas porque não combinam comigo (Fred, diário).

Entretanto Alejandro se difere de Fred, mesmo afastado do grupo de jovens, ele relata que frequenta a igreja aos domingos, mas ao contrário de Fred, seu afastamento se deu principalmente pelas práticas “mundanas” com os amigos não evangélicos, como boates e uso de bebidas alcóolicas.

Eu me afastei sim, mas sou batizado, não deixei de ser cristão, mas é que tenho saído muito né aí você sabe né (Alejandro, entrevista).

Eu deixei de ir principalmente porque terminei [namoro], né, mas já estava afastado, mas eu quero voltar sim (Fred, diário).

Segundo os relatos dos jovens, o que os tornaram evangélico foram as mudanças, na forma de “entender a vida”, na importância em “acreditar no amor de Deus e na salvação divina”, suas novas condutas, e práticas sociais. Quando eles usam o termo “mundano”, eles estão enfatizando as práticas que não são religiosas, entretanto não julgam que todas estas práticas “mundanas” devem ser necessariamente rompidas. Enquanto algumas são consideradas incoerentes com a “nova vida”, com ir aos bailes *funk* e às boates, outras práticas como frequentar um bar com os amigos, não são proibidas e sim evitadas. Thayla relata que se praticar como “cristão”, não é “pecado”, entretanto estas práticas devem ser casuais, isto é não se intensificando mais que as práticas religiosas.

As igrejas a quais os jovens frequentam, apresentam algumas peculiaridades no que se refere a participação dos jovens. A igreja Presbiteriana Renovada e a igreja Batista Renovada são mais flexíveis quanto algumas práticas sociais aos jovens, como frequentar determinados locais, como bares, entretanto todas elas permanecem irreduzíveis quanto, por exemplo, o uso de tabaco, drogas, e sexo antes do casamento. Quanto às restrições de frequentarem outros espaços como shows, bares, apenas Alejandro mencionou a orientação da igreja nesse sentido, no caso a Assembleia de Deus Rocha Leão, menos flexível.

Thayla que é coordenadora do grupo de jovens da Igreja Caminho das Águas, afirma que deve-se dar certa “liberdade” aos jovens e ao mesmo tempo motivos atrativos para permanecerem na igreja, como, por exemplo, a música e os encontros de jovens. Desta forma Thayla diz que os jovens, ao mesmo tempo em que tem a “liberdade”, e que “frequentem o mundo”, podem continuar na igreja. Segunda ela, a sua igreja tem o entendimento que os jovens na igreja acabam descobrindo que não precisam das “práticas mundanas”, “somente a vida cristã”. Mas ela ressalta que está “liberdade” permitida não se estende a todas as práticas “mundanas”, os jovens podem frequentar, por exemplo, um barzinho com os amigos, lanchonetes, mas não fazer uso de bebida alcoólica. A igreja está mais flexível, segundo Thayla e Fred, entretanto nem tudo é permitido. Thayla afirma que dentro do seu grupo de jovem, ela como organizadora busca cada vez mais atraí-los com práticas de lazer como levar os jovens ao cinema, e encontro de jovens ao ar livre com brincadeiras além das orações.

Lembro que o pastor falou uma vez que não pode dizer aos jovens para decidir entre o mundo e a igreja, que a igreja nunca devem fechar as portas para os jovens (Fred, entrevistas).

A análise das trajetórias de suas vidas observa-se que até a “conversão”, estes destacam algumas práticas anteriores a “conversão” consideradas “mundanas”, como frequentar baile *funk*, determinadas festas e andar com amigos que usavam e vendiam drogas, por exemplo. Ao exemplificarem estas práticas, as fazem com o intuito de destacar que a partir da “conversão” não as praticam mais. Isto é, adotaram novas condutas morais,

estabelecem um confronto entre “sagrado” e o “mundano”, chocam-se com uma rígida e explícita delimitação de fronteira da própria experiência religiosa (CUNHA, 1993). Nos seus relatos, experiências anteriores são relatadas como negativa, influenciadas pelo “mal”, pelo “diabo” ou “demônio”

Depois que eu passei na igreja, percebi como o mal estava me tentando, eu não conhecia Deus, e o diabo mesmo, que fazia eu pensar essas coisa que eu pensava sabe, mas não gosto muito de falar nisso (Fred, entrevistas).

Droga é coisa do demônio mesmo, quando a gente não tem Deus, a gente ta fraca e ele aproveita, as coisas mundanas que parecem ser coisa boas, são coisas do demônio assim como as drogas, eu cheguei a usar, mas não gosto de lembrar, vergonha sabe, e medo também (Thayla, entrevista).

Hoje eu vejo como era amaldiçoada a minha vida, eu só queria me divertir, sem pensar, não queria ficar dentro da igreja, eu tinha essa ideia sabe, que era uma prisão, mas hoje eu sei, que antes eu era presa ao mundo (Thayla, entrevista).

Durantes as entrevistas os jovens relatam essas experiências “mundanas” e destacam ainda as mudanças que aconteceram em suas vidas a partir da “conversão”. Eles se percebem “transformados”, afirmam que são capazes de enfrentar e superar os seus problemas.

Eu comecei a acreditar em mim, consegui passar para o curso técnico, e a trabalhar em um projeto Reciclar (Fred, entrevista).

No caso do Fred, ao perceber que sua vida estava mudando e que o sentimento de insegurança tinha se transformado em “esperanças e certezas”, ele afirma que estava convertido a Deus, e que não tinha como renegá-lo, destaca: “me tornei evangélico. Assim, mesmo não sendo batizado e momentaneamente afastado da igreja Presbiteriana Renovada, afirma ser evangélico sem pertencer a uma determinada instituição. Ainda que frequente eventualmente a igreja Presbiteriana Renova por se sentir bem e inclusive fala de uma relação de respeito.

A igreja pra mim é um lugar que se deve ter reverencia e respeito. E cada coisa que se faz lá deve ser com o pensamento em Deus (Fred, entrevista).

Os jovens ao se afastarem das práticas “mundanas” e inicialmente dos “antigos amigos”, simultaneamente constituem “novos amigos” a partir dos vínculos religiosos evangélicos e esses vínculos também dão sentido para as relações de amizade e a sociabilidade juvenil.

Uma diversão, muito irado, ontem fomos depois do culto lanchar, e ficamos batendo papo, muito bom, ai depois fomos ver um filme na casa da D.(Mellysse, diário).

Marcamos todos depois do grupo de jovens em irmos na semana que vem ao cinema, tem jovens que nunca foram, ai nos vamos, vai ser bem legal (Thayla, entrevista)

4.2 OS CULTOS E AS ORIENTAÇÕES AOS JOVENS

Durante a pesquisa juntamente com os jovens estive em quatro igrejas. Somente o Fred não me acompanhou no culto na igreja Presbiteriana Renovada. Fui a um culto na Igreja Assembleia de Deus Rocha Leão, do pastor Josias, três cultos na Igreja caminho das Águas do pastor Getulio, um culto na Igreja Presbiteriana Renovada, do pastor Paulo e um culto na Igreja Batista Renovada, do pastor Elias.

Em quase todas as igrejas sempre havia uma liderança, pastor da igreja, ou por um (a) missionário (a) - responsáveis por dirigir o culto, uma equipe responsável pela música e algum convidado a dar testemunho. Apenas a igreja Presbiteriana Renovada não teve testemunho. Dos três cultos visitados a igreja caminho das Águas, o pastor Getulio não esteve presente, sendo presidiados pela missionária Rosangela e Lucia. Dos seis cultos visitados, dois foram voltados aos jovens, um na Igreja Caminho das Águas e outro na igreja Rocha Leão e um culto foi realizado pelos jovens na igreja Caminho das Águas, supervisionado pela irmã Rosangela e por Thayla.

Nos cultos geralmente ocorrem: orações, músicas religiosos, testemunhos de pessoas que conseguiram superar algum drama familiar, de doença ou de dinheiro, leitura da bíblia, pregação da palavra de Deus por algum pastor ou missionários (as), apresentações musicais (por grupos, conjuntos, banda e coral), convite aos “pecadores” para “aceitarem a Jesus Cristo” e alguns avisos. Alguns cultos iniciaram com louvores, e terminavam também com louvores. Após o louvor de acolhida, alguns pastores/missionários (as) saudavam os visitantes. De forma mais geral os cultos apresentavam semelhanças, o líder religioso faz a leitura da bíblia ou convida um fiel para ler, em seguida se dá a pregação. Algumas vezes as pregações acontecem com músicas, depoimentos e algumas orações juntamente com os fiéis. Durante alguns cultos, ocorre à coleta do dízimo, neste momento cantam louvores durante a oferta. Na igreja da Assembleia de Deus Rocha Leão o pastor ressaltou a importância do dízimo, como forma de “adoração a Deus” e

agradecimento. Depois da oferta, o pastor realiza uma oração de agradecimento. No final dos cultos algumas igrejas, como a Assembleia de Deus Rocha Leão, os fiéis ficam conversando, e alguns jovens se reúnem no salão e ficam cantando e conversando. Nos cultos dominicais, alguns fiéis em especialmente jovens ao final, saem para lancha em lugares próximos a igreja.

Todos os cultos foram marcados pela presença da música. As equipes de música foram contava com uma formação de vários integrantes, alguns com instrumento musical, e outros apenas com o microfone. Além dos instrumentos mais tradicionais como teclado e violão, a bateria e a guitarra também estão presentes em quase todos os cultos. Sendo importante ressaltar que muitos dos integrantes das equipes da música eram jovens. Segundo Thayla dificilmente os cultos não são animados pela equipe da música, mesmo que a equipe não esteja completa. Ocasionalmente quando não tem ninguém da equipe da música a igreja faz uso de aparelhos de som.

Em alguns cultos a música se torna a parte principal, como verifiquei no culto organizado pelos jovens numa sexta-feira na Igreja Caminho das Águas. Esses cultos são chamados por eles de culto de louvor e adoração. Os jovens iniciam o culto dançando e cantando músicas evangélicas, e por fim o pastor ou o missionário (as) faz a leitura da bíblia, e termina com uma pregação aos jovens, seguido de testemunhos destes.

Durante os cultos, geralmente as orações são feitas apenas por uma pessoa, quando um fiel ou o próprio pastor está fazendo uma oração em voz alta, os outros proferem palavras como “Deus piedoso”, “glória”, “aleluia”, “repreende”, “em nome do senhor”!

Os jovens mostravam-se mais envolvidos durante os momentos de louvor e dos testemunhos, contando as trajetórias de vida anteriores a “conversão”, antes de “conhecer Jesus”. Através da música que os fiéis em especial os jovens participam mais ativamente dos cultos, desta forma percebo que a música faz parte do culto. Segundo os relatos dos jovens e também através das minhas constatações durante os cultos, os jovens se encantam com a presença da música, como o próprio Fred afirma, que foi a música o que

mais o atraiu a frequentar a igreja. Como afirma Andrade (2005), a música acaba sendo muito mais que uma preparação da “Palavra”, ela se tornou um momento de descontração e diversão. Nos cultos destinados aos jovens e organizados por eles, é comum os jovens dançarem, “Envolvidos pelo som, os jovens cantam, dançam em gestuais envolventes, demonstrando por meio das posturas corporais o contato com o sagrado (ANDRADE, 2005:85)”

No tocante a frequência aos cultos, à maioria dos jovens pesquisados mantém ao menos uma ida semanal, especialmente nos cultos dominicais. Em alguns casos os jovens relatam a importância de estar na igreja firmando o compromisso, ainda que pratique sua fé em outros momentos além da igreja. O que também é observado com aqueles que não têm frequência regular ou mesmo os que estão afastados:

To sem ir na igreja já tem um tempo, fui eu que levei minha namo lá (na igreja), ai depois que agente termino, eu já estava indo menos, só ia domingo com ela, ai agente termino e eu não to indo, né, esperar a poeira baixar, o pessoal até me ligo, mas esperar né (Fred, diário).

Gosto mais da célula. Ontem eu fui na célula da igreja que foi na casa de uma colega minha. Estou indo pouco na igreja mas eu vou mais mesmo é na célula, porque eu saio cedo do colegio e vou direto pra lá. E tambem eu gosto bem mais da celula do que aqueles cultos que tem na propria igreja (Fred, diário).

A partir das idas aos cultos pude constatar que as igrejas têm investido em atrair os jovens, através dos eventos promovidos para eles. A igreja busca “atrai-los” com festas, músicas atividades de lazer, entretanto sem desconsiderar a moral religiosa na conduta dos jovens. As mensagens dos líderes religiosos geralmente eram diretas enfatizando as realizações pessoais que os fiéis conquistam a partir da conversão.

Frequentei dois cultos da Igreja Caminho das Águas, direcionados aos jovens e adultos. Em dia de culto de oração dos jovens, a missionária que presidia, durante suas falas “ensina” aos jovens como evitar as “tentações da carne”. Como livrar-se do “caminho do pecado”. O evangelho que foi lido, em seguida foi pregado sobre a importância da família, sobre como um “cristão deve namorar”. Os relacionamentos afetivos tanto na família como na

sexualidade foram temas Caminho das Águas e a Assembleia de Deus Rocha Leão, com testemunhos dos jovens sobre suas relações afetivas com a família e sobre namoro, antes e depois da “conversão”.

Já o culto de libertação também ministrado pela missionária Rosangela foi pregado “sobre a família”, ela dava atenção em sua pregação sobre o laço forte do matrimônio, da importância da fidelidade, destacando a responsabilidade com a educação dos filhos. Afirmo que as palavras ministradas tinham o intuito de transmitir ensinamentos para os fiéis sobre como a família deveria se organizar financeiramente e sobre o planejamento familiar. A vida conjugal, paternal e maternal, foi exemplificada sempre em conjunto ao planejamento financeiro da família. As palavras dos pastores eram exatamente voltadas para o orçamento familiar, como poupar, e usufruir da renda de cada um, dando exemplos.

As jovens que me acompanharam em dois cultos da igreja Caminho das Águas apresentam realidades distintas. Para a jovem que é casada, percebi que os dois cultos a atraía, ela prestava atenção e fazia sinal de concordância com a cabeça sobre as falas do pastor e da missionária. Já a jovem mais nova de 16 anos que nos acompanhou no culto de apenas, sentia mais atraída pelo primeiro culto, onde o relacionamento afetivo dos jovens era o tema principal.

Na igreja Assembleia de Deus Rocha Leão, o pastor tinha um discurso bastante atrativo aos jovens. Durante as palavras do pastor, ele afirmava que muitos jovens têm pais divorciados, ou apenas conhecem a mãe. Ele afirma durante a pregação que as famílias não são “fortes” como deveriam ser, e que os jovens têm poucas “perspectivas futura”. Logo em seguida ele ressalta através de exemplos de jovens que a partir da religião conquistaram uma trajetória de sucesso, tanto profissional como afetivo. Neste momento Alejandro ficou mais atento a pregação do pastor, e aos exemplos de jovens que tiveram sucesso na vida, que “só conseguiram conquistar a felicidade porque acreditaram que somente dentro da igreja a alcançara”. Neste momento ele me afirma que por mais que se sinta atraído às coisas “mundanas” e tenha se afastado da verdadeira vida religiosa, não consegue romper, porque sabe

que somente através da “vida cristã” poderá conquistar seus sonhos e a “salvação divina”.

Alguns pastores/missionários (as) ponderam a importância da família sólida e unida, como importantes na formação dos jovens. E afirmam que muitos dos jovens nos dias de hoje não têm perspectivas de futuro e que acabam sendo levados pela vida “mundana” (drogas, roubos, violências), e que vivem em “famílias desestruturadas”, muitas vezes onde a mãe precisa trabalhar e ficam ausentes “da educação dos filhos”. Além das pregações diretas aos fiéis com base em mensagens diretas, é comum, durante os cultos, pessoas darem testemunhos de cura, sucesso, e outros fatos de conquistas direcionados a Deus (ANDRADE, 2005).

Todos os cultos que frequentei com os jovens, havia um clima de receptividade, envoltos dos fiéis e dos visitantes. Quando os cultos são organizados pelos jovens, eles selecionam as músicas e as pessoas que iram dar o testemunho. Os jovens sentam mais à frente da igreja em cultos organizados por eles ou para eles, do que nos demais cultos. No culto organizado pelos jovens da igreja Caminho das Águas, através de instrumentos musicais, guitarra, bateria e teclado, o início mais parecia um “show” do que um culto. Eles dançavam, e cantavam, até a missionária Rosangela chegar. Em seguida, o culto se deu em sua maneira tradicional, com a leitura da bíblia, a pregação e testemunho dos jovens. Por fim a banda voltou a tocar encerrando o culto. Através da música, os jovens especialmente acabam tendo o encargo, de levar a “Palavra de Deus”, são eles que compõem e apresentam as canções nos momentos de culto (CUNHA, 2007).

Mesmo quando o culto não é destinado a eles, os jovens são responsáveis pela equipe da música e por animá-lo. Segundo Cunha (2007), a música é o principal veículo de louvor e adoração, uma forma de se comunicar com Deus. De forma semelhante a pesquisa que realizei anteriormente a os eventos musicais, nas igrejas, além de serem visto como programa de lazer, principalmente aos jovens, é segundo eles uma forma de levar a fé, de evangelizar.

a música *gospel* possibilita aos jovens novas maneiras de cultuar, louvar e pregar onde a música, a dança se destacam. A música não é apenas uma forma de trazer animação aos cultos e seduzir os jovens às práticas religiosas, ela é um item essencial para “o Espírito Santo se manifestar” e o “contato com Deus” acontecer (BERTOLI, 2010).

Ir ao culto significa muito mais que um lugar de oração, para os jovens acaba sendo mais um lugar de encontro e de lazer. No fim dos cultos os jovens costumam se reunirem para conversar no espaço da igreja ou fora dela em uma lanchonete, ou na casa de um dos amigos.

Eu e minhas amigas-irmãs da igreja a gente se encontra na casa de alguém e vemos filmes, batemos papo até de madrugada, é muita curtidão (Mellysse, entrevista).

Meu tio só deixa eu ir na casa das meninas da igreja, aí eu durmo lá, como pipoca fazemos uma farra (Mellysse, diário).

Conforme mencionado anteriormente os jovens estão experimentando “ser evangélicos” para além dos espaços da igreja, são redes e itinerários caracterizados por fluidez que elaboram a partir de suas práticas cotidianas

4.3 JOVENS EVANGÉLICOS E ALGUMAS EXPRESSÕES DE SUAS SOCIABILIDADES NA CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES.

Como afirma Andrade (2005) uma das melhores formas de compreender os jovens é a partir dos seus espaços sociais. Neste contexto os eventos religiosos e os cultos são alguns dos espaços sociais frequentados pelos jovens, onde estes criam novos laços de sociabilidade, desta forma interferindo na construção de identidade e na “visão de mundo”.

Algumas práticas que do ponto de vista de determinadas igrejas e lideranças religiosas poderiam ser consideradas “mundanas” são entendidas como não problemática a adesão e a determinados vínculo religioso, deixam de ser percebidas por alguns jovens dada o seu entendimento sobre a condição “jovem evangélico”. Fred, por exemplo, relata que continuou a jogar futebol, a assistir ao jogo de seu time em bares com os amigos, sem fazer uso de bebida alcóolica da mesma forma que antes da “conversão”, mas passou a “saber” como estar/ frequentar estes ambientes, onde muitas pessoas bebem e têm atitudes incoerentes com sua “nova vida”, sem ser influenciado, assim como em outras práticas “mundanas”. Já que ele relatou que antes da “conversão” tinha medo de se envolver com essas “práticas”. No entanto outros jovens sofreram mudanças mais radicais como Thayla que nunca mais frequentou um baile *funk* ou uma boate, modificou sua maneira de se vestir, segundo ela principalmente sua maneira de “pensar”.

Segundo os jovens eles escolheram estar na igreja, desta forma as práticas religiosas passam a ser vistas como formas de lazer e entretenimento. Para Abramo (1994) o lazer é representa um dos pontos mais importantes na vida dos jovens. No caso das atividades dos jovens pesquisados atividades religiosas são destacadas por eles como momento de lazer, conjugadas ao “tempo livre”, momento que para alguns estão ligados a práticas consideradas

por alguns segmentos evangélicos como “mundanas”, como ir à paria , assistir televisão e jogar bola.

Para alguns jovens a participação em de acampamentos, encontros religiosos, e ensaios musicais vão além da “curtição” implicam em compromissos a partir de dos vínculos com a igreja.

Eu e as outras Mensageiras do Rei, fazemos apresentações de danças em vários lugares até em outras cidades, é bem legal a gente dança muito e se diverte, dessa forma a gente evangeliza (Mellysse, diários).

Sempre tem encontro de outras igrejas na minha igreja com músicas e teatros sobre o evangelho (Alejandro, diário).

Legal é quando tem acampamento de Deus, a gente pode se divertir e rezar tem um sítio do cara lá fiel da igreja, mas só tem música de Deus, antes do batismo eu ainda cantava outras músicas dançava, sem ser música evangélica, mas agora não (Thayla, entrevista).

Há ocorrência dessas atividades muitas vezes acontece nas proximidades dos lugares de suas moradias dos jovens., Os relatos apontam que é justamente em torno das práticas de lazer e relações de amizade que se apresenta uma participação mais ativa desses jovens na igreja (ANDRADE, 2005, NOVAES, 2012, FARIAS, 2013).

No início da pesquisa os amigos de Alejandro eram principalmente os do grupo de jovens da igreja, e eram com eles que tinha seus momentos de lazer, como viagens com a igreja, retiros e passeios em Campos dos Goytacazes nos fins de semana, shopping, cinema, praia. No relato abaixo Alejandro-descreve sobre um dia muito especial para ele:

Foi um dos melhores dias da minha vida se não foi o melhor foi o dia que eu viajei pra angra dos reis com a minha igreja pra um congresso estadual de jovens UMADERJ que significa união de mocidades das assembleias de Deus no Rio de janeiro foi muito bom alem de participar do congresso conheci as belíssimas praias de La que paraíso são aquelas praias água azulzinha sem nenhuma poluição pena que ficamos tão pouco tempo voltamos no domingo a tarde por são 7 horas de viagem de La ate aqui e coma parada no Oasis ainda aumenta um pouquinho o tempo e que alias oh roubo La no Oasis é um assalto sem arma kkkkkkk mais vale a pena

afinal pra ir pra angras dos reis de novo eu faria de tudo!
(Alejandro, diário).

Meu domingo tava bem chato não tinha nada pra fazer mais ai meus amigos da igreja me chamaram pra ir em lagoa de cima passa a tarde la comendo churrasco jogando um futebol E tomar banho foi muito bom .porque tipo eu não conhecia lagoa décima nascido e criado em campos e não conhecia a lagoa pode um coisa dessas mais agora eu conheço pena que foi em uma época em que ela não tava tão cheia tava muito rasa mais deu pra aproveitar e muito bem e como kkkkkkk (Alejandro, diário).

Em seus diários Fred descreve, dentre as atividades religiosas, a que ele mais “gosta”, que são as participações nas células²⁸. Para ele as células são momentos de socialização com um grupo de amigos, que se reúnem nas casas dos fiéis, por mais que seja um momento de orações, leitura da bíblia, a célula acaba sendo um encontro mais informal do que o culto, que no final eles ficam conversando, saem para lanchar. Desta forma ao mesmo tempo em que estende o compromisso com a igreja/fé para além deste espaço, também acaba se efetivando como uma prática de lazer.

Na igreja que eu vou, existem celulas, e são feitas nas casas das pessoas que participam, mas visitantes podem ir tambem sem compromisso. Eu ate gosto de ir nas celulas porque acho mais manero que ficar no banco da igreja ouvindo o pastor direto.. nas celulas agente aprende mais coisas e de uma maneira mais facil de entender. Eu fui na celula, uma foi na casa de B. e outra foi na casa de L.; na casa de B. foi manero, separou em grupos de 4 pessoas, e cada grupo ficou com uma folha e depois de um tempo uma pessoas de cada grupo tinha que explicar o que estava no papel (Fred, diário).

Ontem eu fui na célula da igreja que foi na casa de uma colega minha. Estou indo pouco na igreja mas eu vou mais mesmo é na célula, porque eu saio cedo do colegio e vou direto pra lá. E tambem eu gosto bem mais da celula do que aqueles cultos que tem na propria igreja(Fred, diário).

Para Mellysse participar do grupo das Mensageiras do Rei, sempre foi vista como uma prática de lazer, principalmente na infância, além de um compromisso com a igreja. Como o grupo é dividido por faixa etária ela acaba se restringindo as amigas desse segmento e interagindo sobre questões de

²⁸ Célula é um grupo de pessoas que se reúne semanalmente nas casas dos fiéis para orar.

interesses próximos. Ser uma “Mensageira do Rei” envolve a participação em acampamentos religiosos, congressos, com música e dança.

Porque Deus quer que dancemos na presença dele e com ele. Pois a Bíblia que é a Sua palavra, nos relata em vários livros sobre a vontade do Pai em relação à dança. As ‘conselheiras’ falam que devemos adorar a Deus com todo o nosso corpo e mente, mas sempre em santidade (Mellysse, entrevista).

Para ser uma mensageira é preciso seguir 5 ideais: 1º Viverei em Cristo pela oração, 2º Crescerei em sabedoria pelo estudo da bíblia, 3º Reconhecerei a minha mordomia, 4º Enfeitar-me-ei com boas obras, 5º Aceitarei a responsabilidade da grande comissão (Mellysse, diário).

Nesse sábado eu tive que acordar 6:00 da manhã porque eu tive que fazer uma apresentação com as mensageiras do rei no CEFET nossa apresentação foi duas coreografias uma é com a música NUNCA PARE DE LUTAR de Ludmila Ferber e a outra era GETSÊMANI de Leonardo Gonçalves. A nossa igreja foi chamada para abrir o congresso dos EMBAIXADORES DO REI foi muito PANCA -> (muito legal). São 27 MENSAGEIRAS DO REI e foram 20 meninas, pois as outras não puderam ir porque não estavam frequentando os últimos ensaios para fazer a apresentação. Depois da apresentação eu cheguei em casa e dormir muito, acordei 7:30 da noite e depois eu sair para o ensaio na igreja (Mellysse, diário).

Entretanto, para participar do grupo das Mensageiras do rei, são exigidas a ela frequência e participações nos cultos e nos encontros e rompimento com determinadas práticas “mundanas”. Além das orientações que recebem dos líderes religiosos, como frequência e desempenho escolar, ser uma “boa” filha e etc. A participação religiosa dos jovens implica que estes assumam o compromisso dentro das igrejas, passando a ter uma maior relação de socialização com os outros jovens também pertencentes aos grupos religiosos.

Os relatos apontam que à medida que os laços de amizade com os jovens da igrejas ficam forte. Passam-se a compromissos mais estreitos com a instrução. Através desse convívio intenso as mudanças vão acontecendo aos poucos, na forma de falar, de entender os acontecimentos a sua volta, se estendendo para as relações sociais do dia a dia, como a escola, o trabalho e principalmente o lazer. Novos sentidos e significados vão se construindo e transformando a “visão de mundo” destes jovens. Principalmente dentro dos

grupos, os jovens passam por um novo processo de socialização a partir da “conversão” religiosa, as mudanças vivenciadas se assemelham, eles passam a compartilhar da mesma “visão de mundo”.

Os jovens entrevistados vivenciam um tempo marcado pelas emoções, como o medo, a ansiedade, a surpresa, o namoro, a felicidade. Muitos desses sentimentos são compartilhados entre os pares, os chamados amigos (SALVA, 2008). Nas narrativas dos jovens a amizade aparece de diversas maneiras: na preocupação com o amigo que está se desviando da igreja, na tristeza em saber que um amigo se envolveu com o tráfico, na felicidade de fazer parte de um grupo de amigos, poderem confiar neles, da importância dos laços de amizade quando esta chateada em casa ou aflição por ter brigado com o amigo:

Hoje estou triste porque briguei com minha amiga no colégio (Mellysse, entrevista).

Minha avó não me entende, ai preciso das minhas amigas (Alejandro, diário).

É tão bom quando se tem amigas que podemos confiar, lá na igreja eu tenho várias, a A, a G que é uma fofa, a E meiga e muito amiga (Mellysse, entrevista).

Os meus amigos são minha família (Alejandro, diário).

O que eu mais curto na minha vida meus amigos, e não posso curtir coisas mundanas como balada, eletrônicas, balada de funk (Mellysse, entrevista).

Alguns jovens relataram o apoio dos amigos em alguns momentos considerados difíceis das suas vidas assim como as decepções vivenciadas, por exemplo, quando descobre que um amigo de infância está envolvido com tráficos de drogas e parou de estudar. Como as falas a seguir:

Quando minha mãe ficou doente minhas amigas vinham todos os dia lá em casa, ai quando ela morreu dormiram aqui comigo, e também orávamos juntas (Mellysse, entrevista).

Na época da gravidez, minha amiga L foi que me ajudou a contar pra minha meu pro meu padrasto (Thayla, entrevista).

Fico chateado sabe, quando vejo um colega de infância no tráfico, poxa a gente cresceu junto (Fred, entrevista).

Nesse sentido os jovens mencionam ainda, como o vínculo com os amigos da igreja é fundamental na superação das dificuldades, no enfrentamento dos problemas e dos sofrimentos. Neste sentido, configura-se uma rede de solidariedade e apoio que acaba por intervir na maneira de resistir às dificuldades (BURITY, 1989). Como relatado por eles:

Eu tenho muitos amigos de confiança, a amizade é muito importante, quando minha avó morreu eles foram muito importante (Mellysse, entrevista).

Quando eu fiquei grávida da T. contei só para minhas amigas, minha mãe não sabia que eu não era mais virgem, lá em casa não podia falar sobre namoro e tal, minha mãe é muito careta, mas ela já mudou já (Thayla, entrevista).

Para os jovens as novas práticas sociais e principalmente os testemunhos sobre as mudanças em suas vidas, pode demonstrar perante os antigos amigos sua “nova vida”, como um exemplo a ser seguido.

Foi assim que minha namo começou a ir comigo na igreja, ela não era convertida, mas ela ouvia eu falar dos amigos da igreja, das células, e de querer estar sempre lá que ela sentiu vontade de conhecer e gostou (Fred, diário).

Neste sentido o testemunho, principalmente dos jovens, funciona como uma “tática” perante a igreja e também aos amigos não evangélicos, como forma de relatar as mudanças positivas que aconteceram em suas vidas a partir da “conversão”. Entretanto o processo de “afastamento” para os jovens se dá de forma mais delicada, em relação aos espaços escolares, onde estes estão em contato com outros jovens e nem sempre evangélicos. Mesmo que um jovem mantenha se afastado dos jovens não evangélicos, não se pode anular a proximidade e nem tão pouco as relações sociais.

Na minha sala de aula apenas eu sou cristã, tem até uma lá que é desviada, mas só isso, tem uns que falam que são católicos, mas não frequentam, as vezes até riam de mim por ser evangélica, mas eu nem ligo (Mellysse, entrevista)

Eu até me afastei dos amigos não evangélicos, no início foi fácil porque a maioria já eram evangélicos, mas quando fui para o Liceu, conheci novos amigos e a maioria não era evangélicos ou eram desviados, e eu passava mais tempo com eles do que com os amigos da igreja, já que eu estudava a tarde e de manha trabalhava (Alejandro, entrevista).

É muito difícil se afastar dos amigos de infância, mesmo que eles estejam no caminho errado, alguns eu até consegui, mas mesmo sabendo que estão errados, alguns são parceiro mesmo que nem irmão e até respeitam a minha fé, fazem umas piadas quando jogamos bola mas é difícil (Fred, diário).

Os jovens passam grande parte do seu dia na escola. Os espaços do pátio, dos corredores, da sala de aula possibilitam a materialização de suas convivências rotineira (DAYRELL, 1999). Algumas atividades como: trabalhos em grupos, danças, teatros, festas comemorativas e temáticas como festa junina, possibilitam que esses jovens notem a escola como um lugar de diversão e não somente de obrigações (VILAS, 2009).

A escola é vista como um espaço de “intensificação e abertura de novos amigos, portanto, caminho privilegiado para a ampliação da experiência de vida dos jovens.” (SPOSITO, 2005:90), “como uma instância fundamental a rede de sociabilidades dos jovens” (VILAS, 2009:36). Sendo a sociabilidade uma das formas de os indivíduos estabelecerem relações através da amizade (SIMMEL, 2006).

A sociabilidade é vista como uma forma autônoma e lúdica de sociação, não visando um objetivo ou a busca de resultados concretos, cujo fim é na própria relação, a satisfação de estar junto (SIMMEL, 1993:169).

Além de um espaço de sociabilidade a escola também é considerada como um caminho que possibilitará uma melhor inserção no mercado de trabalho, “ser alguém na vida” e melhorar suas condições financeiras:

Penso que se eu estudar minha vida vai ser mil maravilhas entendeu? Meu emprego, minha casa, trabalhar na área de informática na Petrobrás ou obstetra (Mellysse, entrevista).

Poxa já fiz o técnico 92E, mas não fiz o estágio para conseguir o CREA, e agora estou no pré-vest, quero tentar engenharia civil aqui na UENF, e no IFF também (Fred, entrevista).

Alguns amigos da escola também frequentam as mesmas atividades em igrejas evangélicas em Campos dos Goytacazes.

Com minhas amigas da igreja, do grupo Mensageiras do Rei, sempre fazemos algo fora da igreja, a gente sai para lanchar,

ver filme até de madrugada, jogar queimado, meu tio não deixa eu sair com as meninas do colégio porque elas vão em boates (Mellysse, diário).

A gente sempre marca alguma coisa depois do culto, e também fins de semana, vamos ao shopping e quando tá sol na lagoa de cima, tomar banho (Alejandro, entrevista).

O pessoal da igreja marcam sempre um futebol e depois um churrasco, ai tem uns amigos que não são da igreja, mas eles respeitam ai não tem cerveja, essas coisas 93E (Fred, entrevista).

O retiro de carnaval foi muito bom, maravilhoso, eu e minhas amigas curtimos muito, é muita diversão (Mellysse, diário).

Entretanto a pesquisa identificou que as escolas que os jovens frequentam ou frequentaram estão localizadas dentro das favelas ou em seu entorno. Segundo os jovens antes de uma escolha por estudar nesses colégios, há o receio de estudar em outros colégios localizados em outros bairros, principalmente por causa da rivalidade entre as duas facções existentes na cidade de Campos dos Goytacazes, estas também estão presentes dentro dos colégios. Frequentar um colégio localizado próximo a outras favelas implicaria em riscos e incertezas.

Desta forma os jovens relatam sobre as restrições de circulação na cidade pela territorialidade do tráfico na cidade e a imprevisibilidade dos acontecimentos. Neste sentido posso ressaltar principalmente que a cidade é vista pelos jovens como um espaço de sociabilidade, no entanto eles não possuem uma livre circulação por conta das facções, neste sentido eles acabam se restringindo aos espaços próximos de moradia, que são marcados pela precariedade e carências de espaços de lazer. Esta realidade é observada nos seus relatos juntamente com minhas impressões pela cidade ao observar as marcações das facções espalhadas pelos bairros.

Desta forma os jovens o fortalecimento dos laços com os grupos de amigos da igreja, e suas práticas de lazer acabam se reduzindo as práticas religiosas. Através dos amigos da igreja eles ampliam as possibilidades de mobilidade territorial, junto aos amigos frequentam os shoppings da cidade as praias. Cabe ressaltar que segundo eles a cidade de Campos dos Goytacazes oferece poucas opções de lazer, principalmente em seus bairros. Eles afirmam

que há uma precariedade de quadras esportivas, praças e etc. e quando há quadras equipadas estas ficam fechadas, como afirma Thayla, a falta da quadra construída na proximidade da favela Tira-Gosto que foi fechada pela prefeitura porque estavam usando o espaço para realizar bailes *funk*.

O medo por morar em favela é uma constante na vida destes jovens. Além das narrativas sobre suas vidas, dramas familiares, as preocupações com os filhos, com o futuro, trabalho e estudo, eles também revelam suas preocupações em relação a suas moradias, entendida como um “lugar perigoso”. Em seus relatos ressaltam os receios por morarem em favelas de Campos dos Goytacazes, como o medo de circular pela favela e pela cidade. Afirmam que seus locais de moradia (as favelas) são marcados por incertezas cotidianas.

Poxa tenho medo de ser confundido né, sou menino, é mais fácil de a polícia e o bandido também me confundir com outro bandido, por isso eu ando com atenção, ouço as músicas que eles ouvem, fico atento (Fred, entrevista).

Quando eu volto da escola as vezes, quando eu não passo por dentro da uenf, eu passo numa rua que é do lado da uenf mesmo, por essa rua eu passo pela portelinha, mas eu passo não com muito medo mas também nada tranquilo ainda mais quando tem algum carro ou moto parado no caminho. Pra passar por essa rua eu tenho tipo um macete, eu ligo uma musica no meu celular, músicas do Racionais porque eles escutam músicas desse tipo, aí eu fazendo isso eu me sinto com menos medo de tipo alguém me parar, porque eu moro perto mas não são todas as pessoas que me conhecem, nem eu mesmo conheço todos que moram ali, tem pessoas que eu nunca vi (Fred, diário).

Os jovens escrevem sobre as peculiaridades, dos seus lugares de moradia, Eles expõem o receio de frequentarem lugares por eles considerados não familiares e “inseguros”, por nesses identificarem lógicas e códigos de controle de bandos de traficantes presentes em favelas que buscam imprimir as suas marcas em áreas contíguas da cidade. Dizem ter medo de serem identificados por moradores de outras favelas como “inimigos”, por morarem em uma localidade controlada por um grupo de traficante considerado rival e que disputa o controle de territórios na cidade.

Eu não vou pro lado de lá, só se eu precisar muito de ir no hospital e com a minha mãe (Mulher, 16 anos).

Olha, tem lugares na cidade que eu não posso ir, tenho medo de verdade porque eu sei que muitas pessoas da minha favela apanharam porque foi na festa fantasia na Pecuária (Fred, entrevista).

Os jovens mencionam lugares da cidade que evitam frequentar, eles destacam as situações singulares que há em Campos dos Goytacazes advindas das duas facções inimigas que dividem a cidade em lado A e lado B. Esta particularidade da cidade é descrita por todos os jovens, principalmente por Fred, ele expõe a questão da presença de fronteiras simbólicas na cidade, e não somente entre as favelas. O impedimento de frequentar algum lugar da cidade de Campos dos Goytacazes, além de ser entendido e evitado pelos jovens, também é fortemente influenciado pela família.

Segundo eles não há liberdade em andar pela favela, entre os becos, principalmente à noite e também pela cidade. Há sempre o medo de ser confundido com um traficante pela polícia e de policial disfarçado por algum traficante, principalmente quando meninos. Faz parte do cotidiano criarem estratégias para andar “livremente” pela favela. Mas confessam que ficam receosos. Fred destaca que o medo se intensificou com a vinda do conjunto habitacional Matadouro para dentro da favela o tráfico de drogas se tornou mais forte. Segundo ele, o tráfico de drogas sempre esteve presente nesta localidade, mas, com a construção do conjunto habitacional Matadouro, se tornou mais visível e passou a haver conflitos entre policiais e bandidos, o que não havia anteriormente quando o tráfico se restringia a favela,

Lá só havia mesmo um local que vendia a droga, sem muita movimentação (Fred, entrevistas).

Hoje minha mãe me falou que logo depois que eu cheguei em casa rolou uns tiros na portelinha e acertaram um cara, e que graças a Deus eu tinha chegado antes disso acontecer (Fred, diário).

E hoje eu fui na igreja de manhã, e quando deu a hora de vir embora, um colega que mora aqui perto de mim veio falou que ia vir aqui em casa, tudo bem e agente vindo, passamos na casa dele primeiro e depois viemos pra cá, logo assim que a gente passa e chega na minha casa, agente ficou sabendo que tinham matado um cara na frente da casa desse colega que

veio aqui em casa, agente ficou assustadão ne, po tínhamos acabado de passar pelo lugar e minutos depois ficamos sabendo disso. Pelo menos agente não presenciou a cena (Fred, diário).

Durante a pesquisa ao passar por vários lugares da cidade identifiquei pichações das siglas ADA e TCP em muros e fachadas de instituições, tal como aquelas presentes nas favelas. Assim como nas praias Farol de São Tomé, em Campos dos Goytacazes e Grussaí e Atafona, no município vizinho de São João da Barra. Para os jovens essas marcações indicam fronteiras e são conhecidas por alguns moradores e não moradores das favelas. Esse fato é relatado pelos jovens:

Eu e meu amigo e meu irmão estávamos na praia de Atafona, e não sabíamos que ali era da ADA, depois a gente viu o muro pintado, ai vimos que estávamos em território proibido, mas ficamos de boa, mas fomos reconhecidos por outros meninos nem sei como, eles falaram que aquele pedaço da praia era lado deles, e correram atrás da gente, mas a gente conseguiu chegar no asfalto e tinha muita gente porque era verão (Fred, entrevista).

Uma vez eu e minhas amigas levamos uma carreira do pessoal da outra favela, só porque éramos de favelas diferentes, a gente só queria zua atrás do trio (Mulher, 25 anos).

Esta divisão é marcada pelo canal Campos-Macaé (beira-valão), próximo do centro da cidade e do mercado municipal, que corta a cidade de Campos dos Goytacazes. Separando dois lugares de constantes relações sociais. O centro da cidade é considerado o (lado A), e a fundação Rural de Campos (lado B), local onde acontece grande parte das festas da cidade (MESQUITA, 2009). Segundo os jovens entrevistados algumas instituições importantes como o Hospital Ferreira Machado e o Cemitério do Caju, pela proximidade da favela Baleeira são evitadas pelos moradores de outras localidades como da favela Tira-Gosto e Matadouro, ou favelas consideradas ligadas a facção TCP. O centro da cidade é evitado pelos moradores da Baleeira, por exemplo, e as favelas ligadas à facção ADA. Tal como as situações identificadas por Mesquita (2009), os jovens entrevistados afirmam que essas instituições demarcam espaços que são permitidos e espaços que não são permitidos. Os moradores da favela Tira-Gosto não frequentam (ou evitam) o Hospital Ferreira Machado e o Cemitério do Caju e quando fazem usam estratégias como omitir o local de moradia. O mesmo acontece com os moradores da Baleeira ao circularem pelo centro da cidade.

Na Portelinha está perigoso, tem tráfico, tem baile todo domingo e ficam falando TCP o tempo todo e cantam músicas

falando da favela Tira-Gosto, que vão invadir a Baleeira, eu tenho medo de ir do outro lado da cidade, perto do cemitério (Thayla, entrevista).

Poxa é verdade, há lugares que eu não posso ir, tipo eu adoro pagode né, isso você sabe né, mas não posso ir na Pecuária, vai ter Bom Gosto e eu me amarro, mas não vou, e minha mãe também fica preocupada, não gosta nem que eu chegue tarde em casa porque tem medo de eu ser confundido pela polícia como traficante sabe. (...) Eu e meu amigo e meu irmão estávamos na praia de Atafona, e não sabíamos que ali era da ADA, depois a gente viu o muro pintado, aí vimos que estávamos em território proibido, mas ficamos de boa, mas fomos reconhecidos por outros meninos nem sei como, eles falaram que aquele pedaço da praia era lado deles, e correram atrás da gente, mas a gente conseguiu chegar no asfalto e tinha muita gente porque era verão (Fred, entrevista).

Uma vez eu e minhas amigas levamos uma carreira do pessoal da outra favela, só porque éramos de favelas diferentes, a gente só queria zua atrás do trio (Thayla, entrevista).

Os jovens tem igual preocupação com seus familiares e amigos moradores de outras favelas e localidades próximas a essas.

Minha tia não mora em favela, e também tenho amigos que não moram, mas eles não vão a Pecuária, porque moram no bairro próximo da favela Matadouro (Fred, entrevista).

Cara os amigos do meu irmão são doidos eles tiram foto fazendo gestos com a mão do símbolo do TCP, e eles nem moram na favela, e meu irmão vai junto e coloca no facebook, eles são doido, eles falam que são TCP porque moram (Fred, entrevista).

Em um cotidiano fortemente marcado pela insegurança esses jovens estabelecem estratégias de enfrentamento das situações de vulnerabilidade, especialmente quando frequentam instituições e serviços públicos localizados em áreas consideradas inseguras na cidade.

Eu vou, mas nunca falo onde moro (Alejandro, 16 anos).

Só vou ao Ferreira Machado quando não tem outro jeito, quando minhas filhas estão muito doentes, tenho medo de eu ou meu esposo sermos reconhecidos, até porque ele já aprontou muito, ou de lembrarem de mim da época que eu era do mundo (Thayla, entrevista).

Nessas situações, os jovens muitas vezes se valem da companhia de amigos evangélicos e outro moradores considerados “pessoas próximas”,

compartilhando as vicissitudes cotidianas para além do espaço da igreja e encontram nessas redes de apoio “material e espiritual que traçam um determinado modo de vida de alguns evangélicos presentes nas favelas de Campos dos Goytacazes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns autores da antropologia e sociologia da religião no Brasil tem focado a temática do crescimento das igrejas evangélicas, especialmente as pentecostais, nas últimas décadas no Brasil e sua relação com a espacialidade urbana (ALMEIDA, 2009; MAFRA E ALMEIDA, 2009; MESQUITA, 2008-2009). Essa dissertação de mestrado buscou contribuir para o desenvolvimento desse campo de pesquisa, ao estender os estudos e sobre como os jovens evangélicos vem se relacionando com a religião.

A pesquisa da dissertação compreendeu a realização de diários por parte dos jovens analisados, entrevistas semiestruturadas, conversas informais e ida aos cultos. Através da hipótese inicial de que os jovens evangélicos estabelecem sociabilidades por meio do pertencimento religioso, busquei conhecer as trajetórias que levaram estes jovens a “conversão”, buscando entender como ocorreu a (re)aproximação as igrejas, já que todos na infância receberam alguma influência religiosa familiar, e a “conversão”, mesmo que em algum momento de suas vidas alguns jovens se afastaram novamente das igrejas, transformando a vida destes jovens através da participação dos eventos da igreja, das responsabilidades/compromissos e as (novas) práticas sociais e de lazer. Neste âmbito, a pesquisa informou que a busca religiosa tem sido mais uma decisão própria do jovem, e não, mas, por herança família (NOVAES, 2013).

A pergunta inicial – como esses jovens favelados narram as suas vivências cotidianas a partir das suas experiências religiosas – norteou cada passo da pesquisa. Por meio dos relatos dos jovens sobre essas experiências religiosas, identifiquei que a participação religiosa interfere em suas práticas e vivências cotidianas, ser evangélico é muito mais que uma categoria, é uma

“nova forma de vida” onde a religiosidade funciona como uma distinção moral frente aos jovens não evangélicos. Os vínculos religiosos implicam em mudanças nos seus modos de vida estabelecendo a separação entre o que é permitido, evitado e não permitido. A partir da “conversão” eles se tornam evangélicos, desta forma estes jovens “estão” na favela de forma diferenciada frente às singularidades deste local em relação aos moradores não evangélicos.

Desta forma, além de atenuar o estigma de ser jovem evangélico morador de favela, afastando-o simbolicamente do campo da marginalidade e do crime (BERTOLI, 2010), ser evangélico permite através dos vínculos religiosos que estes estabeleçam novas redes de sociabilidades, que permitem o enfrentamento dos problemas de “ser jovem morador de favela” como: violência, medo, ausência de espaço de lazer e etc. Ser evangélico dentro da favela não é apenas estar em uma denominação religiosa e sim partilhar um estilo de sociabilidade que se difere dos demais.

Nos relatos analisados, suas práticas sociais e suas vivências, vão se transformando a partir da “conversão”. Determinadas práticas anteriores à conversão são rompidas, marcando a “nova vida”. Entretanto os dados mostram que nem todos os jovens essas mudanças aconteceram da mesma forma, e em alguns jovens essas mudanças sofrem modificações depois da “conversão”, como o afastamento da igreja e do rompimento com os compromissos religiosos que exerciam.

Ao examinar os diários e as entrevistas dos jovens evangélicos moradores das favelas - Baleeira, Matadouro, São Matheus e Tira-Gosto - situados na cidade de Campos dos Goytacazes foi possível perceber que, as suas vivências são marcadas pelo medo, insegurança e pobreza. Muitas das situações vivenciadas pelos jovens são ressignificadas e atribuídas de sentido a partir do vínculo religioso, presentes na localidade de moradia e em outros territórios da cidade. Nesse sentido, as interações religiosas se fazem presentes no espaço escolar e em pontos de encontros de lazer na cidade. A partir do momento que esses jovens se afastam das práticas “mundanas”, através do pertencimento religioso, este influencia na construção de um estilo

de vida desses jovens, uma vez que as redes de sociabilidade promovidas pelos grupos de religiosos fortalecem a condição de “ser jovem” e as possibilidades de mobilidade na cidade.

As igrejas acabam se tornando um espaço expressivo, para os jovens, a partir do momento em que interfere nas suas práticas. Como analisado, os espaços religiosos aparecem como uma opção de lazer para eles. É uma forma de conciliar o “sagrado” com o lazer, como se as necessidades destes fossem suprimidas ou atenuadas. No caso específico dos jovens pesquisados, por serem moradores de favelas, as igrejas evangélicas aparecem deste modo, como o lugar capaz de dar sentido e conforto, “resolvendo” os problemas e as dificuldades pessoais, e também como mais um espaço de sociabilidade. A questão da filiação para eles não é mais importante do que a religiosidade. Não seguir o que o pastor fala não é “errado”, não deixa de “ser evangélico”, o importante é acreditar em Deus e na sua religiosidade. Assim como alguns estudos mostram, também verifiquei através das visitas aos cultos juntamente dos jovens, que os vínculos institucionais estão perdendo espaço para a religiosidade individual. Mesmo os jovens participando dos cultos e afirmando a importância destes, estes cultos tem buscado atraí-los através de estratégias que envolvam os jovens, já que estes tem se mostrados muito mais atraídos pela música e pelos eventos religiosos associados as práticas de lazer do que com a rigidez institucional. As “angústias” são superadas pelas certezas de estar “fazendo tudo para Deus” mesmo fora da igreja, através de uma ética religiosa.

A partir dos vínculos com os grupos religiosos os jovens passam a circular mais pela cidade, em eventos religiosos, acampamentos, praia, cinema e etc. Entretanto algumas barreiras simbólicas continuam a existir. O vínculo religioso não é capaz de contornar todos os “perigos” a que estão expostos na circulação pela cidade. Os jovens relataram nos diários e nas entrevistas, os limites de circulação no espaço público, e também no acesso as das instituições públicas, como o hospital. Os limites são vistos como uma fronteira simbólica que existe através de uma imposição das facções existentes nas favelas de Campos dos Goytacazes, a ADA e o TCP. O medo desses jovens consiste nos recorrentes casos de moradores que sofrem retaliações e são

vitimas, ao ultrapassarem as fronteiras demarcadas pelos traficantes. De acordo com os jovens esse sentimento de insegurança também atinge os seus familiares, que cotidianamente estabelecem orientações sobre onde “ir e como andar na cidade”.

Para os jovens evangélicos moradores das favelas de Campos dos Goytacazes o medo é o sentimento que orienta seu dia a dia, suas ações e possibilidades: medo de sair de casa, de estar em algum lugar na hora errada, de ser confundido pela polícia, como traficante, pelo traficante, como P2²⁹ ou X9 e medo de tomar tiro. Estes são apenas alguns dos pontos expostos pelos jovens sobre as dificuldades de circular livremente pela cidade de Campos dos Goytacazes. Antes de uma condição social, é uma condição do “medo” de atravessar “fronteiras”.

Deveria se esperar que por serem evangélicos que os jovens seguissem uma rigorosa moral nas práticas do dia a dia, entretanto é uma característica do neopentecostalismo a qual estas igrejas se inserem marcadas por um “afrouxamento” no rigor religioso. Ao produzir novos espaços de sociabilidades aos jovens, a igreja estabelece limites as determinadas práticas sociais, entendidas por eles, este não a abandonam, e sim as reinterpretam de acordo com a compreensão religiosa. Assim como outros estudos mostram (ANDRADE, 2005; NOVAES, 2013), essas igrejas se difere das tradicionais, o “convertido” se senti como tal, não necessariamente havendo uma marcação exterior e sim muito mais subjetiva, marcada pelo seu modo de pensar, de ser e de interpretar sua vida.

No contexto destes jovens, a experiência religiosa não foi vivenciada profundamente por todos eles, mesmo que todos afirmem terem sido convertidos, este processo para alguns deles foi resultado de uma breve experiência espiritual, devido às situações criticas a qual o jovem estava passando, já que não ocorreu a “mudança total de vida”. A conversão religiosa foi para alguns deles mais uma espécie de “fuga” do que uma “mudança de vida”. Entretanto há entre os jovens os que a experiência religiosa foi vivenciada mais fortemente, transformando suas vidas para uma “nova vida”.

²⁹ P2 Policial sem farda trabalhando disfarçado.

Não apenas o entendimento das práticas religiosas e sim na vivência delas através de um *ethos* religioso (GOFFMAN, 1989), separando as práticas “mundanas” das práticas religiosas.

Por meio das narrativas dos jovens, foram percebidos as especificidades de cada jovem, reforçando o entendimento da juventude como uma categoria não homogênea (BOURDIEU, 1983). A análise de seus relatos juntamente com as idas aos cultos possibilitou compreender os jovens a partir de suas verdadeiras experiências, suas percepções e práticas sociais. Os dados indicam que a trajetória de vida desses jovens moradores de favelas é marcada por semelhanças e diferenças significativas. Através das afinidades, do modo de vida em comum, das mesmas estratégias para enfrentar o dia a dia frente aos problemas relacionados ao local de moradia, da relativa aproximação considerando as condições de vida e o lugar de moradia eles se assemelham, no entanto suas vivências e seus modos de vida mostram-se categoricamente individuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.5-6, 1997.

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011. 216p.

ALMEIDA, Ronaldo de. "Pluralismo religioso e espaço metropolitano". In: Clara Mafra & Ronaldo de Almeida (orgs.), *Religiões e cidades - Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, pp. 29-50, 2009.

_____. A expansão Pentecostal: circulação e flexibilidade. In: Faustino Teixeira & Renata Menezes (orgs.). *As religiões no Brasil. Continuidades e Rupturas*. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____ e D'ANDREA, Tiarajú Pablo. "Pobreza e Redes Sociais em uma Favela Paulistana" In: *Revista Novos Estudos*, n. 68, mar, São Paulo, Cebrap, 2004.

ALVES, Heloiza de Cássia Manhães. *A Sultana do Paraíba: reformas urbanas e poder político em Campos dos Goytacazes (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Imprensa Oficial, 2007.

ARAUJO, M. P. *As redes de amparo religiosas nos espaços urbanos da pobreza na cidade de Campos dos Goytacazes: a atuação da Assembleia de Deus*. Monografia de Conclusão de Curso. Campos dos Goytacazes/RJ: UENF, 2012.

AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. Tradução de Bruno César Cavalcanti, Rachel Rocha de A. Barros; revisão de Maria Stela Torres B. Lameiras. Maceió: SP: EDUFAL; UNESP, 2010.

BERTOLI, Naiana de Freitas. Percepções e vivências religiosas dos jovens moradores de favelas de Campos dos Goytacazes/rj. Monografia de Conclusão de Curso. Campos dos Goytacazes/RJ: UENF, 2010.

BIRMAN, Patrícia. LEITE, Márcia Pereira. “O que aconteceu com o antigo maior país católico do mundo?”, in BETHELL, LESLIE (org.). Brasil: fardo do passado, promessa do futuro. Dez ensaios sobre política e sociedade brasileira. RJ: Civilização Brasileira, 2002.

------. “Imagens religiosas e projetos para o futuro”, in BIRMAN, P. (org.). Religião e espaço público. Brasília: Attar Editorial/CNPq-Pronex, 2003.

------. Só Deus resolve: Desafios evangélicos à ordem mundana. In: Joaílto Albuquerque Burity; Péricles Andrade Júnior. (Org.). Religião e cidadania. 1ed.São Crisóvão / Recife: Editora UFS / Fundação Joaquim Nabuco, 2011, v. 1, p. 17-33.

------. Cruzadas Pela Paz: Práticas Religiosas e Projetos Seculares RELACIONADOS à Questão da Violência no Rio de Janeiro. Relig. soc. , Rio de Janeiro, v 32, n. 1, 2012. Disponível a partir do <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010085872012000100010&lng=en&nrm=iso>. acesso em 01 de junho de 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872012000100010>.

BOURDIEU, P. A Juventude É Apenas Uma Palavra. “Questões de sociologia”. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BURITY, J A. 1989. Os Protestantes e a Revolução Brasileira, 1961-1964: A Conferência do Nordeste. Dissertação de mestrado em Ciência Política. Recife, Universidade Federal de Pernambuco.

CAMPÁ, W. A. B. M. Participação dos Jovens nas Igrejas Pentecostais. Monografia de Conclusão de Curso. Rio de Janeiro: UFF, 1995.

CARRANO, Paulo César R. Juventudes: as identidades são múltiplas. In: Movimento: Revista da Faculdade de Educação da UFF. Niterói, n. 01: DP&A editora, maio, 2000.

CRUZ, J. Análise do Perfil Ocupacional da População de Baixa Renda de Campos-RJ. In: PIQUET, R. (Org.) Acumulação e pobreza em Campos: uma região em debate. Séries monográficas, N° 3; PUBLIPUR/UFRJ; 1986.

DA MATTA, Roberto. Trabalho de campo. In: Relativizando: Uma introdução à antropologia social. RJ: Vozes, 30 edição, p. 143-173, 1987.

DAYRELL, Juarez. Juventude, grupos de estilo e identidade. Educação em Revista, n 30, p. 25-39, dez, 1999.

_____. & REIS, J. Juventude e Escola: reflexões sobre o ensino da sociologia no ensino médio. Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Recife 2007.

FARIAS, J. Da asfixia: reflexões sobre a atuação do tráfico de drogas nas favela cariocas. In: MACHADO DA SILVA, L.A(org). "A Vida sob Cerco: Violência e Rotina nas Favelas no Rio de Janeiro" .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

FARIAS, C. L. Música gospel e sociabilidades juvenis: novos modos do religioso entre os evangélicos. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2013.

FRESTON, P. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. In: Nem Anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRÚGOLI JR., Heitor. "Sociabilidade Urbana". Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

GEERTZ, C. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1975.

----- . Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1974.

GUIMARÃES, Berenice Martins & PÓVOA, Fabiana Machado Rangel. "Formação e Evolução das Favelas em Campos dos Goytacazes". Relatório de Pesquisa UENF/CCH/LESCE: dezembro, 2005.

GRANOVETTER, Mark. The Strength of Weak Ties. In: American Journal of Sociology, vol. 78, n. 6 1360-1380, 1973. HERVIEU-LÉGER, D. "O peregrino e O Convertido, Religião em Movimento". Petrópolis: Vozes; 2008.

HERVIEU-LÉGER, D. A transmissão religiosa na modernidade: elementos para a construção da pesquisa. "Revista Semestral de Estudos e pesquisa em Religião". Ano XIV, n° 18, junho de 2000, p. 39-54

LAMEGO, A. Ribeiro (LAMEGO FILHO). O homem e o Brejo. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1974.

MACHADO, M. D. C. Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa e seus efeitos na esfera familiar. Campinas: Editora Autores Associados/ANPOCS, 1996.

MAFRA, Clara e ALMEIDA, Ronaldo. Religiões de Cidades: Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2009.

_____. Drogas e símbolos: redes de solidariedade em contextos de violência. In: Um Século de Favela. ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (orgs). Rio de Janeiro, FGV, 1998.

_____. "Drogas e símbolos: redes de solidariedade em contextos de violência", in ZALUAR, ALBA e ALVITO, MARCOS (org.). Um século de Favela. RJ: FGV, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor - Os circuitos dos jovens urbanos Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, Vol. XX, 2010.

_____. Religião e metrópole. In: MAFRA, Clara. ALMEIDA, Ronaldo de. Religiões e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo, P. 19-28, 2009.

----- . A Rua Quinze, da Praça a Praça: Um Exercício Antropológico. [online] Disponível na Internet via <http://www.n-a-u.org/magnaniruaquinze.html> Arquivo capturado em 28 de maio de 2008a.

_____. O (velho e bom) caderno de campo. [online] Disponível na Internet via <http://www.n-a-u.org/Magnanicadernodecampo.html> Arquivo capturado em 28 de maio de 2008b. MAGNANI, José Guilherme Cantor. Religião e metrópole. In: Clara Mafra & Ronaldo de Almeida (orgs.), Religiões e cidades - Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo: Editora Terceiro Nome, pp. 29-50, 2009.

MAMANI, H. A; MOTA, C. G. S. Segregação interna e criminalização: o caso da favela e conjunto habitacional matadouro em Campos dos Goytacazes/RJ.2012
<http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/libertas/article/download/2080/1506>.

MANNHEIM, K. O problema da juventude na sociedade moderna. Sociologia da Juventude. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARIANO, R. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. Revista de Estudos da Religião. 2008. http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf. Arquivo capturado em 28 de maio de 2010.

_____. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. Estudos Avançados, v. 18, n. 52, p. 121-138, 2004.

_____. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. Civitas, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 111-124, jun. 2003.

MARIZ, C. Comunidades de Vida no Espírito Santo: Juventude e Religião. Tempo Social, vol. 17, p. 253-273, 2005.

_____. A Opinião dos Evangélicos sobre o Aborto. Novo Nascimento: os Evangélicos em Casa, na Igreja e na Política. R. C. Fernandes. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

_____. Maríá das Dores Campos Machado. Changements récents dans le champ religieux brésilien. Social Compass, Vol.45 (3), pp. 359-378, 1998.

_____. O Demônio e os Pentecostais no Brasil; In: BIRMAN, Patrícia et. al. (Orgs.). O mal à brasileira. EdUERj, 1997.

MESQUITA, Wania Amélia Belchior. Os pentecostais e a vida em favela no Rio de Janeiro: A batalha espiritual na ordem violenta na periferia de Campos dos Goytacazes. Estudos de Religião, v. 23, n. 37, 89-103, jul./dez. 2009.

_____. (Coord.). Percepções e estratégias de ação dos pentecostais moradores de favelas de Campos dos Goytacazes. Edital Universal CNPq /2008.

_____. RIBEIRO, Marcos Abraão Fernandes. Modernização, Favela e Pentecostalismo: uma perspectiva a partir do interior do Estado do Rio de Janeiro. Evangélicos e periferias urbanas em São Paulo e Rio de Janeiro: estudos de sociologia e antropologia urbana. Dário Paulo Barreira Rivera (org.). 1.ed. Curitiba, PR: CRV, 2012.

_____. Religiosidade pentecostal e ordem violenta em favelas na cidade de Campos dos Goytacazes, 2013 No prelo.

NOVAES, R. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (orgs.). Culturas jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p.105 – 120.

_____. Juventudes, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? In: H.W. Abramo e P.P.M. Branco (Orgs). Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

_____. Juventudes Cariocas: mediações e conflitos e encontros culturais. In: VIANNA.H. (org) "Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais". Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2003.

_____. Os jovens "sem religião": ventos secularizantes, "es-pírito da época" e novos sincretismos - notas preliminares. Estudos Avançados, vol. 18, nº 52. p.321-330, USP: São Paulo, 2004.

_____. Juventude e sociedade: jogos de espelhos. "Revista Ciência e Vida –Sociologia", ano 1, n. 2, p 1-10. Edição Especial, 200

_____. Juventude e religião; marcos geracionais e novas modalidades sincréticas. Fiéis & Cidadãos – percursos de sincretismo no Brasil. SANCHIS, Pierre (Org.). Rio de Janeiro: Eduerj, p.181-207.2001.

Observatório Socioeconômico da Região Norte Fluminense. Boletim Técnico nº 43 5/2001: Favelas/comunidades de baixa renda no município de Campos dos Goytacazes, agosto de 2001.

OLIVEIRA, Julio Cesar Pinheiro de; PEDLOWSKI, Marcos Antonio. Estado e programas municipais de habitação popular em Campos dos Goytacazes (RJ). Anál. Social, Lisboa, n. 204, jul. 2012. Disponível em: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S000325732012000300007&s_cript=sci_arttext.

ORLANDI, Eni Puccinelli. As Formas do Silêncio no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PANDOLFI, Dulce Chaves & GRYNSZPAN, Mario (orgs.). A favela fala. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

PESSANHA, R. M. (Coord.). "Favelas/Comunidades de Baixa Renda no Município de Campos dos Goytacazes". Observatório Socioeconômico da Região Norte Fluminense. Nº 5, agosto, 2001.

PICCOLO, Fernanda, Desigualdades sociais, práticas educativas e juventude numa favela carioca. VELHO, Gilberto e Duarte, Luiz Fernando (org), 2010.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Interesses religiosos dos sociólogos da religião. In: ORO, Ari Pedro; Steil, Carlos A. (orgs) Globalização e religião. Petrópolis, Vozes, 1997 PÓVOA, F. M. R. A municipalização da política de habitação popular em Campos dos Goytacazes. Dissertação de Mestrado em Políticas Sociais: Campos dos Goytacazes, CCH/UENF, 2002.

RIBEIRO, V. S. P. Ações pentecostais nas favelas de campos dos goytacazes-rj: as mediações de amparo e assistencialismo. Monografia de Conclusão de Curso. Campos dos Goytacazes/RJ: UENF, 2012.

RODRIGUES, S. Como a Juventude Brasileira se Relaciona com a Religião? (artigo publicado no site do Observatório Jovem da Universidade Federal Fluminense em 12 de junho de 2007 - <http://www.uff.br/obsjovem/mambo/>).

ROLIM, Francisco Cartaxo, O que é Pentecostalismo, ED. Brasiliense, SP, 1987.

ROMERO, Mariana Taube. “AGORA EU FAÇO A DIFERENÇA”: projeto Amar (PA) e Christian Metal Force (CMF) - experiências religiosas e vivências do mundo entre grupos de jovens da Igreja Renascer em Cristo em Florianópolis. Dissertação de Mestrado: UDESC, 2005.

SALVA, Sueli. Narrativas da Vivência Juvenil Feminina: histórias e poéticas produzidas por jovens de periferia urbana de Porto Alegre, Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Educação. Porto Alegre, 2008.

SANCHIS, Pierre. Religiões, religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In: Sanchis, P. (org.). Fiéis e cidadãos - percursos de sincretismos no Brasil. Rio de Janeiro : EdUERJ, 2001.

SANCHIS, Pierre. “O campo religioso contemporâneo no Brasil” In: Oro, Ari Pedro; Steil, Carlos A. (orgs) Globalização e religião. Petrópolis, Vozes, 1997.

SCOTT, Russell Parry; CANTARELLI, Jonhny. Jovens, religiosidade e aquisição de conhecimentos e habilidades entre camadas populares. Caderno CHR, Salvador, v.17, n. 42, p 375-388, Set./Dez. 2004.

SIMMEL, Georg. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SILVEIRA, Natalia dos Santos. Líderes pentecostais e juventude: religiosidade no contexto da favela Monografia de Conclusão de Curso. Campos dos Goytacazes/RJ: UENF, 2010.

SOFIATI, F. A Juventude no Brasil: história e organização. [online] Disponível na Internet via http://www.fflch.usp.br/ds/pos_graduacao/simposio/m_10_Flavio_Munhoz_Sofiati.pdf .html Arquivo capturado em 15 de julho de 2010.

SOUZA, S. Existir no tráfico: percepções e vivências dos jovens traficantes de drogas da favela baleeira. Dissertação de mestrado em Sociologia Política, UENF, 2010.

_____. Vivências juvenis e criminalidade na favela Baleeira em Campos dos Goytacazes. Monografia de Conclusão de Curso. Campos dos Goytacazes/RJ: UENF, 2007.

STEIL, Carlos Alberto (Orgs.). Globalização e religião. Petrópolis: Vozes, 1997.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In ABRAMO, H. e BRANCO, Pedro Paulo (orgs). Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto da Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, p. 129-148, 2005.

TEIXEIRA, C. O pentecostalismo em contextos de violência: Reflexões sobre religiosidade popular. "Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e religião". Porto Alegre, ano 10, n. 10, 2008, p. 181-205

VALLADARES, Licia do Prado. A invenção da favela: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

_____. "A Gênese da Favela Carioca: a produção anterior as Ciências Sociais". Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 15, nº 44, 2000.

VELHO, Gilberto. Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. 6.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. "Observando o familiar". In: NUNES, Edson de Oliveira (organizador). A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro, Zahar, p. 36-46, 1987.

ZALUAR, A. e ALVITO, M. (Orgs.). Um Século de Favela. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. ZALUAR, Alba. Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas. RJ: FGV, 2004

_____. A Máquina e a Revolta: as Organizações Populares e o Significado da Pobreza. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

ANEXOS

Fotos de espaços na cidade



Fotografia 1 da Ponte Leonel de Moura Brizola.



Fotografia 2 da Avenida Gilberto Cardoso. Fotografia tirada por Naiana Bertoli



Fotografia 3 da Avenida Gilberto Cardoso. Fotografia tirada por Naiana Bertoli



Fotografia 4 da Avenida Pelinca. Fotografia tirada por Naiana Bertoli

Favela Baleeira



Fotografia 8 extraída do Google Maps no dia
29/04/2013



Fotografia 9 extraída do Google Maps no dia 29/04/2013



Fotografia 10 extraída do Google Maps no dia 29/04/2013

Favela Matadouro



Fotografia 11 extraída do Google Maps no dia 29/04/2013



Fotografia 12 extraída do Google Maps no dia 29/04/2013



Fotografia 13 extraída do Google Maps no dia 29/04/2013



Fotografia 14 extraída do Google Maps no dia 29/04/2013

Favela São Matheus



Fotografia 15 extraída do Google Maps no dia 29/04/2013



Fotografia 16 extraída do Google Maps no dia 29/04/2013



Fotografia 17 extraída do Google Maps no dia 29/04/2013



Fotografia 18 extraída do Google Maps no dia 29/04/2013

Favela Tira Gosto



Fotografia 19 extraída do Google Maps no dia 29/04/2013



Fotografia 20 extraída do Google Maps no dia 29/04/2013



Fotografia 21 extraída do Google Maps no dia 29/04/2013

Imagem enviada pelo Jovem B através de email

BALEEIRA É
A.D.A
3L

É O
PODER.

Baleeira Rj



A.D.A

